Guia dos Roedores do Brasil

Com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos








Organização Pan-Americana da Saúde

Escritório Regional para as Américas da
Organização Mundial da Saúde

Saúde Pública Veterinária
PANAFTOSA - OPAS/OMS

Guia dos roedores do Brasil, com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos

C. R. Bonvicino[1,2], J. A. de Oliveira [3] e P. S. D'Andrea [2]

1. Programa de Genética, Instituto Nacional de Câncer, Rio de Janeiro.
2. Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios, IOC-Fiocruz, Rio de Janeiro.
3. Setor de Mamíferos, Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Rio de Janeiro.



Organização Pan-Americana da Saúde

Escritório Regional para as Américas da
Organização Mundial da Saúde

Saúde Pública Veterinária
PANAFTOSA - OPAS/OMS

O conteúdo desta guia não exprime necessariamente a opinião da Organização Pan-Americana da Saúde.

Ficha Catalográfica

Bonvicino, C. R.

Guia dos Roedores do Brasil, com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos / C. R. Bonvicino, J. A. Oliveira, P. S. D'Andrea. - Rio de Janeiro: Centro Pan-Americano de Febre Aftosa - OPAS/OMS, 2008.

120 p.: il. (Série de Manuais Técnicos, 11)

Bibliografia
ISSN 0101-6970

1. Roedores. 2. Brasil. I. Oliveira, J. A. II. D'Andrea, P. S. III. Título. IV. Série.

SUMÁRIO





PRÓLOGO

A concepção da idéia da elaboração deste guia surgiu durante a realização do I Curso de Taxonomia e Sistemática de Roedores Silvestres, realizado no Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, na Fiocruz, em Recife, em 2005, para técnicos de serviços de saúde que atuavam no grupo de vigilância ecoepidemiológica de hantavírus da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), do Ministério da Saúde (MS). Durante esse curso, ficou evidente a necessidade de um guia para identificação dos roedores brasileiros considerando-se a necessidade de uma identificação inicial pelos técnicos envolvidos nas atividades de pesquisa de campo e no monitoramento e/ou controle de roedores reservatórios em áreas endêmicas de zoonoses.

A compreensão da dinâmica da ocorrência e expansão de zoonoses está em geral vinculada ao conhecimento da biologia das espécies de roedores reservatórios envolvidas, particularmente dos fatores que determinam sua reprodução e eventuais explosões populacionais, seus hábitos e, ainda, sua distribuição no espaço geográfico. Entretanto, na base da compreensão desses fatores, está a correta identificação das espécies, uma tarefa mais difícil nessa situação, dada a grande diversidade de espécies de roedores e considerando-se as lacunas no conhecimento taxonômico ainda persistentes.

Este guia foi concebido no sentido de possibilitar uma identificação preliminar dos animais no campo, com base em caracteres morfológicos externos, como tamanho e forma do corpo, cor e tipo de pelagem, entre outros caracteres diagnósticos de cada espécie. Consideraram-se, também, as áreas de distribuição geográfica conhecidas até o momento para cada espécie.

Este material pode ser avaliado, também, como fruto do amadurecimento das relações entre a Secretaria de Vigilância em Saúde (MS), a Organização Pan-Americana da Saúde, o Instituto Oswaldo Cruz-Fiocruz/RJ e o Museu Nacional/UFRJ.

Mauro da Rosa Elkhoury
Ponto Focal para Enfermidades por Hantavírus
Representação OPAS – Brasília
Organização Pan-Americana da Saúde
Organização Mundial da Saúde



APRESENTAÇÃO

O Centro Pan-Americano de Febre Aftosa, Centro de Referência Regional da OPAS para Zoonoses, tem a satisfação e o orgulho de apresentar o *Guia dos Roedores do Brasil.*

A detecção de "novas doenças" em um ritmo muito próximo de uma "doença nova" a cada ano, muitas das quais com roedores silvestres envolvidos em sua transmissão – como hantavírus e arenavírus - exige que pesquisas e trabalhos de campo com esses animais sejam realizados cada vez mais e com um número sempre crescente de investigações. Essas atividades, por sua vez, necessitam de um guia que permita, ainda no campo, uma identificação preliminar ou inicial desses animais, que aperfeiçoará os trabalhos e seus respectivos resultados.

Esta obra tem por finalidade preencher uma lacuna existente na bibliografia especializada e por objetivo fornecer subsídios e informações para pesquisadores, investigadores de campo, professores, estudantes e profissionais das áreas de biologia e de medicina veterinária, entre outras, com vistas a identificar e conhecer melhor os gêneros e as espécies de roedores nos biomas brasileiros, bem como contribuir e auxiliar nos processos de formação e de capacitação de recursos humanos.

Dr. Albino José Belotto
Diretor do Centro Pan-Americano de Febre Aftosa
Coordenador de Saúde Pública Veterinária
Organização Organização Pan-Americana da Saúde
Organização Mundial da Saúde



INTRODUÇÃO

São listados aqui 74 gêneros e 236 espécies de roedores com ocorrência no Brasil, a partir de informações obtidas da bibliografia e do estudo de espécimes de coleções.

Os gêneros são caracterizados a partir de dimensões externas, coloração e tipo de pelagem das espécies incluídas. Os adjetivos utilizados para descrever a coloração da pelagem e as formas dos pêlos foram escolhidos de forma a corresponder às definições do dicionário Houaiss (Houaiss & Mauro de Salles, 2001). Nos casos em que foi necessário distinguir os tipos de pêlo, os mais desenvolvidos foram denominados pêlos-guarda, os intermediários em desenvolvimento de sobrepêlos, ambos eventualmente acrescidos de um adjetivo que melhor qualificasse a forma, e os pêlos da camada mais curta da pelagem (codário) de subpêlos. O termo vibrissas foi utilizado para os pêlos sensoriais da cabeça, e os termos pêlos ungueais ou tufos ungueais para os pêlos que se projetam sobre as garras. O tamanho do corpo foi caracterizado com os termos pequeno, médio, grande e muito grande, que devem ser balizados pelas medidas corporais externas e pela massa corporal, fornecidas nas tabelas. Essas medidas, reportadas em milímetros, foram compiladas a partir de publicações ou obtidas pela consulta direta às etiquetas de espécimes de museu: comprimento total (CT), comprimento cabeça-corpo (referido no texto como comprimento do corpo, CC), comprimento da cauda (CA), pata posterior com unha (PÉ), orelha interna (O) e massa corporal em gramas (MC). Na linha superior de cada célula das tabelas são reportados a média e o número total (n) de exemplares medidos; o intervalo de variação (valores mínimos e máximos da série medida) é reportado na linha inferior. As médias e os intervalos de variação das medidas nas tabelas, assim como os caracteres qualitativos destacados nas descrições e nas chaves, referem-se a indivíduos adultos.

Hábitos resumem o modo de vida e abrangem quatro categorias: (1) terrestre, (2) arborícola, (3) fossorial e (4) aquática. Hábitat resume a ocorrência em relação aos domínios morfoclimático e formações vegetais do Brasil.

Distribuição refere-se à distribuição geográfica em território nacional pelos estados da Federação. Os mapas mostram as áreas de distribuição aproximada de cada espécie, delimitadas unindo-se os pontos de ocorrência mais extremos. Quando há sobreposição parcial nas distribuições das espécies, o limite da distribuição de uma delas está em preto.

A classificação segue Musser & Carleton (2005), Thorington Jr. & Hoffmann (2005) e Woods & Kilkpatrick (2005), exceto quando revisões mais recentes ficaram disponíveis. Uma vez que este guia destina-se a profissionais da área de saúde, que nem sempre estão familiarizados com a taxonomia dos roedores sul-americanos, é relevante enfatizar que a classificação desse grupo vem constantemente sendo modificada como resultado de revisões e novas descobertas. Como conseqüência, a diagnose dos gêneros e das espécies poderá ser alterada, assim como os limites de distribuição dos táxons aqui considerados.



CHAVE PARA SUBORDENS E FAMÍLIAS DE ROEDORES BRASILEIROS

A. Cauda volumosa e revestida de pêlos longos e multibandeados, geralmente mantida arqueada sobre o corpo quando o animal encontra-se parado; quatro ou cinco dentes molariformes em cada hemimandíbula ....Sciurognathi*:* Sciuridae

A'. Cauda longa ou curta, mas em geral revestida de pêlos curtos ou muito curtos, não multibandeados; três ou quatro dentes molariformes em cada hemimandíbula .... B

B. Três dentes molariformes em cada hemimandíbula, nunca apresentando mamas nas laterais do corpo, mas no ventre, nas regiões peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal ou em algumas dessas regiões; tamanho do corpo em geral variando de pequeno a mediano ....
....Sciurognathi: Cricetidae: Sigmodontinae
....Muridae

B'. Quatro dentes molariformes em cada hemimandíbula, podendo apresentar mamas nas laterais do corpo e na região inguinal; tamanho do corpo variando de mediano a muito grande .... Histricognathi



CHAVE PARA GÊNEROS DE SCIURIDAE COM OCORRÊNCIA NO BRASIL

1a. Muito pequeno (corpo menor do que 115 mm, comprimento total menor do que 240 mm, adultos com menos de 50 g).. *Sciurillus*

1b. Comprimento do corpo maior do que 115 mm, adultos com mais de 50g 2

2a. Orelhas curtas, não sobressaindo do perfil da cabeça; cauda mais curta do que o corpo, comprimento total médio entre 240 e 260 mm, três pares de mamas, dois pré-molares em cada hemimandíbula..... *Microsciurus*

2b. Orelhas longas, sobressaindo do perfil da cabeça; cauda tão longa ou maior do que o corpo; um pré-molar apenas em cada hemimandíbula 3

3a. Tamanho menor (350 a 380 mm de comprimento total)... *Guerlinguetus*

3b. Tamanho maior (490 a 580 mm de comprimento total)...*Urosciurus*

GÊNERO *SCIURILLUS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA SCIURIDAE, SUBFAMÍLIA SCIURINAE

Descrição: tamanho pequeno, o menor dos esquilos encontrados no Brasil. Cauda um pouco maior do que o comprimento do corpo. Coloração do dorso cinza-clara, a cabeça às vezes mais avermelhada, mais clara em direção às laterais e ao ventre, que é levemente lavado de laranja. Vibrissas longas, escuras, as maiores ultrapassando o limite posterior da cabeça. Orelhas curtas, internamente revestidas por pêlos predominantemente alaranjados, que ocultam tufos pós-auriculares brancos. Anel estreito de pêlos brancos em torno dos olhos. Cauda com pêlos longos de cor similar à do dorso, com uma linha longitudinal preta na superfície média inferior. Patas revestidas por pêlos curtos totalmente negros e por pêlos curtos com a parte distal alaranjada, particularmente nos bordos e sobre os dígitos, que se estendem até a base das garras. Três pares de mamas, um pós-axilar, um abdominal e um inguinal.

Espécies no Brasil: *Sciurillus pusillus.*
Medidas (Moojen, 1942[a]; Emmons & Feer, 1997[b]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O	MC
S. pusillus	93 (4) [a] 90-103	103 (4) [a] 79-125	25 (4) [a] 23-26	10-15 [b]	33-45 [b]

Hábito e hábitat:
Arborícola. Ocorre em partes restritas e separadas da Floresta Amazônica, habitando todos os estratos do dossel de algumas florestas de baixada, sempre-verdes.

Distribuição no Brasil:
S. pusillus: no estado do Amapá, próximo à fronteira com a Guiana Francesa, e na região do Baixo Rio Madeira e Baixo e Médio Rio Tapajós, incluindo o Rio Teles Pires (Anthony & Tate, 1935; Moojen, 1952).



Mapa 1. Distribuição de *Sciurillus pusillus* no Brasil.

GÊNERO *GUERLINGUETUS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA SCIURIDAE, SUBFAMÍLIA SCIURINAE

Descrição: esquilo de tamanho médio, com cauda volumosa de comprimento igual ou maior do que o corpo. Orelhas grandes, projetando-se sobre o perfil da cabeça. Pelagem do corpo curta e macia (*Guerlinguetus aestuans, G. alphonsei* e *G. gilvigularis*), ou mais longa, densa e crespa (*G. ingrami*), variando de castanho-avermelhada tracejada de preto (*G. aestuans, G. ignitus, G. poaiae*) a olivácea e cinza-olivácea (*G. alphonsei, G. ingrami*), e de laranja-escura a amarelo-clara no ventre. Cauda coberta de pêlos longos da mesma cor do dorso em seu trecho basal, mas mesclada de preto e castanho-avermelhado, alaranjado, amarelo-claro ou mesmo esbranquiçado em razão das bandas dos pêlos, no restante. Quatro pares de mamas, exceto em *G. ignitus,* que tem três.



Figura 1. *Guerlinguetus ingrami.*

Espécies no Brasil: *Guerlinguetus aestuans, Guerlinguetus alphonsei, Guerlinguetus ignitus, Guerlinguetus ingrami, Guerlinguetus gilvigularis, Guerlinguetus henseli* e *Guerlinguetus poaiae*. Essas espécies têm sido tratadas como sinônimos de *Sciurus aestuans*, mas são aqui distinguidas em um gênero próprio e em sete espécies com base nas revisões taxonômicas mais abrangentes disponíveis até o momento (Allen, 1915; Moojen, 1943).

Medidas (Allen, 1915[a]; Moojen, 1942[b]; Emmons & Feer, 1997[c]; Patton *et al*., 2000[d]; Voss *et al*., 2001[e]; presente estudo[f]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
G. aestuans [e]	185,2 (5) 181-189	182,5 (4) 172-190	49,5 (5) 47-51	23,2 (5) 23-24	188,5 (5) 175-210
G. alphonsei	181 (8) [a] 165-185	178 (8) [a] 170-190	44 (8) [a] 42-45	20,6 (3) [f] 19-22	160 (4) [f] 120-190
G. ignitus [a, c, d]	180 (10) [a] 160-198 180-195 [c]	178 (10) [a] 160-180 187,4 (7) [d] 152-203	46 (10) [a] 45-48 49,8 (8) [d] 48-51	23,8 (8) [d] 23-26	225-240 [c]
G. ingrami	196 (34) [b] 150-215	193 (33) [b] 152-235	49 (34) [b] 45-52	21,7 (13) [f] 19-24	169 (4) [f] 125-216
G. gilvigularis [b]	176 (77) 132-205	189 (75) 136-215	46 (77) 38-50	-	-
G. henseli [f] (holótipo)	168	181	45	20	-
G. poaiae	173 (5) [b] 165-180	167 (4) [b] 140-180	45 (5) [b] 43-46	22,3 (3) [f] 22-23	-

Hábito e hábitat:

Arborícola e terrestre. Habita estratos baixos e intermediários de florestas pluviais de baixada e de florestas montanhosas, sempre-verdes, semidecíduas e decíduas, primárias ou alteradas, na Floresta Amazônica, na Mata Atlântica, no Cerrado e na Caatinga.

Distribuição no Brasil:

G. aestuans: estados de Roraima, Amapá, noroeste do Pará e nordeste do Amazonas, ao norte do Rio Amazonas;

G. alphonsei: região da costa, do estado de Pernambuco ao da Bahia;

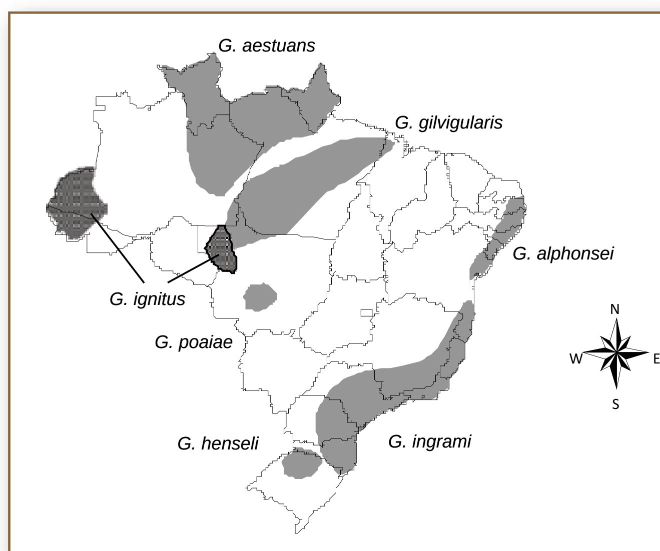
G. gilvigularis: terras baixas da Amazônia, desde as proximidades das Guianas até o Alto Rio Tapajós, estendendo-se para oeste até o Alto Purus e margem esquerda do Rio Negro, sem atingir a costa do Pará (Moojen, 1942);

G. henseli: sul do estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Moojen, 1942);

G. ingrami: sudeste do Brasil, do sudeste da Bahia ao norte do Rio Grande do Sul;

G. ignitus: região do Alto Rio Juruá, no oeste da bacia amazônica (Pinto, 1931; Vieira, 1948; Patterson, 1992; Patton *et al.*, 2000) e possivelmente cabeceiras do Rio Aripuanã, no noroeste do estado do Mato Grosso (Cabrera, 1961);

G. poaiae: estado do Mato Grosso, Chapada (Tapirapoã); do Alto Rio Paraguai ao Rio Paranatinga (Moojen, 1942).



Mapa 2. Distribuição das espécies de *Guerlinguetus* no Brasil.

GÊNERO *MICROSCIURUS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA SCIURIDAE, SUBFAMÍLIA SCIURINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda pouco volumosa, mais curta do que o corpo, orelhas não sobressaindo do perfil da cabeça. Pelagem dorsal castanho-oliválcea a alaranjada, ventre variando entre castanho-claro e castanho-avermelhado. Uma mancha de pêlos longos esbranquiçados atrás das orelhas (Allen, 1914). Cauda de cor similar à do corpo, na base, e preta mesclada de castanho, ou castanho-amarelada, na parte distal (Pinto, 1931). Três pares de mamas.

Espécies no Brasil: *Microsciurus flaviventer*.

Medidas (Moojen, 1942[a]; Emmons & Feer, 1997[b]; Patton *et al.*, 2000[c]) :

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O	MC
M. flaviventer	140 (2) [a] 120-160 [b]	132,8 (9) [c] 126-140	42,3 (9) [c] 41-45	10-17 [b]	60-128 [b]

Hábito e hábitat:
Arborícola. Habita o dossel das matas pluviais sempre-verdes no oeste da bacia amazônica.

Distribuição no Brasil:
M. flaviventer: oeste do estado do Amazonas e noroeste do Acre, a oeste da confluência entre os Rios Negro, Purus e Solimões (Emmons & Feer, 1997).



Mapa 3. Distribuição de *Microsciurus flaviventer* no Brasil.

GÊNERO *UROSCIURUS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA SCIURIDAE, SUBFAMÍLIA SCIURINAE

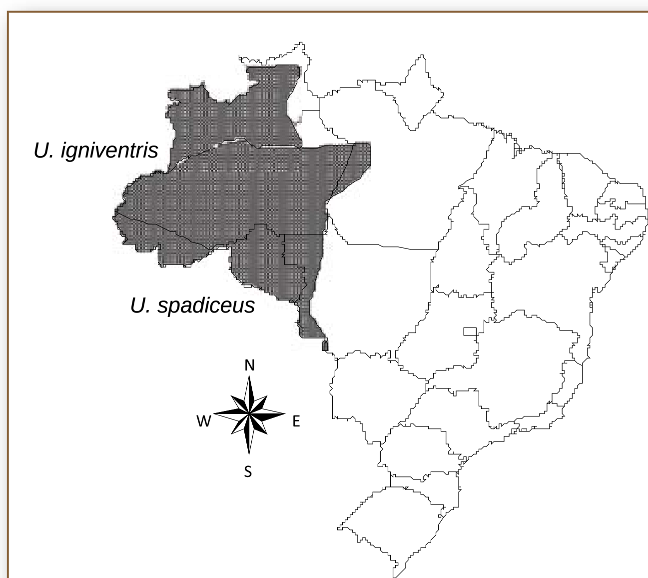
Descrição: tamanho grande, forma geral robusta, cauda bastante volumosa e mais longa do que o comprimento do corpo, provida de pêlos longos. Pelagem do corpo fina e curta, variando de amarelo a/ou alaranjada tracejada de preto (*U. igniventris*), a alaranjado-escura ou castanho-avermelhada (*U. spadiceus*). O topo da cabeça preto com um capuz bem definido e sem tufos pós-auriculares conspícuos (*U. spadiceus*), ou castanho-avermelhado, ou alaranjado, sem capuz e com tufos pós-auriculares (*U. igniventris*). A superfície superior das patas posteriores é vermelho-alaranjada nas duas espécies, sendo que em *U. spadiceus* esse padrão é tracejado de preto. Quatro pares de mamas.

Espécies no Brasil: *Urosciurus igniventris* e *Urosciurus spadiceus.*
Medidas (Moojen, 1942[a]; Emons & Feer, 1997[b]; Patton *et al.*, 2000[c]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC
U. igniventris	305 (3) [a] 265-310	275 (3) [a] 270-285	67(3) [a] 66-68	36 [c]	500-900 [b]
U. spadiceus	240-290 [b]	266,4 (7) [c] 242-288	67,3 (7) [c] 65-70	32,4 (7) [c] 29-34	600-650 [b]

Hábito e hábitat: arborícola e terrestre. Habita os estratos baixos do dossel de florestas primárias e alteradas no oeste da bacia amazônica.

Distribuição no Brasil:
U. igniventris: ao norte do Rio Amazonas e a oeste do Rio Negro (Emmons & Feer, 1997);
U. spadiceus: ao sul do Rio Amazonas e a oeste do Rio Tapajós (Emmons & Feer, 1997).



Mapa 4. Distribuição das espécies de *Urosciurus* no Brasil.



CHAVE PARA GÊNEROS DE SIGMODONTINAE COM OCORRÊNCIA NO BRASIL

1a. - Comprimento da cauda menor que o comprimento do corpo 2
1b. - Comprimento da cauda igual ou maior que o do corpo 21

2a. - Garras desenvolvidas nas patas anteriores ou posteriores (maiores do que 4 mm em indivíduos adultos)...3
2b. - Garras não conspicuamente desenvolvidas..7

3a. - Cor do ventre similar ou apenas um pouco mais clara que a do dorso 4
3b. - Cor do ventre definitivamente mais clara que a do dorso...............................5

4a. - Tamanho pequeno, pelagem híspida, orelhas e olhos muito reduzidos .... *Blarinomys*
4b. - Tamanho médio a grande, pelagem longa e macia, orelhas e olhos normais... *Kunsia*

5a. - Focinho afilado...6
5b. - Focinho normal .... *Scapteromys*

6a. - Cauda com pêlos curtos, escamas normalmente visíveis, focinho muito afilado .... *Oxymycterus*
6b. - Cauda densamente coberta de pêlos que escondem totalmente as escamas, focinho menos afilado .... *Juscelinomys*

7a. - Dorso recoberto com pêlos-guarda rígidos, aristiformes................................8
7b. - Pelagem do dorso macia, pêlos-guarda não aristiformes 10

8a. - Limite bem definido entre a cor do ventre e das laterais do corpo, cauda pouco pilosa.. *Neacomys*
8b. - Sem limite definido entre a cor do ventre e das laterais do corpo 9

9a. - Patas posteriores curtas e largas... *Scolomys*
9b. - Patas posteriores longas... *Abrawayaomys*

10a. - Região do focinho bastante intumescida, coberta de pêlos esbranquiçados, apresentan do coloração rosada em animais vivos .... *Bibimys*
10b. - Região do focinho não particularmente intumescida................................ 11

11a. - Cauda muito pequena, menor que a metade do comprimento do corpo, orelhas e olhos reduzidos .... *Thaptomys*
11b. - Cauda maior do que a metade do comprimento do corpo 12

12a. - Presença de tufo de pêlos brancos escondido atrás das orelhas.............. 13
12b. - Sem pêlos brancos imediatamente atrás das orelhas............................... 14

13a. - Tamanho menor (CC = 77-105; CA = 60-75; PÉ = 20-22,5; O = 13,5-21; MC = 14,6-31g); Incisivo sem fenda longitudinal anterior.................................. *Calomys*
13b. - Tamanho maior (CC = 115-141; CA = 94-100; PÉ = 27-31; O = 23-24; MC = 85g); incisivo com sulco anterior .... *Reithrodon*

14a. - Olhos pequenos... 15
14b. - Olhos normais... 16

15a. - Focinho afilado, orelhas grandes ....*Brucepattersonius*
15b. - Focinho normal, orelhas pequenas .... *Neusticomys*

16a. - Coloração geral do dorso amarelo-clara ou laranja, coloração do ventre esbranquiçada ....*Thalpomys*
16b. - Coloração geral do dorso castanho-escura, ventre amarelado, acinzentado ou esbranquiçado 17

17a. - Presença de anel de pêlos amarelados ao redor dos olhos, cauda mais pilosa, obstruindo as escamas epidérmicas.. *Necromys*
17b. - Ausência de anel de pêlos claros ao redor dos olhos, cauda menos pilosa, escamas epidérmicas discerníveis a olho nu 18

18a. - Cinco pares de mamas, incisivos superiores com sulco profundo ......*Sigmodon*
18b. - Quatro pares de mamas 19

19a. - Coloração geral do dorso bem escura, quase preta........................ *Deltamys*
19b. - Coloração geral do dorso mais clara, variando do acinzentado ao castanho-escuro 20

20a. - Distribuição ao norte do Rio Amazonas, cauda distintamente bicolor...........
....*Zygodontomys*
20b. - Distribuição ao sul do Rio Amazonas .... *Akodon*

21a. - Presença de membrana interdigital.. 22
21b. - Ausência de membrana interdigital 25

22a. - Membrana interdigital pouco desenvolvida ....*Pseudoryzomys*
22b. - Membrana interdigital desenvolvida 23

23a. - Comprimento da cauda muito maior que o comprimento do corpo.....*Lundomys*
23b. - Comprimento da cauda semelhante ao comprimento do corpo 24

24a. - Coloração geral do dorso castanho-escura, ventre esbranquiçado...... *Nectomys*
24b. - Coloração geral do dorso e do ventre castanho-alaranjada .... *Holochilus*

25a. - Presença de mancha escura conspícua na superfície superior das patas; tufo de pêlos no final da cauda... *Rhipidomys*
25b. - Ausência de mancha escura conspícua na superfície superior das patas.......26

26a. - Focinho e parte posterior do dorso mais alaranjado do que o restante da coloração geral do dorso 27
26b. - Focinho e parte posterior do dorso com coloração similar à do dorso 29

27a. - Coloração geral do dorso castanha, contrastando pouco com o focinho e a parte posterior do dorso, que são alaranjadas..*Juliomys*

27b. - Coloração geral do dorso cinza contrastando muito com as orelhas, o focinho e a parte posterior do dorso, que são alaranjadas 28

28a. - Coloração do ventre de puro branco ....*Wiedomys*

28b. - Coloração do ventre amarelo-acinzentada, base dos pêlos ventrais escura . ... *Wilfredomys*

29a. - Coloração geral do dorso uniformemente ferrugínea, ventre de puro branco com limite bem definido com a cor das laterais; banda de cor ferrugínea distinta na superfície superior das patas .... *Phaenomys*

29b. - Coloração geral do dorso não-ferrugínea; quando ferrugínea no ventre, com a base dos pêlos cinza 30

30a. - Coloração geral do dorso uniformemente alaranjada, sem limite definido com o ventre mais claro; pêlos do dorso estendem-se até a região proximal da cauda; o primeiro dígito das patas posteriores muito menor que os outros dígitos e com garra arredondada.. *Rhagomys*

30b. - Coloração geral do dorso variando do castanho ao amarelado; pêlos do dorso não se estendem até a região proximal da cauda; o primeiro dígito das patas posteriores com garra normal... 31

31a. - Patas curtas e largas; ventre branco puro ou esbranquiçado, com a base dos pêlos cinza, e limite bem definido com a cor das laterais do corpo............*Oecomys*

31b. - Patas longas e estreitas 32

32a. - Tamanho pequeno, adultos com menos de 45g 33

32b. - Tamanho médio, adultos com mais de 45g 34

33a. - Cauda geralmente maior que o comprimento do corpo............*Oligoryzomys*

33b. - Cauda igual ou pouco maior do que o comprimento do corpo; adultos com menos de 40g .... *Podoxymys*

34a. - Presença de uma linha mediana dorsal mais escura em adultos ... *Delomys*

34b. - Dorso sem linha mediana mais escura 35

35a. - Limite entre coloração dorsal e ventral bem definido 36

35b. - Limite entre coloração dorsal e ventral pouco definido 37

36a. - Pelagem dorsal castanho-escura, cauda indistintamente bicolor ou unicolor escura ....*Hylaeamys*

36b. - Pelagem dorsal mais clara, cauda quase sempre distintamente bicolor ....*Euryoryzomys*

37a. - Cauda maior que o corpo, superfície dorsal das patas clara, dorso castanho-amarelado ou alaranjado ....*Cerradomys*

37b. - Cauda muito maior que o corpo, presença de mancha de pêlos mais escuros na superfície dorsal das patas, pelagem longa, dorso castanho-escuro ....*Sooretamys*

GÊNERO *ABRAWAYAOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho médio, comprimento da cauda pouco menor do que o do corpo. Dorso e laterais cobertos por pêlos-guarda enrijecidos, aristiformes, com a base cinza-clara e extremidade preta ou amarelada e por sobrepêlos com extremidades amareladas, proporcionando um aspecto geral amarelo-acinzentado, finamente tracejado de preto. Orelhas grandes, revestidas internamente por pequenos pêlos escuros, mas pouco pilosas externamente. Laterais sem limite definido com a coloração do ventre, que tem um aspecto geral amarelo-claro, com as bases acinzentadas dos pêlos aparentes em algumas partes, principalmente nas axilas. Superfície superior das patas coberta por pequenos pêlos brancos e cinza-claros, revelando-se a cor da pele subjacente. Dígitos cobertos por pêlos pequenos e claros; tufos ungueais claros. Cauda pouco pilosa, com escamas aparentes.



Figura 2. *Abrawayaomys ruschi.*

Espécies no Brasil: *Abrawayaomys ruschi.*

Medidas (presente estudo):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
A. ruschi	125,5 (2) 116-135	100,5 (2) 85-116	30,5 (2) 29-32	18 (2) 16-20	55 (1)

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais da Mata Atlântica.

Distribuição no Brasil:

A. ruschi: estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, leste de São Paulo, leste de Minas Gerais e leste de Santa Catarina (Cherem *et al.*, 2005; *L. Geise,* com. pessoal).



Mapa 5. Distribuição de *Abrawayaomys ruschi.*

GÊNERO *AKODON*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



Figura 3. *Akodon montensis.*

Descrição: tamanho pequeno a médio, comprimento da cauda pouco menor do que o do corpo. Coloração do dorso variando do castanho-claro ao castanho-escuro, sem limite definido com a coloração do ventre, que é amarelo-acinzentada ou branco-acinzentada, com as bases dos pêlos acinzentadas. Orelhas grandes, pouco pilosas. Superfície superior das patas clara. Cauda pouco pilosa e com escamas epidérmicas aparentes. Quatro pares de mamas: peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal.

Espécies no Brasil: *Akodon azarae, Akodon cursor, Akodon lindberghi, Akodon montensis, Akodon mystax, Akodon paranaensis, Akodon reigi, Akodon sanctipaulensis, Akodon serrensis* e *Akodon toba*.

Medidas (Myers & Patton, 1989[a]; Hershkovitz, 1990[b]; Christoff, 1997[c]; Hershkovitz, 1998[d]; Christoff *et al*., 2000[e]; Pardiñas *et al*., 2003[f]; Gonçalves *et al*., 2007[g]; presente estudo[h]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ(n)	O (n)	MC (n)
A. azarae	94(34) [g] 75-113	67 (34) [g] 54-82	20 (34) [g] 19-23	14 [g] 12-16	22 [h]
A. cursor	104 (33) [g] 80-128	93 (33) [g] 72-118	26 (33) [g] 22-30	18 (33) [g] 14-21	45,5 (187) [h] 30-70
A. lindberghi [b]	92 (6) 86-94	63 (6) 56-66	18,7 (6) 18-19	13,3 (6) 13-14	18 (4) 16-19
A. montensis [c]	107 (44) 92-123	89,5 (42) 66-98	23,5 (43) 22-25	16,3 (42) 15-18	44,1 (23) 30-56
A. mystax	85 (54) [g] 66-111	68 (54) [g] 59-76	19 (54) [g] 16-22	13 (54) [g] 11-18	19 (12) [d] 16-25
A. paranaensis	109,8 (19) [e] 93-125	83,1 (19) [e] 72-89	22,8 (18) [e] 21,6-23,8	17,2 (19) [e] 12,8-19,7	32,4 (4) [f] 20-51
A. reigi	(8) [f] 92-123	(8) [f] 79-97	(8) [f] 23-27,6	(7) [f] 16-19	(1) [h] 30,1
A. sanctipaulensis [b]	93 (4) 86-100	72 (4) 63-81	23,8 (4) 23-25	15 (4) 13-17	-
A. serrensis	97,6 (9) [f] 90,5-110	84,8 (9) [f] 76-98,5	23,3 (9) [f] 22-25	15,2 (9) [f] 12,5-17	26,3 (33) [h] 16-42
A. toba [a]	118,6* (78) *média CT-média CA	85,1 (79)	25,5 (79)	19,2 (77)	-

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais, áreas abertas adjacentes e campos de altitude ao longo de toda a Mata Atlântica, Campos do Sul, áreas florestais da Caatinga e formações vegetais abertas e fechadas do Cerrado.

Distribuição no Brasil:

A. azarae: centro leste do estado do Rio Grande do Sul;

A. cursor: região costeira, do estado da Paraíba ao Paraná, e no leste do estado de Minas Gerais;

A. lindberghi: Distrito Federal e estado de Minas Gerais;

A. montensis: do estado do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul e no leste do estado de Minas Gerais;

A. mystax: endêmico do Maciço do Caparaó, em áreas de altitudes elevadas nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo (Hershkovitz, 1998; Gonçalvez *et al.*, 2007);

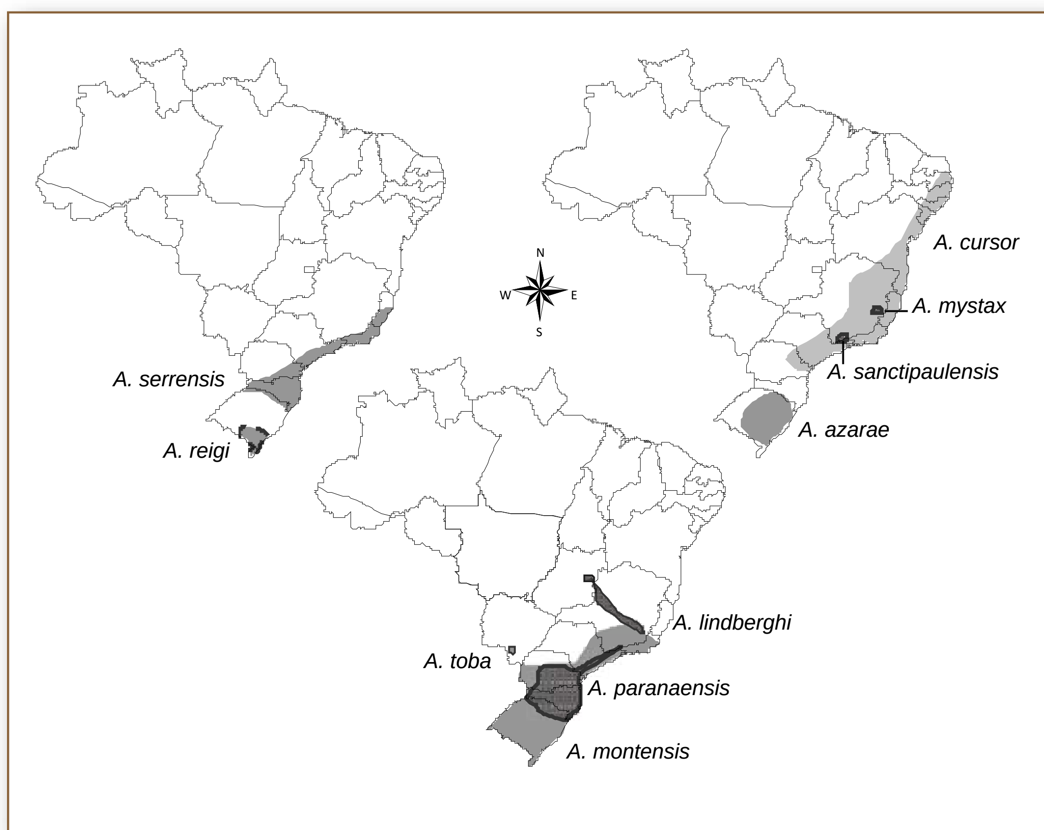
A. paranaensis: do estado do Rio de Janeiro ao norte do Rio Grande do Sul;

A. reigi: sudeste do estado do Rio Grande do Sul (González *et al.*, 1998);

A. sanctipaulensis: nordeste do estado de São Paulo (Hershkovitz, 1990);

A. serrensis: do estado do Espírito Santo ao norte do Rio Grande do Sul;

A. toba: sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul (Carmignotto, 2004).



Mapa 6. Distribuição das espécies de *Akodon* no Brasil.

GÊNERO *BIBIMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE


Figura 4. *Bibimys labiosus.*

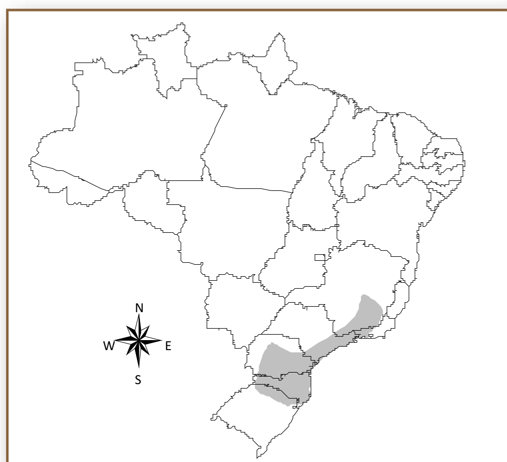
Descrição: tamanho pequeno, comprimento da cauda menor do que o do corpo. Pelagem do dorso em tons castanhos, de intensidade variável, a parte posterior algumas vezes mais escura. Laterais clareando-se em direção ao ventre, do qual são separadas por limite bem definido. Pêlos ventrais com partes distais esbranquiçadas e bases cinza-escuras. Região labial coberta por pêlos curtos esbranquiçados, formando uma área aveludada na ponta do focinho de 6-10 mm de diâmetro, que é muito inchada e de cor rosada em espécimes vivos. Patas anteriores e posteriores cobertas por pêlos grisalhos, ou inteiramente despigmentados, revelando-se a cor rosada da pele subjacente. Cauda moderadamente pilosa, mas com as escamas epidérmicas aparentes, e fracamente bicolor, com pêlos inteiramente castanho-escuros na superfície superior e com a metade distal esbranquiçada na superfície ventral.

Espécies no Brasil: *Bibimys labiosus*.

Medidas (Gonçalves *et al.*, 2005[a]; presente estudo[b]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
B. labiosus	85 (3) [a] 76-90	76 (2) [a,b] 69-85	22 (3) [a] 21-23	16 (3) [a] 14-18	(3) [b] 20-40

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais da Mata Atlântica.



Mapa 7. Distribuição de *Bibimys labiosus* no Brasil.

Distribuição no Brasil: *B. labiosus:* em localidades isoladas, do norte do Rio Grande do Sul ao sudeste de Minas Gerais e ao estado do Rio de Janeiro, onde um espécime (MN 62395) foi obtido em 5/8/1971 em Vieira, em Teresópolis.

GÊNERO *BLARINOMYS.*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda menor do que a metade do comprimento do corpo. Pelagem híspida. Coloração geral do dorso castanho-escura ou castanho-acinzentada, brilhante, os pêlos acinzentados na base e castanhos na metade distal. Ponta do focinho geralmente esbranquiçada. Ventre um pouco mais claro, mas similar ao dorso, sem delimitação nítida. Olhos e orelhas reduzidos e completamente escondidos na pelagem. Cauda unicolor, coberta por pêlos curtos, mas com as escamas visíveis. Patas curtas, castanhas, garras das patas anteriores e posteriores bem desenvolvidas.



Figura 5. *Blarinomys breviceps.*

Espécies no Brasil: *Blarinomys breviceps.*

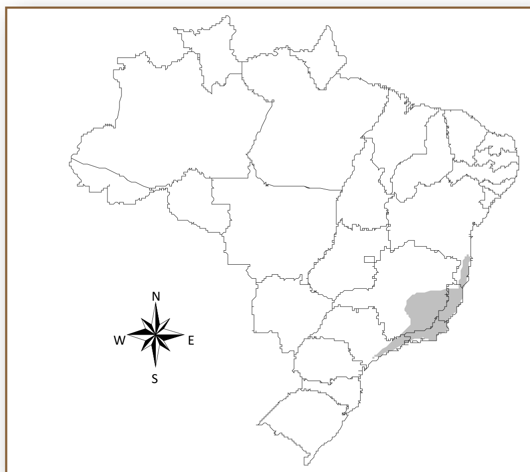
Medidas (Abravaya & Matson, 1975):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
B. breviceps	105 (3) 99-116	42,5 (3) 30-52	18,3 (3) 16-21	9,7 (4) 8-10	36 (3) 32-39

Hábito e hábitat: semifossorial. Habita formações florestais da Mata Atlântica.

Distribuição no Brasil:

B. breviceps: do sudeste do estado da Bahia ao leste de São Paulo e no leste do estado de Minas Gerais (Silva *et al.*, 2003).



Mapa 8. Distribuição de *Blarinomys breviceps*.

GÊNERO *BRUCEPATTERSONIUS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



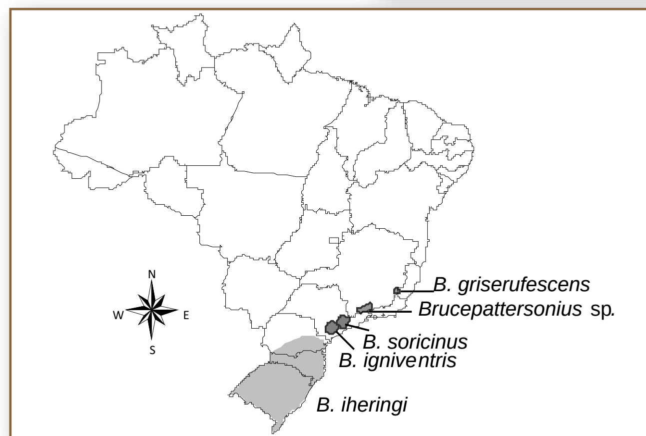
Figura 6. *Brucepattersonius sp.*

Descrição: tamanho pequeno a médio, cauda pouco menor do que o comprimento do corpo, orelhas grandes, olhos pequenos e focinho afilado. Pelagem dorsal uniformemente castanho-acinzentada, com limite pouco definido com a pelagem ventral, que é amarelo-acinzentada; patas anteriores e posteriores esparsamente cobertas de pequenos pêlos, uns brancos e outros acinzentados, que obstruem parcialmente o tom róseo subjacente da pele. Cauda fracamente bicolor, mais escura na superfície superior, pouco pilosa, com escamas facilmente distinguíveis. Três pares de mamas.

Espécies no Brasil (arranjo proposto por Vilela, 2005): *Brucepattersonius griserufescens, Brucepattersonius igniventris, Brucepattersonius iheringi, Brucepattersonius soricinus* e *Brucepattersonius* sp. *Brucepattersonius albinaus* foi sinonimizada com *B. griserufescens* (Vilela *et al*., 2006).

Medidas (Hershkovitz, 1998[a]; Mares & Braun, 2000[b]; presente estudo[c]):

Táxon (n)	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
B. griserufescens [b]	103 (12) 93-109	103 (10) 97-112	25 (13) 24-26	17,5 (12) 16-19	23,7 (12) 20-27
B. igniventris [b]	119 (3) 114-128	96 (2) 93-99	24,7 (3) 24-25	16,6 (3) 16-18	32 (3) 30-35
B. iheringi [a] (holótipo)	100 [a]	94 [a]	23,5 [a]	16,7 [a]	28 (22) [c]
B. soricinus [a]	103 (6) 98-110	83 (3) 82-85	25 (6) 24-26	16 (6) 15-17	-



Mapa 9. Distribuição das espécies de *Brucepattersonius* no Brasil.

Hábito e hábitat: terrestre e semifossorial. Habita formações florestais e campos de altitude da Mata Atlântica.

Distribuição no Brasil:

B. *griserufescens:* Maciço do Caparaó, entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo;

B. igniventris: sudeste do estado de São Paulo;

B. iheringi: do norte do Paraná ao Rio Grande do Sul;

B. soricinus: centro-leste do estado de São Paulo.

GÊNERO *CALOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda menor do que o comprimento do corpo. Coloração do dorso variando de castanho-acinzentada a castanho-amarelada, as laterais mais claras, apresentando limite bem definido com o ventre, que é esbranquiçado, com a base dos pêlos cinza. Possui tufos de pêlos brancos característicos na parte basal atrás das orelhas, que são curtas. Cauda fina, escura na parte dorsal e clara na parte ventral. Superfície superior das patas clara. Pêlos ungueais claros ultrapassam, mas não ocultam as garras. Possuem quatro ou cinco pares de mamas.



Figura 7. *Calomys expulsus*.

Espécies no Brasil: *Calomys aff. callosus, Calomys callosus, Calomys expulsus, Calomys laucha, Calomys tener* e *Calomys tocantinsi.*

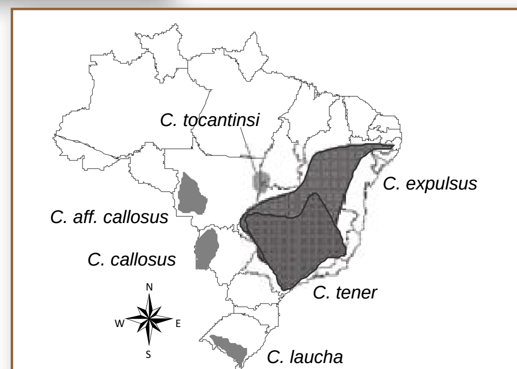
Medidas (Hershkovitz, 1962[a]; Bonvicino & Almeida, 2000[b]; Bonvicino *et al.* , 2003[c]; presente estudo[d]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
C. aff. callosus [d]	184,5 (10) 172-204	80,8 (10) 73-89	14,9 (10) 13-18	21,1 (10) 19-23	34,6 (10) 24-50
C. callosus [b]	98 (29)	72,3 (29)	20,9 (29)	16,8 (29)	29,9 (29)
C. expulsus [b]	99,7 (21)	2,1 (21)	20,2 (21)	17,0 (21)	28,2 (21)
C. laucha	65 (10) [a] 57-76	48 (10) [a] 42-54	14 (10) [a] 13-15	(4) [d] 12-13	(3) [d] 16-22
C. tener [b]	77,5 (11)	60,6 (11)	16,6 (11)	14,2 (11)	14,5 (11)
C. tocantinsi [c]	90,1 (10) 77-105	66,6 (10) 60-75	21,2 (10) 20-22,5	17 (10) 13,5-21	25,3 (8) 14,6-31

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais e abertas da Caatinga, do Cerrado e do Pantanal, além de algumas formações florestais da Mata Atlântica em seu limite com o Cerrado.

Distribuição no Brasil:

C. aff. callosus: oeste do estado do Mato Grosso;
C. callosus: oeste do estado do Mato Grosso do Sul;
C. expulsus: sul do estado do Piauí, Pernambuco, oeste da Bahia, Goiás, Minas Gerais, norte de São Paulo e Distrito Federal;
C. laucha: sul do estado do Rio Grande do Sul;
C. tener: estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e Goiás, além do Distrito Federal;
C. tocantinsi: estados do Tocantins (sudoeste), noroeste de Goiás e leste do Mato Grosso (Bonvicino *et al.*, 2003).



Mapa 10. Distribuição das espécies de *Calomys* no Brasil.

GÊNERO *CERRADOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



Figura 8. *Cerradomys subflavus.*

Descrição: tamanho médio a grande, cauda maior que o comprimento do corpo. Coloração do dorso variando de castanho-escura a castanho-amarelada, com pêlos mais claros nas laterais e limite pouco definido com o ventre, que é esbranquiçado ou amarelado. Cabeça da cor do dorso, exceto em *Cerradomys subflavus,* que possui a cabeça acinzentada. Cauda pouco pilosa. Patas longas e estreitas, geralmente com a superfície superior recoberta de pêlos claros. Quatro pares de mamas: peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal.

Espécies no Brasil: *Cerradomys maracajuensis, Cerradomys marinhus, Cerradomys scotti* e *Cerradomys subflavus.*

Medidas (Langguth & Bonvicino, 2000[a]; Bonvicino, 2003[b]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
C. maracajuensis [a]	(3) 154-180	(3) 169-210	(3) 38-43	(3) 21-23	(2) 85-143
C. marinhus [b]	168 (11)	191 (11)	40 (11)	21,6 (11)	108,4 (11)
C. subflavus [b]	160 (17)	177,5 (17)	35,25 (17)	24,25 (17)	73 (17)
C. scotti [a]	(5) 116-152	(4) 133-166	(5) 30-34	(5) 20-25	(5) 54-126

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestadas e formações abertas da Mata Atlântica, do Cerrado, da Caatinga e do Pantanal.

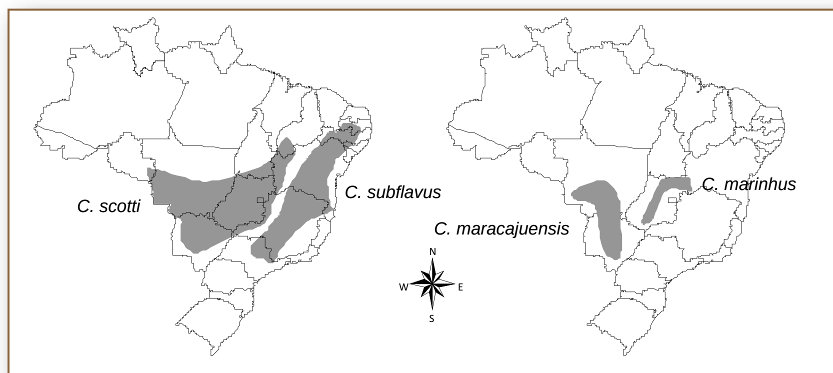
Distribuição no Brasil:

C. maracajuensis: centro-sul do estado do Mato Grosso e região central do Mato Grosso do Sul;

C. marinhus: sudoeste do estado da Bahia e nordeste e centro-sul de Goiás;

C. scotti: Goiás e Distrito Federal e oeste de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, sudeste de Tocantins, sul do Piauí, oeste da Bahia, centro-sul do Mato Grosso, centro e nordeste do Mato Grosso do Sul e sudeste de Rondônia (Bonvicino *et al.*, 2005; Carmignotto, 2004);

C. subflavus: norte do estado de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba. Atualmente estão sendo descritas duas novas espécies para as populações do nordeste e norte de Minas Gerais.



Mapa 11. Distribuição das espécies de *Cerradomys* no Brasil.

GÊNERO *DELOMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho médio, cauda de tamanho aproximadamente igual ou um pouco maior do que o corpo. Pelagem dorsal variando de castanho-avermelhada a castanho-acinzentada, mais enegrecida na linha média dorsal, onde se forma em *D. dorsalis*, e, em alguns espécimes das outras espécies, uma linha castanho-escura da nuca até a base da cauda. Orelhas grandes e pouco pilosas. Em adultos de *D. sublineatus* o limite da pelagem entre o dorso e o ventre tem uma banda amarelo-clara. A pelagem do ventre é esbranquiçada ou cinza-clara, com a base dos pêlos cinza-escura, e apresenta-se bem delimitada em relação à pelagem do dorso. Patas relativamente longas, esbranquiçadas na superfície superior, e cobertas por pêlos curtos. Três ou quatro pares de mamas (o par peitoral pode estar ausente).



Figura 9. *Delomys collinus.*

Espécies no Brasil: *Delomys collinus, Delomys dorsalis* e *Delomys sublineatus.*

Medidas (Voss, 1993[a]; Hershkovitz, 1998[b]; presente estudo[c]):

Táxon	CC ou CT*(n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
D. collinus [c]	253* (32) 217-279	126 (32) 102-140	30 (32) 26-35	21 (32) 19-23	47 (30) 40-59
D. dorsalis [a, b]	127 (18) 117-135	132 (18) 100-145	30 (24) 28-32	19 (7) 16-20	(9) 45-75
D. sublineatus [a, b]	125 (24) 110-138	105(24) 90-116	28 (26) 25-29	21 (4) 20-22	60 (4) 45-83

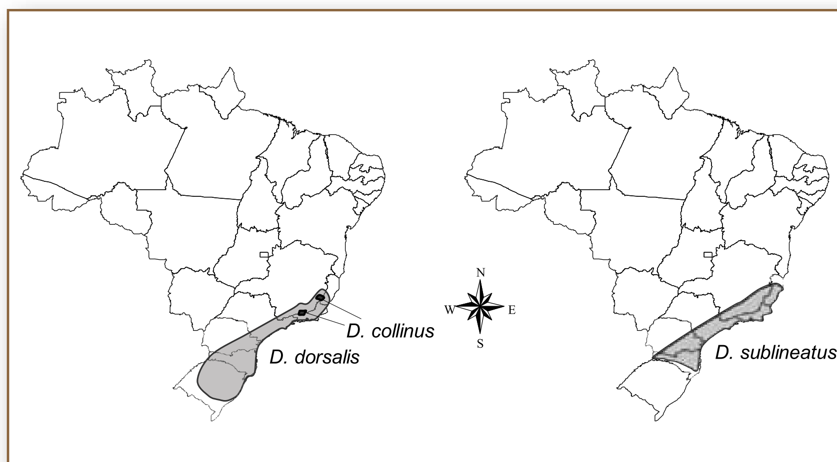
Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais em altitudes elevadas e baixas da Mata Atlântica.

Distribuição no Brasil:

D. collinus: estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, na Serra da Mantiqueira e no Maciço do Caparaó;

D. dorsalis: do sul do estado do Espírito Santo ao norte do Rio Grande do Sul e leste do estado de Minas Gerais;

D. sublineatus: do estado do Espírito Santo ao de Santa Catarina e leste do estado de Minas Gerais.



Mapa 12. Distribuição das espécies de *Delomys* no Brasil.

GÊNERO *DELTAMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda pouco menor do que o comprimento do corpo. Pelagem do dorso castanho-escura, cabeça e laterais mais oliváceas e ventre castanho-acinzentado. Patas cinza-escuras, cauda fracamente bicolor, recoberta de pêlos finos que não escondem as escamas epidérmicas. Olhos pequenos, orelhas curtas e bem providas de pêlos pretos, que as escondem quase totalmente.

Espécies no Brasil: *Deltamys kempi.*

Medidas (Massoia, 1964[a]; Miller & Anderson, 1977[b]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
D. kempi	96,3 (10) 89-108 [a]	82 (10) 74-87 [a]	20,9 (10) 20-22 [a]	13 (10) 12-14 [a]	26,4 [b] (4)

Hábito e hábitat: terrestre. Habita ambientes pantanosos, especialmente os limites de banhados e campos inundáveis, usualmente sem árvores (González & Pardiñas, 2002).

Distribuição no Brasil:

D. kempi: leste do estado do Rio Grande do Sul, com registro no Taim, em Tapes e em Tramandaí (Castro *et al.*, 1991).



Mapa 13. Distribuição de *Deltamys kempi* no Brasil.

GÊNERO *EURYORYZOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho médio a grande, cauda de comprimento maior ou similar ao do corpo. Coloração do dorso variando de castanho-escura a castanho-avermelhada, com os pêlos mais claros nas laterais, que são delimitadas em relação ao ventre esbranquiçado. Cauda pouco pilosa. Patas longas e estreitas, geralmente com a superfície superior recoberta de pêlos claros. Quatro pares de mamas: peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal.



Figura 10. *Euryoryzomys russatus*.

Espécies no Brasil: *Euryoryzomys lamia, Euryoryzomys macconnelli, Euryoryzomys nitidus, Euryoryzomys emmonsae* e *Euryoryzomys russatus.*

Medidas (Musser *et al*., 1998[a]; Patton *et al*., 2000[b]; presente estudo[c]):

Táxon	CC ou CT* (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
E. emmonsae [a]	137,7 (3) 128-142	152 (2) 144-160	34,3 (3) 34-35	23,3 (3) 23-24	72 (3) 64-78
E. lamia [c]	(6) 141-161	(6) 131-160	(6) 34-36	(6) 20-25	(6) 45-85
E. macconnelli [b]	290,8* (14) 249-305	149,5 (14) 130-161	34,6 (15) 33-38	23 (15) 21-25	-
E. nitidus [b]	259,8* (4) 204-293	130,5 (4) 105-150	34 (4) 33-36	21,5(4) 18-23	-
E. russatus [c]	135 (4) 102-151	139 (3) 113-157	34 (4) 31-36	20 (4) 17-22	85 (2) 70-100

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais do Amazonas, da Mata Atlântica e do Cerrado.

Distribuição no Brasil:

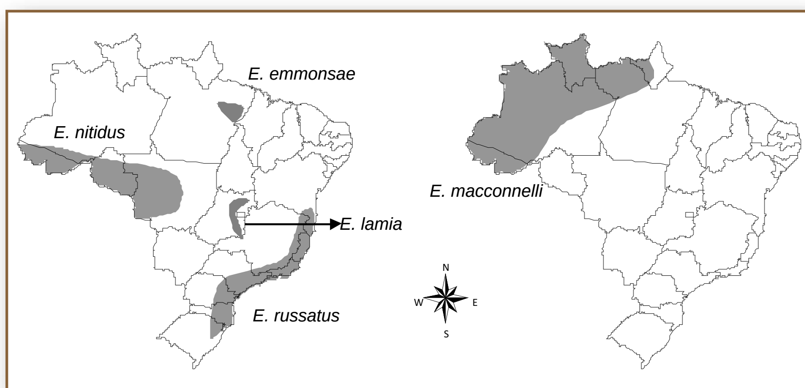
E. emonsae: centro-leste do Pará;

E. lamia: oeste do estado de Minas Gerais e leste de Goiás (Bonvicino *et al*., 2005);

E. macconnelli: estados do Acre, Amazonas, Roraima, noroeste do Pará e oeste do Amapá (Patton *et al.,* 2000; Costa, 2003);

E. nitidus: estados do Acre, sudoeste do Amazonas, Rondônia e oeste do Mato Grosso (Patton *et al*., 2000; Carmignotto, 2004);

E. russatus: região costeira, do sul do estado da Bahia ao norte do Rio Grande do Sul, incluindo o leste de Minas Gerais (Moojen, 1952).



Mapa 14. Distribuição das espécies de *Euryoryzomys* no Brasil.

GÊNERO *HOLOCHILUS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



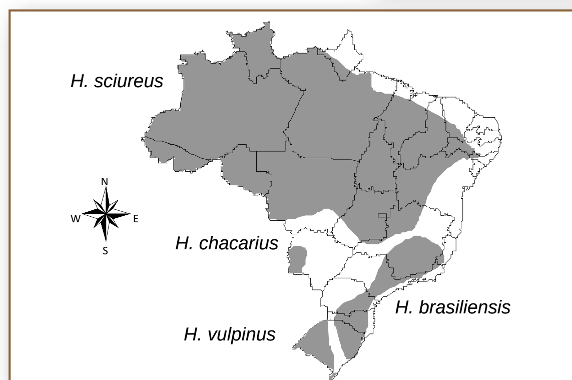
Figura 11. *Holochilus sciureus.*

Descrição: tamanho médio a grande, cauda tão longa quanto o corpo (*H. brasiliensis, H. chacarius* e *H. vulpinus*) ou consistentemente mais curta (*H. sciureus*). Pelagem dorsal castanho-escura, tracejada por pêlos escuros. Laterais progressivamente mais alaranjadas em direção ao ventre, do qual são fracamente delimitadas. Ventre alaranjado-claro, mas bases dos pêlos acinzentadas. Patas posteriores grandes, recobertas por pêlos de cor similar à do ventre, com membranas interdigitais e tufos ungueais reduzidos. Cauda com os pêlos curtos e as escamas epidérmicas aparentes. Cinco pares de mamas, peitoral, pós-axial, torácico, abdominal e inguinal.

Espécies no Brasil: *Holochilus brasiliensis, Holochilus chacarius, Holochilus sciureus* e *Holochilus vulpinus.*

Medidas (Voss, 1993[a]; P. Gonçalves, dados não publicados[b]; presente estudo[c]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
H. brasiliensis	193 (10) [a] 167-211	198 (10) [a] 183-214	54 (10) [a] 51-56	(22) [c] 17-23	(18) [c] 130-290
H. chacarius [c]	164 (16) 140-195	167 (16) 148-183	42 (16) 38-46	19 (7) 17-20	150 (16) 90-128
H. sciureus	164 (33) [a] 123-193	150 (33) [a] 115-178	39 (33) [a] 35-46	19,8 (15) [c] 17-22	139,7 (10) [c] 90-200
H. vulpinus [b]	185 (7) 141-207	190,4 (7) 160-220	46,3 (7) 41-49	21,9 (7) 21-26	245,7 (3) 202-275



Mapa 15. Distribuição das espécies de *Holochilus* no Brasil.

Hábito e hábitat: semi-aquático. Habita formações florestais da Caatinga, do Cerrado e da Mata Atlântica.

Distribuição no Brasil:

H. brasiliensis: do estado do Espírito Santo ao nordeste do Rio Grande do Sul, atingindo partes do estado de Minas Gerais;

H. chacarius: oeste do estado do Mato Grosso do Sul;

H. sciureus: estados do Acre, Amazonas, Roraima, Pará, sul do Amapá, Rondônia, Mato Grosso, Goiás, Tocantins, Maranhão, Piauí, centro e sul do Ceará, oeste dos estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia e Minas Gerais;

H. vulpinus: sudoeste do estado do Rio Grande do Sul.

GÊNERO *HYLAEAMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho médio, cauda de comprimento maior ou similar ao do corpo. Coloração do dorso variando de castanho-escura a castanho-amarelada, com os pêlos mais claros nas laterais e limite geralmente bem definido com o ventre, que é esbranquiçado ou amarelado. Cauda pouco pilosa. Patas longas e estreitas, geralmente com a superfície superior recoberta de pêlos claros. Quatro pares de mamas: peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal.



Figura 12. *Hylaeamys* sp.

Espécies no Brasil: *Hylaeamys laticeps, Hylaeamys megacephalus, Hylaeamys perenensis* e *Hylaeamys yunganus.*

Medidas (Patton *et al*., 2000[a]; Voss *et al*., 2001[b]; Emmons & Patton, 2005[c]; presente estudo[d]):

Táxon	CT (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
H. laticeps [c]	275,8 (4) 271-281	130 (4) 123-135	33 (4) 32-34	22,3 (4) 21-23	-
H. megacephalus	236 (12) [c] 218-257	112 (12) [c] 95-126	28,1 (12) [c] 27-31	21,9 (12) [c] 21-24	45,4 (16) [d] 30-60
H. perenensis [a]	254,5 (245) 197-303	122,8 (245) 82-151	31,9 (251) 30-35	20,4 (250) 18-24	-
H. yunganus	227,8 (41) [a] 193-257	104,4 (41) [a] 86-120	30,2 (41) [a] 28-32	18,9 (41) [a] 16-22	39 (11) [d] 26-53

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais e formações vegetais abertas da Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Pantanal.

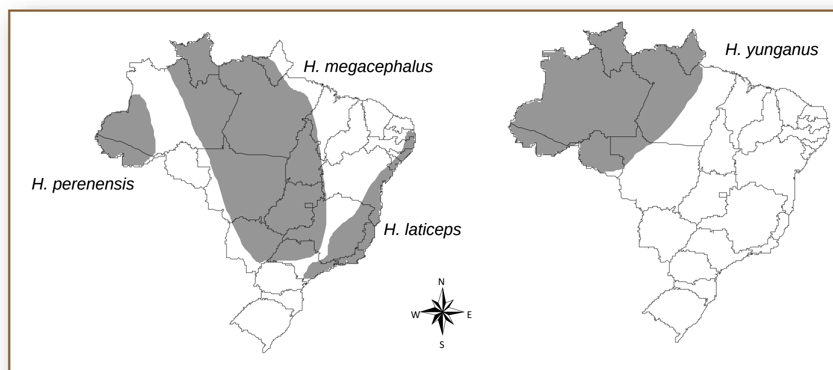
Distribuição no Brasil:

H. laticeps: região costeira, do estado da Paraíba ao de São Paulo, e leste de Minas Gerais;

H. megacephalus: leste do estado do Amazonas, Roraima, Pará, oeste do Amapá, Mato Grosso, sudoeste do Maranhão, Tocantins, Goiás e Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, oeste de Minas Gerais e norte de São Paulo (Costa, 2003; Carmignotto, 2004);

H. perenensis: estado do Acre e sudoeste do Amazonas (Costa, 2003);

H. yunganus: estados do Acre, Amazonas, Roraima, Amapá, oeste do Pará, Rondônia e noroeste de Mato Grosso.



Mapa 16. Distribuição das espécies de *Hylaeamys* no Brasil.

GÊNERO *JULIOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



Figura 13. *Juliomys pictipes.*

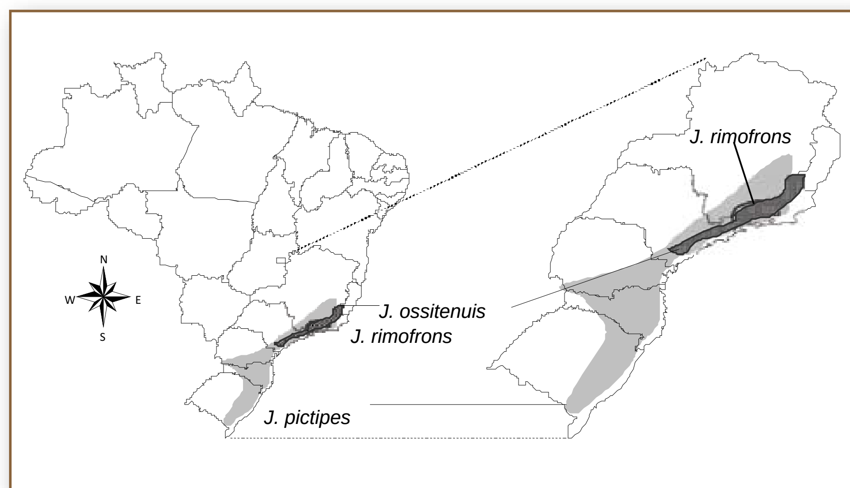
Descrição: tamanho pequeno, cauda de comprimento similar ou maior do que o do corpo. Coloração geral do dorso castanha, acinzentada nos ombros e dorso anterior e arruivada na parte posterior do dorso e no focinho. Laterais mais claras, ventre branco-amarelado, pêlos ventrais com bases acinzentadas, exceto ao redor da boca, onde são totalmente brancos. Cauda levemente bicolor, exceto pela porção terminal, que é totalmente escura, com pêlos curtos. Patas pequenas, cobertas com pêlos castanho-avermelhados. Dígitos cobertos de pêlos esbranquiçados, tufos ungueais de pêlos brancos obstruindo parcialmente as garras.

Espécies no Brasil: *Juliomys ossitenuis, Juliomys pictipes e Juliomys rimofrons*.

Medidas (Oliveira & Bonvicino, 2002[a]; Costa *et al.*, 2007 [b]; presente estudo[c]):

Táxon	CT* ou CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
J. ossitenuis [b]	(4) 190-213*	(4) 106-116	(5) 20-21	(4) 14-17	(4) 18-28
J. pictipes [c]	94 (6) 85-104	108,8 (5) 103-117	21,3 (5) 19-23	15,4 (5) 14-17	23,5 (2) 23-24
J. rimofrons [a, c]	86 (3) 75-93	108,3 (3) 99-121	21,5 (3) 20-22	16 (3) 15-18	22,5 (3) 14,5-23

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais da Mata Atlântica. O *J. rimofrons* ocorre no limite da floresta com *Araucaria angustifolia* em manchas de capim, bromélias em solo arenoso a 2.000 m de altitude (Oliveira & Bonvicino, 2002).



Mapa 17. Distribuição das espécies de *Juliomys* no Brasil.

Distribuição no Brasil:

J. ossitenuis: do sul do estado do Espírito Santo ao leste de São Paulo e leste de Minas Gerais (Costa *et al.*, 2007);

J. pictipes: do sudeste de Minas Gerais ao leste do Rio Grande do Sul, com registro no interior a oeste do Paraná e Santa Catarina;

J. rimofrons: em altitudes elevadas da Serra da Mantiqueira, na divisa entre os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Oliveira & Bonvicino, 2002).

GÊNERO *JUSCELINOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho médio, comprimento da cauda menor do que o do corpo. Pelagem do dorso castanho-alaranjada, fortemente tracejada de preto, especialmente na linha dorsal. Pelagem mais clara e uniforme nos flancos e alaranjada no ventre, e nas regiões perioftálmicas, bochechas e faces interiores de membros anteriores e posteriores. Pêlos do dorso e das laterais têm a base cinza, mas os do ventre são totalmente alaranjados. Focinho longo, orelhas curtas, bem revestidas, nos bordos, de pêlos curtos da cor do dorso. Cauda muito grossa e frágil, mutilando-se facilmente, e densamente coberta de pêlos, que escondem totalmente as escamas. Patas finamente revestidas de pêlos alaranjados curtos, garras bem desenvolvidas, principalmente nas patas anteriores. Quatro pares de mamas.

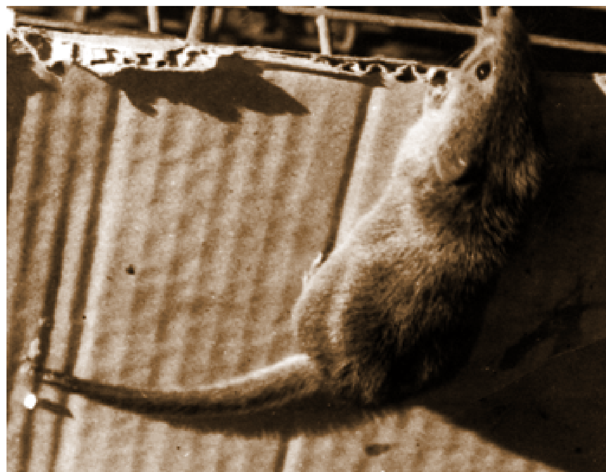


Figura 14. *Juscelinomys candango.*

Espécies no Brasil: *Juscelinomys candango.*

Medidas (Moojen, 1965):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
J. candango	137 (8) 128-155	97 (5) 85-116	23 (8) 21-26	13 (7) 12-15	-

Hábito e hábitat: semifossorial, construindo ninhos subterrâneos. Habita áreas de campos cerrados com árvores esparsas e revestimento de gramíneas (Moojen, 1965).

Distribuição no Brasil:
J. candango: Distrito Federal (Moojen, 1965).



Mapa 18. Distribuição de *Juscelinomys candango.*

GÊNERO *KUNSIA*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



Figura 15. *Kunsia tomentosus.*

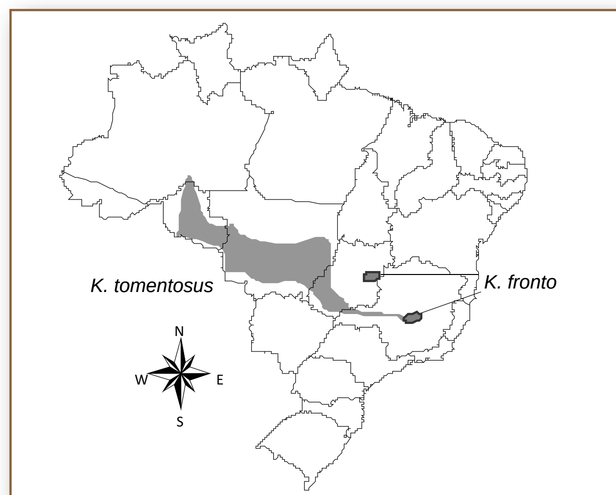
Descrição: tamanho grande a muito grande; cauda menor do que o comprimento do corpo. Pelagem longa, acinzentada, mais escura no dorso. Alguns pêlos com as pontas esbranquiçadas, principalmente nas laterais e no ventre, sem modificar o aspecto acinzentado escuro da pelagem. Orelhas densamente recobertas de pêlos curtos, escuros como o dorso. Patas recobertas por pequenos pêlos cinza-escuros, mas dígitos das patas posteriores recobertos por pêlos esbranquiçados em alguns espécimes, sem tufos ungueais, e providos de garras grandes. Cauda unicolor, da mesma cor do dorso, e pilosa, mas com as escamas epidérmicas aparentes.

Espécies no Brasil: *Kunsia fronto* e *Kunsia tomentosus*.

Medidas (Avila-Pires & Wutke, 1972[a]; presente estudo[b]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
K. fronto [a]	(24) 160-205	(24) 75-118	(24) 25-38	(24) 17,8-21	-
K. tomentosus [b]	235,3 (3) 224-247	169 (3) 168-171	49,3 (2) 49-50	31(3) 30-32	426 353-510

Hábito e hábitat: semi-aquático e fossorial. Habita campo úmido, campo sujo e campo cerrado do Cerrado.



Mapa 19. Distribuição geográfica das espécies de *Kunsia.*

Distribuição no Brasil:

K. fronto: estado de Minas Gerais e Distrito Federal (Ávila-Pires, 1972);

K. tomentosus: Humaitá, no extremo sul do estado do Amazonas, Rondônia, sul do Mato Grosso, sul de Goiás e Lagoa Santa, em Minas Gerais (Carmignotto, 2004). No entanto, o tipo de *K. tomentosus* pode ter sido coletado entre os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, na bacia do Rio Uruguai (Hershkovitz, 1966).

GÊNERO *LUNDOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho grande a muito grande, cauda muito maior do que o comprimento do corpo. Pelagem longa, densa e macia, castanha dorsalmente e castanho-clara nas laterais. Pelagem do ventre amarelada, com a base dos pêlos acinzentada, mal delimitada com relação às laterais. Orelhas pequenas e bem providas de pêlos curtos de cor similar ao restante do dorso. Cauda unicolor, escura, pouco pilosa, com as escamas epidérmicas visíveis e com um tufo ou pincel de pêlos mais longos na ponta. Patas grandes, cobertas por pequenos pêlos esbranquiçados na superfície superior, com franjas de pêlos prateados ao longo das margens das superfícies plantares; membranas interdigitais conspícuas, sem tufos ungueais e com apenas cinco pequenos tubérculos plantares. Quatro pares de mamas.

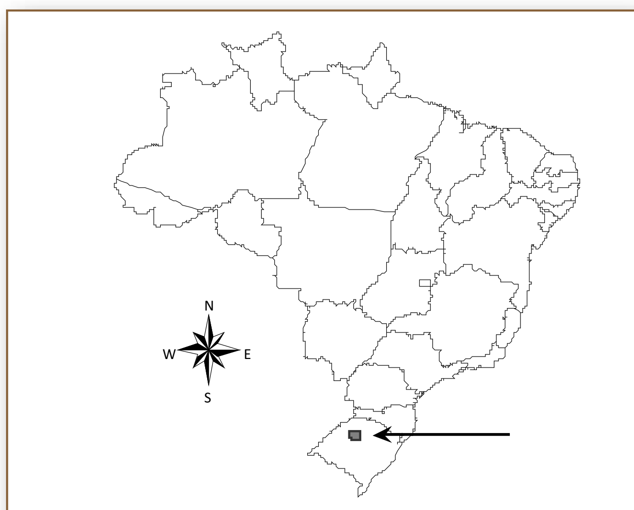
Espécies no Brasil: *Lundomys molitor.*

Medidas (Voss & Carleton, 1993):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
L. molitor	193 (10) 160-230	235 (10) 195-255	62 (12) 58-68	25	-

Hábito e hábitat: semi-aquático. Habita florestas de galeria nos Campos do Sul. Constrói ninhos que são suportados sobre a água em juncos (Sierra de Soriano, 1960).

Distribuição no Brasil:
L. molitor: centro do estado do Rio Grande do Sul.



Mapa 20. Distribuição de *Lundomys molitor* no Brasil.

GÊNERO *MICROAKODONTOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda mais longa do que o comprimento do corpo. Pelagem macia, dorso castanho, tracejado de preto, mais saturado na cabeça, sobrepelos castanho-escuros basalmente, com bandas subterminais arruivadas ou inteiramente enegrecidas. Anéis perioftálmicos enegrecidos; focinho com uma banda estreita enegrecida em cada lado, da ponta ao canto do olho; laterais mais claras do que o dorso. Ventre e superfície interna dos membros lavados de amarelo-escuro; cauda escura na superfície superior, com os dois terços terminais mais claros ventralmente. Vibrissas curtas, patas posteriores longas, unhas finas e não obstruídas por tufos ungueais (Hershkovitz, 1993).

Espécies no Brasil: *Microakodontomys transitorius.*

Medidas (Hershkovitz, 1993):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
M. transitorius (holótipo)	70	93	21	13	-

Hábito e hábitat: terrestre. Habita a borda de campo limpo no Cerrado.

Distribuição no Brasil:

M. transitorius: Parque Nacional de Brasília, Distrito Federal (Hershkovitz, 1993).



Mapa 21. Distribuição de *Microakodontomys transitorius.*

GÊNERO *NEACOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno. Comprimento da cauda menor do que o do corpo. Pêlos-guarda aristiformes, cinza-claros na base e castanho-escuros na parte distal; sobrepelos acinzentados na base e com uma ampla banda alaranjada. Coloração geral do dorso castanho-escura, brilhante, finamente tracejada de preto. Partes superiores dos membros, face e laterais do corpo um pouco mais claras, bem delimitadas com relação ao ventre por uma banda amarelada mais escura, resultante da sobreposição dos sobrepelos acinzentados das laterais do corpo com os sobrepelos totalmente despigmentados do ventre, que é esbranquiçado. Cauda escamosa, pouco pilosa, de cor castanho-clara uniforme. Patas anteriores e posteriores da cor da pele, cobertas por pequenos pêlos esbranquiçados, tufos ungueais prateados cobrindo as garras. Quatro pares de mamas.



Figura 16. *Neacomys paracou.*

Espécies no Brasil: *Neacomys dubosti, Neacomys minutus, Neacomys musseri, Neacomys paracou* e *Neacomys spinosus.*

Medidas (Patton *et al.*, 2000[a]; Voss *et al.*, 2001[b]; presente estudo[c]):

Táxon	*CT ou CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
N. dubosti [b]	76 (25) 70-80	79 (19) 70-85	21 (25) 20-22	13 (25) 13-14	14 (25) 11-19
N. minutus [a]	147* (15) 135-163	77,1 (15) 70-84	20,8 (16) 19-22	12,3 (16) 10-13	-
N. musseri [a]	157,6* (8) 153-163	83,4 (8) 77-90	22,2 (9) 22-23	13,4 (9) 13-15	-
N. paracou [b]	73 (14) 70-80	73 (6) 65-80	20 (14) 19-21	13 (14) 13-14	14 (14) 10-17
N. spinosus	182* (18) [a] 167-203	96,7 (18) [a] 83-107	23,8 (18) [a] 22-25	14,6 (18) [a] 13-16	31 (1) [c]

Hábito e hábitat: terrestre. Habita a Floresta Amazônica, formações florestais e de campo cerrado em áreas de transição com o Cerrado, além de formações florestais no Cerrado.

Distribuição no Brasil:

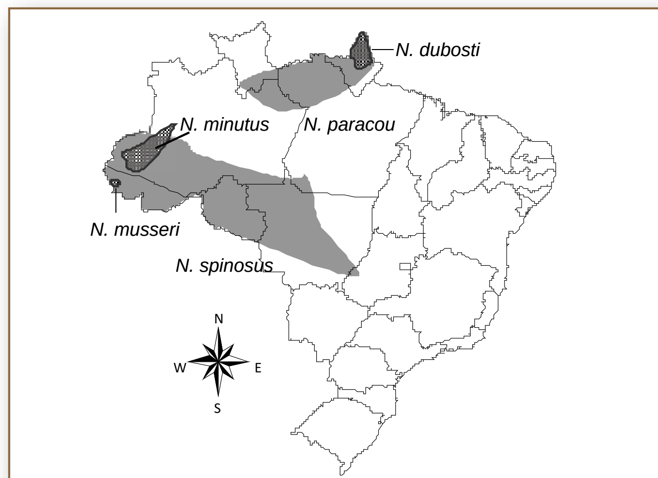
N. dubosti: norte do estado do Amapá (Voss *et al.*, 2001);

N. minutus: sudoeste do estado do Amazonas, no Médio e Baixo Rio Juruá (Patton *et al.*, 2000);

N. musseri: nordeste do estado do Acre, nas nascentes do Alto Rio Juruá (Patton *et al.,* 2000);

N. paracou: sul do estado de Roraima, nordeste do Amazonas, noroeste do Pará e Amapá;

N. spinosus: estado do Acre, sudoeste do Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, sudoeste do Pará e oeste de Goiás.



Mapa 22. Distribuição das espécies de *Neacomys* no Brasil.

GÊNERO *NECROMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno a médio. Comprimento da cauda menor do que o do corpo. Pelagem do dorso variando de castanho-acinzentada a castanho-amarelada, com limite pouco definido com o ventre, que é branco-acinzentado ou amarelo-acinzentado. Um anel periocular mais claro, que pode ser muito tênue em alguns espécimes, está presente em volta de cada olho. Orelhas pouco pilosas, exceto na base, com pêlos da mesma cor do dorso. Cauda mais escura na parte superior, moderadamente pilosa, mas com escamas aparentes, particularmente próximo à base da cauda. Parte superior das patas em geral escura; garras parcialmente recobertas por pêlos ungueais claros.



Figura 17. *Necromys lasiurus*.

Espécies no Brasil: *Necromys lasiurus* e *Necromys urichi*.

Medidas (Allen & Chapman, 1893[a]; Bonvicino *et al.*, 2005[b]):

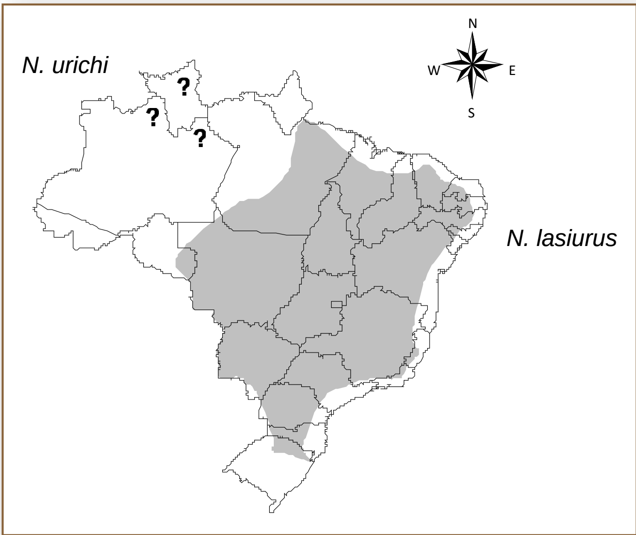
Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
N. lasiurus (11) [b]	118-128	66-96	20-26	13-17	40-80
N. urichi (6) [a]	123 121-125	69 65-70	24,6 23-27	13 12-15	-

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações abertas e florestais do Cerrado e ao longo do ecótono Mata Atlântica- Cerrado, além de áreas de vegetação aberta no estado do Pará.

Distribuição no Brasil:

N. lasiurus: leste do estado do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, norte do Rio Grande do Sul, sudoeste de Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Minas Gerais.

N. urichi: norte do Brasil (Musser & Carleton, 2005).



Mapa 23. Distribuição das espécies de *Necromys* no Brasil.

GÊNERO *NECTOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



Figura 18. *Nectomys squamipes.*

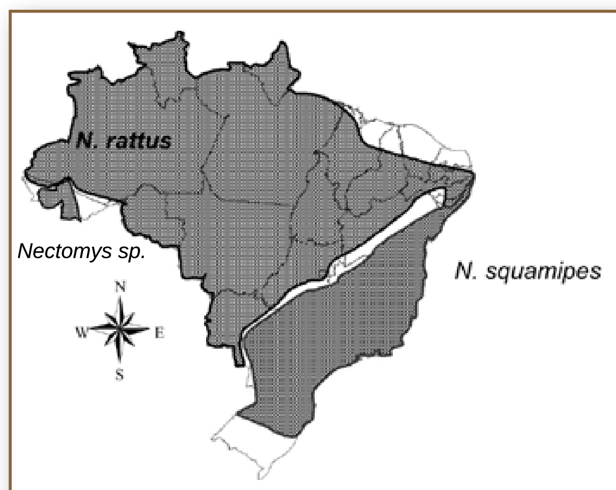
Descrição: tamanho grande, comprimento da cauda maior do que o do corpo. Pelagem do dorso castanho-escura, brilhante, ventre esbranquiçado, com algumas partes amareladas e as bases dos pêlos acinzentadas, sem limite definido com as laterais. Orelhas finamente revestidas por pêlos em torno da base, quase nuas em direção à borda. Cauda robusta, pouco pilosa, com pêlos pequenos, mais densos na face ventral, algumas vezes formando uma espécie de quilha. Patas posteriores grandes e robustas, com calcanhar estreito e palma larga, com membranas interdigitais, e ainda uma franja de pêlos prateados ao longo da margem externa da superfície plantar; tufos ungueais curtos raramente atingindo a metade proximal das garras. Quatro pares de mamas, peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal.

Espécies no Brasil (arranjo taxonômico proposto por Bonvicino, 1994): *Nectomys squamipes* e *Nectomys rattus.*

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
N. squamipes (47)	200,7 165-245	208,4 151-255	53,2 48-59	23,7 23-25	229 100-400
N. rattus (17)	210,8 150-245	214,5 182-244	50,2 44-59	22,9 19-24	239,8 130-350

Medidas (presente estudo):

Hábito e hábitat: semi-aquático. Habita formações florestais da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica, além de matas de galeria do Cerrado, da Caatinga e do Pantanal.



Mapa 24. Distribuição das espécies de *Nectomys* no Brasil.

Distribuição no Brasil:

N. rattus: essa forma de número diplóide básico igual a 52 ocorre nas bacias do Rio Amazonas e seus tributários (exceto no alto curso dos Rios Juruá e Purus), na bacia do Rio Paraguai, e nas bacias independentes do leste do Brasil, acima do Rio São Francisco.

N. squamipes: essa forma de número diplóide básico igual a 56 ocorre do estado de Pernambuco ao norte do Rio Grande do Sul e, pelo interior, nas bacias dos rios do leste do Brasil e bacias dos Rios São Francisco, Paraíba do Sul e Paraná.

Nectomys sp.: essa forma de número diplóide igual a 42 ocorre na bacia dos Rios Juruá e Purus, na margem esquerda do Rio Juruá. O *Nectomys rattus* ocorre em parapatria com *Nectomys sp.* como conseqüência da proximidade da nascente dos Rios Jutaí e Itaguaí, tributários do Rio Amazonas.

GÊNERO *NEUSTICOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda menor ou tão longa quanto o comprimento do corpo. Pelagem dorsal cinza-escura, ou castanho-brilhante, macia, densa e lanosa, composta de setiformes cinza-escuros sobre os subpelos. A pelagem dorsal pode também ser curta e brilhante, castanho-acinzentada devido à mistura de setiformes bandeados e setiformes totalmente escuros. Pelagem ventral mais clara, similar à do dorso, sem limites laterais definidos. Cauda escura e unicolor. Orelhas sobressaindo da pelagem da cabeça, rinário despigmentado. Patas anteriores com cinco tubérculos separados e patas posteriores estreitas com uma franja de pêlos marginal, inconspícua (Voss, 1988).

Espécies no Brasil: *Neusticomys oyapocki* e *Neusticomys ferreirai.*

Medidas (Percequillo *et al*., 2005):

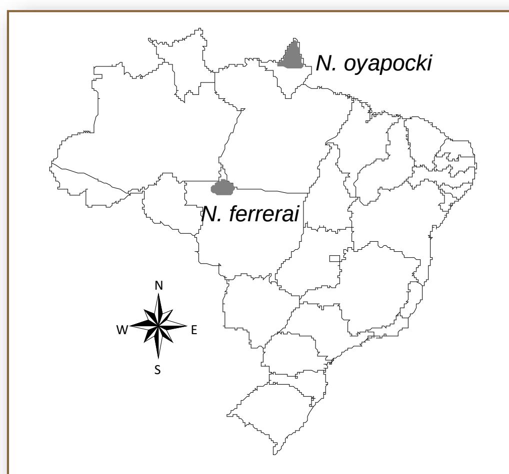
Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
N. oyapocki	(4) 102-114	(4) 66-87	(4) 23-26	(4) 6-12	(3) 21-47
N. ferreirai	(2) 105-106	(2) 79-85	(2) 22,5-24	(2) 11-11,5	(2) 25-34

Hábito e hábitat: semi-aquático. Os poucos indivíduos obtidos até o presente foram coletados nas margens de córregos rasos dentro de florestas.

Distribuição no Brasil:

N. oyapocki: norte do estado do Amapá (Percequillo *et al*., 2005);

N. ferreirai: estado do Mato Grosso, restrito ao município de Juruena (Percequillo *et al.,* 2005).



Mapa 25. Distribuição das espécies de *Neusticomys* no Brasil.

GÊNERO *OECOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



Figura 19. *Oecomys sp.*

Descrição: tamanho de pequeno a médio, cauda maior que o comprimento do corpo. Pelagem do dorso variando de castanho-escura a castanho-alaranjado. Laterais mais claras do que o dorso, com limite bem definido com o ventre esbranquiçado com a base dos pêlos cinza, mas, em algumas espécies, a base dos pêlos do ventre pode ser totalmente branca. Pelagem da cabeça geralmente de cor similar à do corpo, mas em uma espécie (*Oecomys mamorae*) a cabeça e o dorso são mais acinzentados, e o rinário, as orelhas e a parte posterior do dorso castanho-alaranjados. Vibrissas longas, que ultrapassam o limite posterior das orelhas. Patas curtas, largas e claras, em algumas espécies com uma mancha ligeiramente mais escura na superfície superior, não tão acentuada como em *Rhipidomys*. Cauda com a porção terminal pilosa, geralmente formando pincel, que também é menos acentuado do que em *Rhipidomys.* Quatro pares de mamas, peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal.

Espécies no Brasil: *Oecomys auyantepui, Oecomys bicolor, Oecomys catherinae, Oecomys cleberi, Oecomys concolor, Oecomys mamorae, Oecomys paricola, Oecomys rex, Oecomys roberti, Oecomys rutilus, Oecomys superans* e *Oecomys trinitatis.*

Medidas (Moojen, 1952[a]; Hershkovitz, 1960[b]; Locks, 1981[c]; Patton *et al.*, 2000[d]; Voss *et al.*, 2001[e]; presente estudo[f]):

Táxon	CC (n) ou CT*	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
O. auyentepui [e]	110 (7) 90-125	116 (6) 100-140	25 (7) 24-27	16 (6) 14-17	41 (8) 24-55
O. bicolor [e]	94 (10) 76-118	112 (9) 104-125	22 (15) 21-23	13 (7) 12-14	28 (7) 22-34
O. catherinae [a]	132 -150 [a]	166 [a]	30 [a]	20 (1) [f]	70 (1) [f]
O. cleberi [c] (holótipo)	94,5	85	23	12	-
O. concolor [b]	(8) 114-142	(8) 124-158	(5) 27-28	(2) 16-17	(3) 31,8-33,8
O. mamorae [f]	136 (54) 113-157	166 (54) 148-192	30 (54) 27-35	20 (54) 18-22	79 (54) 51-190
O. paricola [a]	100	100	22	-	-
O. rex	152	158	26 (pé seco sem unha)	16 (seca)	-
O. roberti	286,7* (27) [d] 263-312	160,9 (27) [d] 142-177	27,4 (28) [d] 26-31	16,1 (28) [d] 14-18	233,2 (18) [d] 130-410
O. rutilans [e]	84 (21) 71-94	98 (18) 80-111	21 (21) 19-21	14 (19) 13-15	20 (17) 12-26
O. superans [b] (Colômbia)	157 (19) 141-176	172 (15) 158-183	30(19) 29-32	18 (17) 17-21	95 (15) 75-120
O. trinitatis [d]	293,5* (4) 278-314	161,8 (4) 157-174	27,2 (4) 26-29	16,5 (4) 16-17	-

Hábito e hábitat: arborícola. Habita áreas florestais da Floresta Amazônica e da Mata Atlântica, além de matas de galeria e formações florestais do Cerrado e do Pantanal.

Distribuição no Brasil:

O. auyantepui: norte do estado do Amapá (Voss *et al*., 2001);

O. bicolor: nos estados do Amapá, Roraima, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Goiás, Bahia, Minas Gerais e no Distrito Federal (Patton *et al*., 2000; Voss *et al*., 2001).;

O. catherinae: leste do Brasil, do estado da Paraíba a Santa Catarina (Costa, 2004), e em Minas Gerais e nordeste de Goiás;

O. cleberi: endêmico do Distrito Federal (Locks, 1981);

O. concolor: no estado de Roraima e oeste do Amazonas (Patton *et al*., 2000; Musser & Carleton, 2005);

O. mamorae: sudoeste do estado do Mato Grosso e noroeste do Mato Grosso do Sul;

O. paricola: estado do Pará, nas proximidades de Belém (Moojen, 1952);

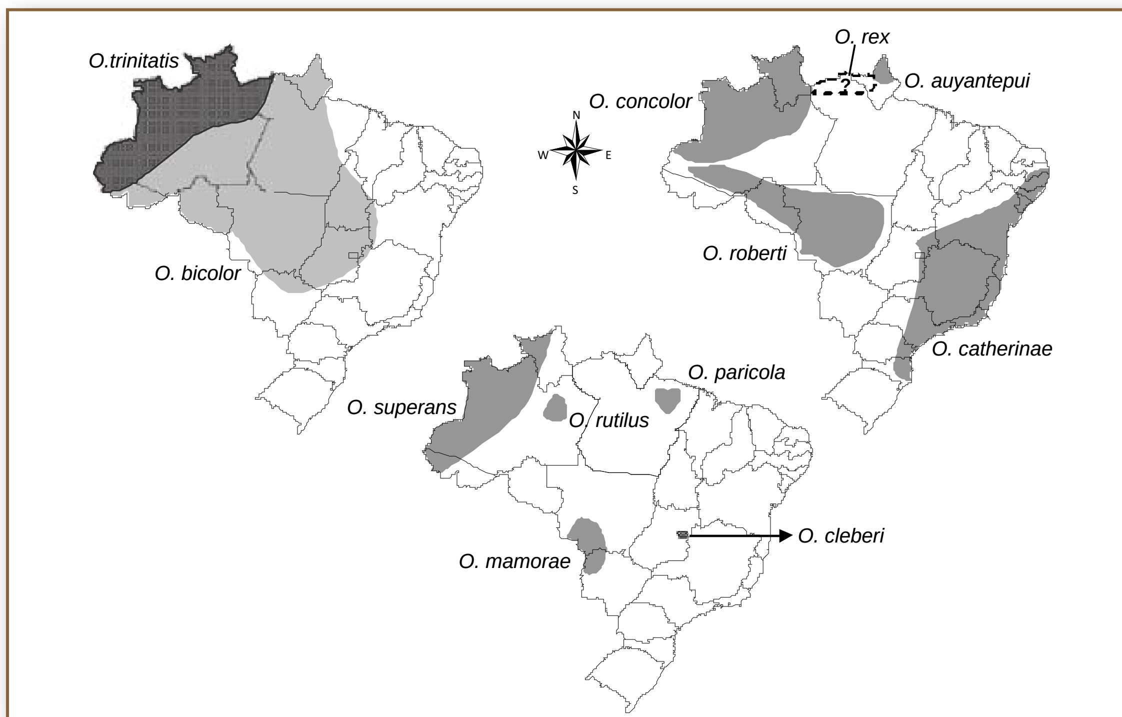
O. rex: norte da Amazônia, nos estados do Amapá e Amazonas (Musser & Carleton, 2005);

O. roberti: sul do estado do Amazonas, Rondônia e Mato Grosso (Patton *et al*., 2000);

O. rutilus: leste do estado do Amazonas (Voss *et al*., 2001);

O. superans: norte do estado do Acre, norte do Amazonas e oeste de Roraima (Patton *et al*., 2000);

O. trinitatis: norte do estado do Acre, norte do Amazonas, Roraima e extremo noroeste do Pará (Patton *et al.*, 2000; Voss *et al.,* 2001; Costa, 2003).



Mapa 26. Distribuição das espécies de *Oecomys* no Brasil.

GÊNERO *OLIGORYZOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE


Figura 20. *Oligoryzomys microtis.*

Descrição: tamanho pequeno, comprimento da cauda maior que o do corpo. Coloração do dorso variando de castanho-avermelhada a amarelada, com as laterais mais claras, com limite definido, ou pouco definido com a coloração do ventre, que é esbranquiçada ou amarelada. Olhos grandes. Patas longas e finas cobertas de pequenos pêlos claros. Cauda fina e pouco pilosa. Quatro pares de mamas, peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal.

Espécies no Brasil: *Oligoryzomys chacoensis, Oligoryzomys flavescens, Oligoryzomys fornesi, Oligoryzomys fulvescens, Oligoryzomys microtis, Oligoryzomys moojeni, Oligoryzomys nigripes, Oligoryzomys rupestris* e *Oligoryzomys stramineus.*

Medidas (Myers & Carleton, 1981[a]; Voss *et al.*, 2001[b]; Weksler & Bonvicino, 2005[c]; presente estudo[d]):

Táxon	CC (n) ou CT*	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
O. chacoensis [a]	223,4* (90) 185-280	129 (90) 105-150	24,8 (90) 18-30	16,6 (90) 13-19	-
O. flavescens [c]	87, (4) 81-93	109.7(3) 97-130	23,5 (4) 22-24	15 (4) 15-16	18,8 (4) 15-21
O. fornesi [c]	75,3 (8) 60-84	100,1 (8) 90-111	22,6 (8) 22-24	12,7 (7) 12-13	14 (11) 9-20
O. fulvescens [b]	80,5 (3) 78-85	101 (55) 82-116	21 (57) 20-24	13 (55) 11-16	16,3 (3) 14-19
O. microtis	89 (9) [b] 80-96	91 (8) [b] 74-100	22 (9) [b] 20-23	15,3 (10) [d] 13-18	19,5 (10) [d] 14-23
O. moojeni [c]	89 (10) 84-96	121(9) 112-132	23 (10) 21-25	15 (10) 13-17	16,9 (10) 10-25
O. nigripes [c]	92 (44) 70-120	116 (43) 96-144	24,8 (42) 21-29	17 (44) 14,5-20	25,4 (29) 18-40
O. rupestris [c]	82,9 (6) 76-99	121,1 (6) 114-138	23,6 (6) 20-25	14,5 (6) 10-16	13,8 (6) 10-20
O. stramineus [c]	94,3 (33) 70-111	118,6 (32) 95-134	25,5 (33) 23-29	16,1 (32) 12-20	27,1 (9) [d] 18-34

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais e formações abertas da Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Pantanal.

Distribuição no Brasil:

O. chacoensis: noroeste do estado de Mato Grosso do Sul e sudoeste de Mato Grosso (Myers & Carleton, 1981);

O. flavescens: do sul do estado da Bahia ao Rio Grande do Sul;

O. fornesi: Distrito Federal e no norte do estado de Minas Gerais, Goiás, Bahia e oeste de Pernambuco (Weksler & Bonvicino, 2005);

O. fulvescens: nordeste do estado do Amazonas, Roraima, norte do Pará e Amapá (Voss *et al.,* 2001);

O. microtis: estado do Acre, sul do Amazonas, Rondônia, sul do Pará e norte de Mato Grosso;

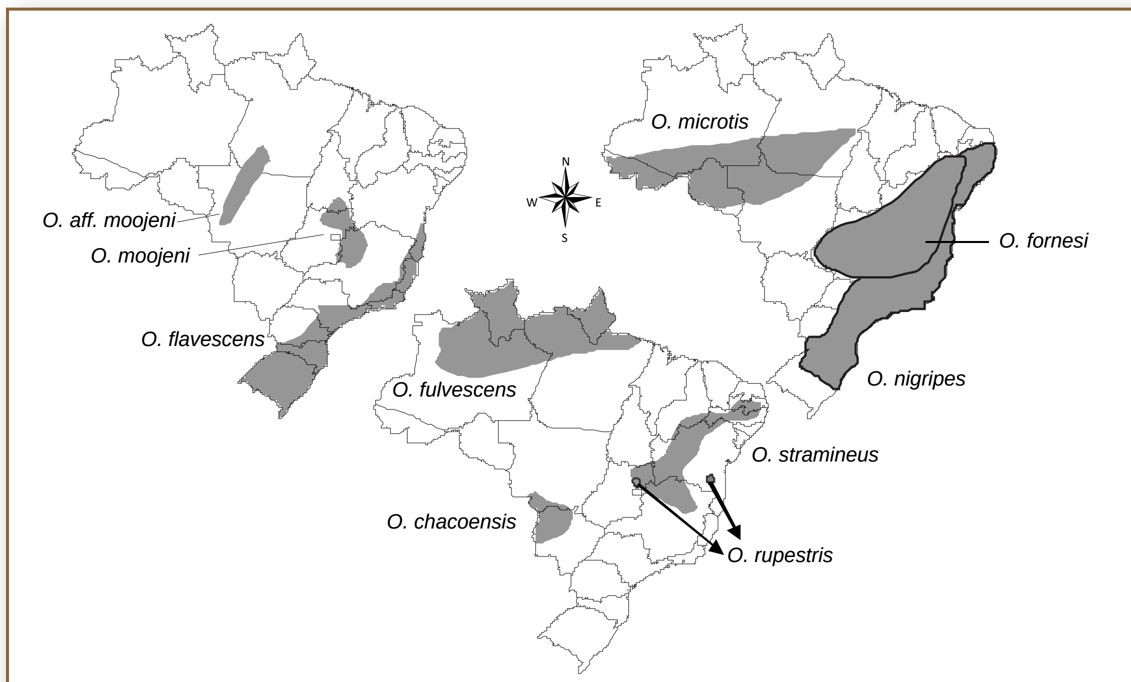
O. moojeni: sul do Tocantins, norte de Goiás e noroeste de Minas Gerais;

O. aff. moojeni: centro e norte do estado do Mato Grosso e sudeste do Pará;

O. nigripes: do estado de Pernambuco ao norte do Rio Grande do Sul, em Minas Gerais e no Distrito Federal (Weksler & Bonvicino, 2005);

O. rupestris: estados de Goiás e Bahia, em altitudes elevadas (Weksler & Bonvicino, 2005);

O. stramineus: nordeste do estado de Goiás, norte de Minas Gerais, sudeste do Piauí, Pernambuco e Paraíba.



Mapa 27. Distribuição das espécies de *Oligoryzomys* no Brasil.

GÊNERO *OXYMYCTERUS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



Figura 21. *Oxymycterus judex.*

Descrição: tamanho pequeno a grande, comprimento da cauda menor que o do corpo. Pelagem longa e macia, coloração do dorso variando de cinza-escura a castanho-avermelhada e a castanho-amarelada, pouco mais clara em direção ao ventre. Dorso sem limite definido com o ventre, que varia nas espécies de amarelo-acinzentado-escuro a laranja-escuro, devido à predominância geral das partes distais dos pêlos ventrais em relação às suas bases acinzentadas. Orelhas recobertas por pêlos curtos escuros, mais escassos na superfície externa. Algumas espécies têm a pelagem fortemente tracejada de preto. Possui garras bem desenvolvidas e focinho longo. Cauda geralmente pouco pilosa e com as escamas aparentes. Superfície superior das patas recobertas de pêlos curtos escuros. Pêlos ungueais escuros e escassos. Quatro pares de mamas, peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal.

Espécies no Brasil (modificado do arranjo taxonômico proposto por Oliveira, 1998): *Oxymycterus amazonicus, Oxymycterus caparaoe, Oxymycterus dasytrichus, Oxymycterus delator, Oxymycterus inca, Oxymycterus judex, Oxymycterus nasutus, Oxymycterus quaestor* e *Oxymycterus rufus.*

Medidas (Oliveira, 1998):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
O. amazonicus	147,7 (7) 125-167	94,6 (7) 85-104	29 (7) 25-32	18,8 (5) 18-20	75,6 (13) 52-89
O. caparaoe	128,9 (7) 115-139	90,4 (5) 81-100	27(6) 25-28	18,4(7) 17-19	46,4 (21) 32-65
O. dasytrichus	148,8 (16) 130-165	125,2 (15) 108-140	33,2 (17) 29-36	21,4 (13) 18-24	94,9 (181) 40-182
O. delator	144,5 (42) 123-170	91,3 (34) 73-108	27,5 (42) 22-30	17,8 (42) 13-20	78,3 (119) 35,4-149
*O. inca**	150 (1)	100 (1)	29 (1)	16 (1)	-
O. judex	150,2 (12) 130-180	115,5 (12) 90-137	34,8 (8) 30-38,4	22,6 (6) 20-26	92,5 (24) 55-158
O. nasutus	123,3 (20) 109-143	86,7 (21) 73-96	27,9 (23) 24-31	16,8 (20) 14-18	50 (50) 27-78
O. quaestor	149 (2) 140-158	108,7 (2) 100-117	35,7 (2) 34-37,5	23 (2) 22-24	45,5 (2) 41-50
O. rufus	136,5 (4) 138-161	104,4 (5) 90-112	29,6 (5) 28-31,3	17,8 (4) 16-20	68,7 (10) 40-95

* espécie das encostas orientais dos Andes, registrada para o Brasil somente por um espécime coletado em Sena Madureira, no estado do Acre (espécime USNM 546292).

Hábito e hábitat: terrestre e semifossorial. Habita bordas de mata em formações florestais e áreas abertas, como veredas e campos de altitude no Cerrado, Floresta Amazônica, Mata Atlântica e Caatinga, onde está restrito às regiões mais férteis, freqüentemente nas chapadas e bases de serras.

Distribuição no Brasil:

O. amazonicus: Baixo Rio Amazonas, incluindo as regiões baixas dos Rios Tocantins, Xingu e Tapajós, estendendo-se ao longo dos tributários do Médio e Alto Rio Aripuanã e Tapajós até o noroeste do estado de Mato Grosso, pelo menos até o limite sul da Serra do Norte (Serra dos Parecis) e a oeste até o Rio Jamari no estado de Rondônia;

O. caparaoe: Maciço do Caparaó, entre os estados do Espírito Santo e Minas Gerais, em altitudes variando de 2.100 a 2.400 m (espécie endêmica de campos de altitude na localidade);

O. dasytrichus: estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais ao extremo leste de Goiás, Rio de Janeiro e litoral de São Paulo, desde as planícies costeiras até altitudes em torno de 2.000 m no Itatiaia, no estado do Rio de Janeiro (Oliveira, 1998);

O. delator: estados do Mato Grosso do Sul, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Tocantins, Minas Gerais, Bahia e Piauí (Oliveira, 1998);

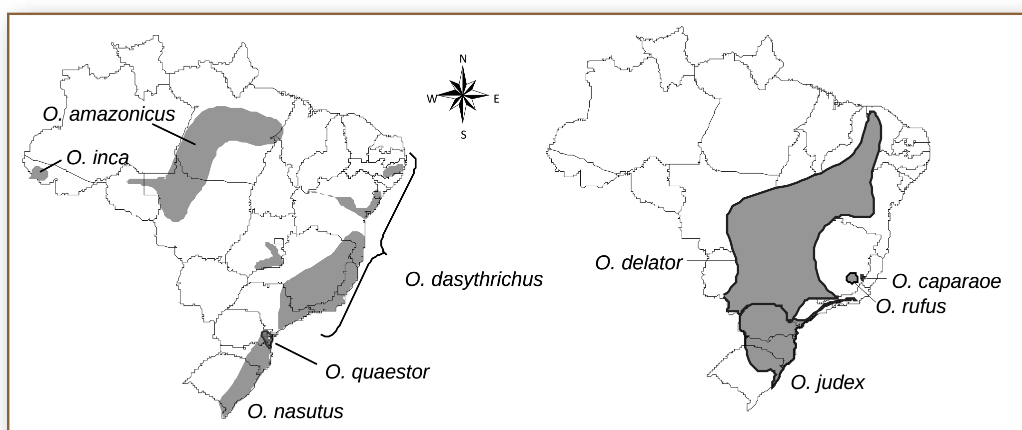
O. inca: Sena Madureira, estado do Acre (Oliveira, 1998);

O. judex: pelo litoral e pelas serras, do norte do estado do Rio Grande do Sul ao de São Paulo; a oeste ao longo do Rio Paraná, no estado do Paraná, até a divisa com o estado de São Paulo. Uma população isolada na Serra dos Órgãos, no estado do Rio de Janeiro;

O. nasutus: do estado do Rio Grande do Sul, onde ocorre desde o nível do mar até altitudes elevadas da Serra Geral, até os estados de Santa Catarina e Paraná, onde está restrito às altitudes elevadas das montanhas costeiras (Oliveira, 1998);

O. quaestor: Serra Geral, no estado do Paraná;

O. rufus: registrado até o presente em poucas localidades do sudeste do estado de Minas Gerais (Gonçalves & Oliveira, 2004).



Mapa 28. Distribuição das espécies de *Oxymycterus* no Brasil.

GÊNERO *PHAENOMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



Figura 22. *Phaenomys ferrugineus.*

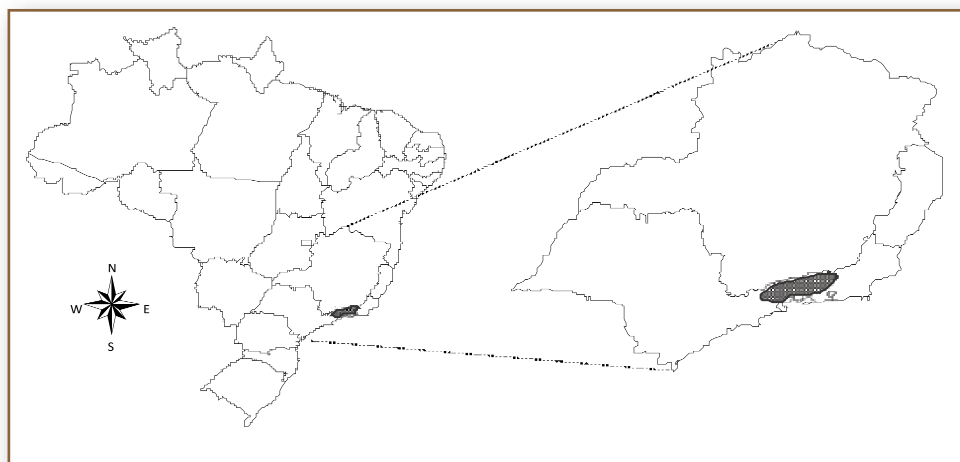
Descrição: tamanho médio, comprimento da cauda maior do que o do corpo. Coloração do dorso ferrugínea, laterais mais claras e ventre branco-amarelado. Pêlos do dorso e laterais acinzentados na base, mas os do ventre e das superfícies internas dos membros totalmente brancos, definindo uma linha demarcatória clara com as laterais. Áreas interdigitais comparativamente mais escuras do que o restante das superfícies dorsais das patas. Superfícies superiores das regiões metacarpais e metatarsais cobertas por uma área conspícua de pêlos ferrugíneos, com bases esbranquiçadas ou acinzentadas, formando uma faixa ferrugínea distinta sobre as patas anteriores e posteriores. Tufos ungueais claros estendendo-se até as pontas das garras. Orelhas escuras, com a metade proximal revestida de pêlos similares aos do dorso. Cauda unicolor, cinza-escura, coberta por pêlos curtos escuros, de comprimento equivalente ao de duas escamas caudais, sem obstruir as escamas. Quatro pares de mamas, peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal.

Espécies no Brasil: *Phaenomys ferrugineus.*

Medidas (Bonvicino *et al.*, 2001[a]; presente estudo[b]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
P. ferrugineus	154 (4) [a] 148-170	196 (7) [a] 187-202	32,6 (8) [a] 31-34	18,5 (4) [a] 17-20	103 (1) [b]

Hábito e hábitat: arborícola. Habita formações florestais da Mata Atlântica.



Mapa 29. Distribuição de *Phaenomys ferrugineus.*

Distribuição no Brasil:

P. ferrugineus: restrito à Serra do Mar, entre a Serra dos Órgãos, no estado do Rio de Janeiro e a Serra da Bocaina, no litoral sul do estado de São Paulo (Vaz, 2000).

GÊNERO *PODOXYMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda tão longa ou um pouco mais longa do que o comprimento do corpo. Pelagem do dorso, patas e cauda uniformemente castanho-escuras, sobrepelos enegrecidos desde a base, ou com uma banda subapical castanho-avermelhada. Pelagem mais curta na cabeça e na região ventral, onde a cor castanho-avermelhada é mais evidente. Olhos muito pequenos. Orelhas também pequenas, mas claramente visíveis, apesar de parcialmente cobertas pela pelagem. Garras das patas anteriores moderadamente longas, a terceira medindo entre 2,5 e 3 mm (Pérez-Zapata *et al.*, 1992).

Espécies no Brasil: *Podoxymys roraimae.*

Medidas (Perez-Zapatta *et al.,* 1992):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
P. roraimae (holótipo)	101	95	23	-	-

Hábito e hábitat: terrestre. Habita as cavidades do solo rupestre coberto de musgos das altas elevações do Monte Roraima.

Distribuição no Brasil:
P. roraimae: restrito ao Monte Roraima, no estado de Roraima.



Mapa 30. Distribuição de *Podoxymys roraimae* no Brasil.

GÊNERO *PSEUDORYZOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho médio, comprimento da cauda igual ou ligeiramente maior que o do corpo. Pelagem do dorso longa e macia, castanho-acinzentada, tracejada por pêlos de ponta negra; laterais mais claras, com limite pouco definido com o ventre, que é branco-amarelado, mas com a base dos pêlos acinzentada. Orelhas pequenas, cobertas com pêlos curtos, sem aparência nua. Patas posteriores estreitas, com pequenas membranas interdigitais. Superfície superior das patas revestida por pêlos curtos branco-acinzentados. Pêlos ungueais claros, raramente estendendo-se além das pontas das unhas. Cauda bicolor, sendo escura dorsalmente, coberta de pequenos pêlos, mas com as escamas epidérmicas claramente visíveis. Quatro pares de mamas.

Espécies no Brasil: *Pseudoryzomys simplex.*

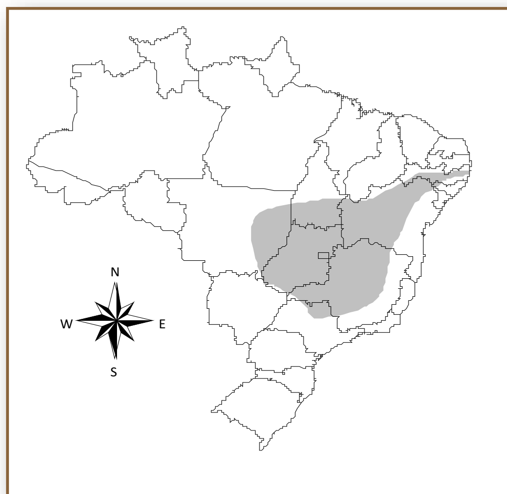
Medidas (Voss & Myers, 1991[a]; presente estudo[b]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
P. simplex	115 (9) [a] 103-127	116 (10) [a] 102-133	28 (7) [a] 27-31	16 (8) [a] 13-19	(2) [b] 45-55

Hábito e hábitat: terrestre e semi-aquático. Habita veredas e campos úmidos no Cerrado e na Caatinga.

Distribuição no Brasil:

P. simplex: leste do estado de Mato Grosso, sul do Tocantins, Goiás, oeste de Minas Gerais, norte de São Paulo, Bahia, oeste de Alagoas e Pernambuco.



Mapa 31. Distribuição de *Pseudoryzomys simplex* no Brasil.

GÊNERO *REITHRODON*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho médio, com o comprimento da cauda menor que o do corpo. Pelagem densa e macia. Coloração do dorso castanho-clara, ventre esbranquiçado ou acinzentado, mas freqüentemente manchado de castanho-claro. Cauda, patas traseiras e dianteiras freqüentemente brancas. Patas posteriores com membrana interdigital e com dígitos externos reduzidos. Orelhas grandes. Incisivos superiores com um sulco frontal. Quatro pares de mamas.



Figura 23. *Reithrodon typicus.*

Espécies no Brasil: *Reithrodon typicus.*

Medidas (presente estudo):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
R. typicus (2)	141	90-94	27-31	23	85

Hábito e hábitat: terrestre. Habita campos naturais e campos cultivados nos Campos do Sul.

Distribuição no Brasil: extremo sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul (Freitas *et al.,* 1983; Musser & Carleton, 2005).



Mapa 32. Distribuição de *Reithrodon typicus* no Brasil.

GÊNERO *RHAGOMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda pouco maior do que o comprimento do corpo. Pelagem macia, dorso uniformemente alaranjado, com as bases acinzentadas dos pêlos aparentes em algumas partes. Pêlos-guarda com a metade distal inteiramente escura; os sobrepelos com uma banda subapical alaranjada que se torna maior em direção às laterais do corpo. Superfície ventral mais clara, mal delimitada em relação às laterais, com as partes distais dos pêlos mais claras do que as bandas subapicais dos pêlos do dorso e laterais. Patas um pouco mais claras do que o dorso, dedos cobertos por pêlos esbranquiçados pequenos, tufos ungueais castanhos na base, brancos na ponta, e maiores do que as garras. Primeiro dígito da pata posterior muito menor do que os outros, com garra rombuda, assemelhando-se a um dos tubérculos plantares. Cauda revestida de pêlos curtos escuros, com as escamas epidérmicas evidentes, exceto em uma curta região da base da cauda onde a pelagem é igual à do dorso. Três pares de mamas, peitoral, abdominal e inguinal.

Espécies no Brasil: *Rhagomys rufescens.*

Medidas (Pinheiro *et al.*, 2004):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
R. rufescens	85,5 (3) 75-94	99,6 (3) 93-112	20 (3) 19-20	(2) 12-15	(2) 12-32

Hábito e hábitat: arborícola e terrestre. Habita formações florestais da Mata Atlântica e de áreas de transição entre a Mata Atlântica e o Cerrado.

Distribuição no Brasil:

R. rufescens: estados do Rio de Janeiro, São Paulo e sudeste de Minas Gerais (Percequillo *et al.*, 2005).



Mapa 33. Distribuição de *Rhagomys rufescens.*

GÊNERO *RHIPIDOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho médio, comprimento da cauda variando de pouco maior até uma vez e meia o comprimento do corpo. Coloração do dorso castanho-avermelhada, castanho-alaranjada ou castanho-acinzentada. Pêlos das laterais do corpo mais claros e com limite bem definido com a coloração branca ou branco-amarelada do ventre. Pêlos do ventre totalmente brancos ou com as bases acinzentadas. Vibrissas longas estendendo-se além do limite posterior das orelhas, que têm a aparência nua. Olhos grandes. Patas curtas e largas, geralmente brancas, com uma mancha mais escura bem nítida na parte central da superfície superior. Tufos ungueais claros, cauda revestida por pêlos curtos, mas com as escamas epidérmicas aparentes. Os pêlos da ponta da cauda em geral são mais longos, formando um pincel. Três pares de mamas, pós-axial, abdominal e inguinal.



Figura 24. *Rhipidomys mastacalis*

Espécies no Brasil: *Rhipidomys cariri, Rhipidomys emiliae, Rhipidomys gardneri, Rhipidomys leucodactylus, Rhipidomys macconnelli, Rhipidomys marurus, Rhipidomys mastacalis* e *Rhipidomys nitela.*

Medidas (Gyldenstolpe, 1932[a]; Patton *et al.,* 2000[b]; Tribe, in litt.[c]):

Táxon	CC (n) ou *CT	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
R. cariri [c] (Serra de Baturité, CE)	142,4 (11) 130-154	180,3 (10) 170-195	27,9 (11) 25-30	19,5 (11) 18-22	70,2 (9) 47-87
R. emiliae [c] (Pará)	144 (5) 135-155	167,5 (4) 145-190	25,2 (6) 25-26	18,6 (5) 17-21	82 (5) 46-123
R. gardneri [b] (holótipo)	365*	215	33	24	-
R. leucodactylus [b] (Amazonas)	349* (3) 329-380	194,3 (3) 184-126	35,7 (3) 34-37	19,7 (3) 19-20	-
R. macconnelli [a]	95	147	24,5		
R. macrurus [c] (Serra da Ibiapaba, CE)	133,4 (54) 110-165	169,3 (50) 142-195	24,6 (54) 21-28	19,0 (54) 15-25	80,3 (29) 48-130
R. mastacalis [c] (Ilhéus, BA)	136,7 (21) 122-154	168,9 (21) 150-191	27,3 (21) 25-30	19.3 (21) 17-21	86,9 (21) 61-130
R. nitela [c] (Roraima)	115,5 (8) 108-121	148,8 (8) 142-161)	24,9 (8) 22-27	20 (1)	41 (2) 40-42

Hábito e hábitat: arborícola. Habita formações florestais na Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado e áreas úmidas da Caatinga.

Distribuição no Brasil:

R. cariri: estado do Ceará, na região do Crato (*R. c. cariri*) e da Serra de Baturité (*R. c. baturiteensis*) e no estado da Bahia (Tribe, 2005);

R. emiliae: nordeste do estado de Mato Grosso (Serra do Roncador), leste do Pará e oeste do Maranhão (modificado de Tribe, 1996);

R. gardneri: noroeste do estado do Acre (Patton , 2000);

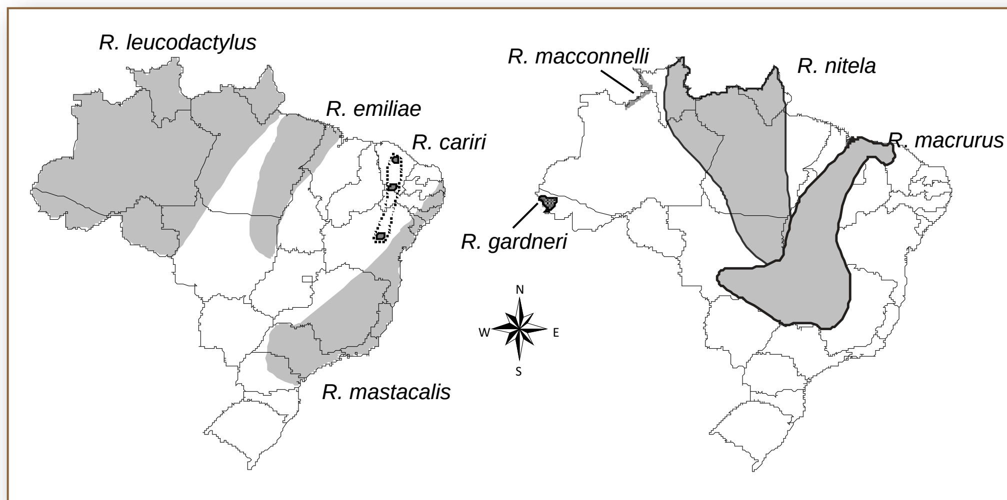
R. leucodactylus: estados do Acre, Amazonas, Rondônia, norte do Mato Grosso, Roraima, oeste do Pará e Amapá (Tribe, 1996);

R. macconnelli: altitudes superiores a 1.000 m no norte do estado do Amazonas (Serra da Neblina) e oeste de Roraima (Tribe, 1996);

R. macrurus: estado do Maranhão, oeste do Piauí, norte do Ceará, leste da Bahia, leste de Minas Gerais, Tocantins, Goiás, além do Distrito Federal, além do sudeste do Mato Grosso (Chapada dos Guimarães) (Tribe, 1996);

R. mastacalis: região costeira, do leste do estado de Pernambuco ao norte do Paraná; pelo interior, no centro-leste de Minas Gerais e todo o estado de São Paulo (Tribe, 1996);

R. nitela: estados do Amapá, Roraima, Pará, nordeste do Amazonas, norte do Mato Grosso, oeste de Tocantins e extremo norte de Goiás (Tribe, 1996).



Mapa 34. Distribuição das espécies de *Rhipidomys* no Brasil.

GÊNERO *SCAPTEROMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho médio, cauda menor do que o comprimento do corpo. Pelagem dorsal cinza-escura e ventral cinza-clara, com as extremidades esbranquiçadas dos pêlos quase que obstruindo completamente as bases cinza-escuras. Linha demarcatória entre laterais e ventre pouco nítida. Orelhas densamente revestidas de pêlos. Patas com a tonalidade da pele prevalecendo sob pêlos curtos, providas de dígitos e garras longas. Pêlos ungueais, quando presentes, curtos e claros. Cauda unicolor, com pêlos curtos escuros na superfície superior, mas claros e maiores na superfície inferior. Quatro pares de mamas.

Espécies no Brasil: *Scapteromys tumidus.*

Medidas (Barlow, 1969):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
S. tumidus	172 (17) 152-191	153 (17) 134-164	40 (17) 38-42	24 (16) 21-28	124 (18) 86-159

Hábito e hábitat: terrestre e semiaquático. Habita áreas próximas a cursos d'água, incluindo regiões alagadas, nos Campos do Sul.

Distribuição no Brasil:
S. tumidus: sudeste do estado do Rio Grande do Sul (Hershkovitz, 1966).



Mapa 35. Distribuição de *Scapteromys tumidus* no Brasil.

GÊNERO *SCOLOMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda menor do que o comprimento do corpo. Pelagem composta por pêlos-guarda aristiformes e pontas ferrugíneas misturados com sobrepelos escuros, que dão ao dorso um aspecto geral castanho-escuro, fortemente tracejado de preto. Ventre acinzentado, não delimitado de forma definida com as laterais, que são mais claras do que o dorso. Em toda a pelagem, a base dos pêlos é acinzentada. Orelhas curtas e arredondadas, cobertas por pêlos mais longos na base, com a metade terminal pouco pilosa e enegrecida. Patas curtas, acinzentadas, dedos esbranquiçados, polegar vestigial, com uma unha curta e rombuda. Cauda levemente bicolor, um pouco mais clara na superfície inferior. Três pares de mamas, um peitoral e dois inguinais.

Espécies no Brasil: *Scolomys ucayalensis.*

Medidas (Patton & da Silva, 1995):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
S. ucayalensis	152,4 (11) 142-163	69 (11) 26-76	20,6 (16) 19-22	15,6 (16) 15-17	26 (holótipo)

Hábito e hábitat: terrestre. Habita áreas de terra firme na Floresta Amazônica, tendo sido encontrado em pequenas clareiras naturais resultantes da queda de árvores.

Distribuição no Brasil:

S. ucayalensis: conhecido de quatro localidades ao longo do curso superior e médio do Rio Juruá, estados do Amazonas e Acre (identificado como *S. juruaensis* em Patton & da Silva, 1995; Gómez-Laverde , 2004).



Mapa 36. Distribuição de *Scolomys ucayalensis.*

GÊNERO *SIGMODON*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda menor do que o comprimento do corpo. Pelagem dorsal castanho-acinzentada, tracejada de preto, base dos pêlos escura, extremidade escura ou acinzentada. Pêlos ventrais cinza-escuros basalmente, mas extremidades distais predominantemente amarelo-claras, resultando em um padrão mais claro do que o dorso e laterais, sem um limite preciso. Orelhas pequenas, mas visíveis. Patas bem providas de pêlos na superfície superior, mas sem tufos ungueais. Cauda bicolor, sendo escura dorsalmente, com pêlos que não ocultam as escamas. Cinco pares de mamas. Incisivos superiores com um sulco profundo.

Espécies no Brasil: *Sigmodon alstoni.*

Medidas (Voss, 1991; presente estudo):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
S. alstoni	137 (26) 106-152	91 (26) 72-102	27 (26) 24-29	15 (2) 12-18	-

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações vegetais abertas, como savanas, campos, pastos e margens de estradas nessas formações vegetais da Floresta Amazônica.

Distribuição no Brasil:

S. alstoni: Alto Rio Branco, no estado de Roraima, na bacia do Rio Paru (Serra do Tumucumaque), no estado do Pará, e nas proximidades de Macapá, no estado do Amapá.



Mapa 37. Distribuição de *Sigmodon alstoni* no Brasil.

GÊNERO *SOORETAMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE


Figura 25. *Sooretamys angouya.*

Descrição: tamanho grande, cauda maior do que o comprimento do corpo. Coloração do dorso castanho-escura, com os pêlos mais claros nas laterais e limite pouco definido com o ventre, que é amarelado. Cauda pouco pilosa. Patas longas e estreitas, geralmente com a superfície superior recoberta de pêlos amarelados, e a parte central mais escura. Quatro pares de mamas, peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal.

Espécies no Brasil: *Sooretamys angouya.* Esse gênero foi descrito recentemente para abrigar a espécie antes referida como *Oryzomys angouya* (Weksler *et al.,* 2006).

Medidas (presente estudo):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
S. angouya	161 (22) 114-182	192 (22) 145-226	39 (22) 33-43	22 (22) 19-25	116 (11) 84-161

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais da Mata Atlântica.

Distribuição no Brasil:

S. angouya: região costeira, do estado do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul; pelo interior, no leste de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, ao oeste de Santa Catarina.



Mapa 38. Distribuição de *Sooretamys angouya* no Brasil.

GÊNERO *THALPOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno, cauda menor que o comprimento do corpo. Coloração do dorso variando de amarelada a castanho-avermelhada, laterais com coloração mais clara, sem limite definido com o ventre esbranquiçado. Orelhas relativamente grandes, revestidas por pêlos curtos nas superfícies interna e externa. Olhos de tamanho normal, não reduzidos. Superfície superior das patas clara. Pêlos ungueais curtos e claros. Cauda densamente revestida por pêlos curtos, ocultando parcialmente as escamas epidérmicas.



Figura 26. *Thalpomys lasiotis.*

Espécies no Brasil: *Thalpomys cerradensis* e *Thalpomys lasiotis.*

Medidas (presente estudo):

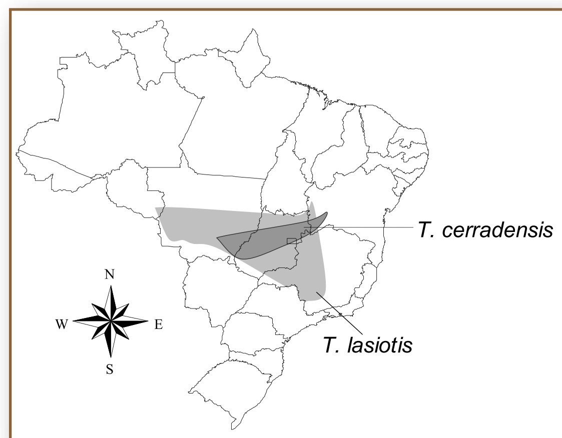
Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
T. lasiotis (10)	80,7 74-85	50,1 45-58	17 15,5-18	12,4 11-13	17,2 13-25
T. cerradensis (1)	101	73	25	19	-

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações abertas do Cerrado.

Distribuição no Brasil:

T. cerradensis: Distrito Federal, sudoeste do estado da Bahia, Goiás e sudeste do Mato Grosso (Andrade *et al.*, 2004);

T. lasiotis: Distrito Federal e oeste do estado de Minas Gerais, sudoeste da Bahia, Goiás, centro-sul do Mato Grosso e sudeste de Rondônia (Andrade *et al.*, 2004).



Mapa 39. Distribuição das espécies do gênero *Thalpomys.*

GÊNERO *THAPTOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE



Figura 27. *Thaptomys nigrita.*

Descrição: tamanho pequeno, cauda menor do que a metade do comprimento do corpo, tronco relativamente alongado e membros proporcionalmente curtos. Coloração do dorso castanho-escura, com pouco contraste com o ventre, que é castanho-acinzentado, sendo as bases dos pêlos cinza-escuras. Superfície superior das patas escura, como o dorso. Olhos e orelhas reduzidos. Cauda bem escura, pouco pilosa, com escamas epidérmicas aparentes. Quatro pares de mamas.

Espécies no Brasil: *Thaptomys nigrita.*

Medidas (presente estudo):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
T. nigrita	90,6 (13) 81-111	44,5 (13) 39-55	18,2 (13) 14-21	11,7(13) 9-13	21,3 (5) 16,7-23,8

Hábito e hábitat: terrestre. Habita formações florestais da Mata Atlântica.

Distribuição no Brasil:

T. nigrita: da região costeira de Ilhéus, na Bahia, ao norte do Rio Grande do Sul; pelo interior, no sudoeste do Paraná, oeste de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul.



Mapa 40. Distribuição de *Thaptomys nigrita* no Brasil.

GÊNERO *WIEDOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno a médio, cauda bem maior do que o comprimento do corpo. Dorso acinzentado, constituído por pêlos de ampla base cinza e partes distais homogeneamente castanho-escuras ou com uma banda subapical ou apical alaranjada, proporcionando uma notável tonalidade alaranjada na parte posterior do dorso. Laterais tão acinzentadas quanto o dorso, com limite bem definido com o branco puro do ventre, formado por pêlos totalmente brancos. Superfície externa das orelhas e do focinho alaranjada, tal como o dorso posterior. Região da base externa das orelhas revestida por pêlos alaranjados com a base branca. Vibrissas longas, ultrapassando as orelhas. Patas revestidas de pêlos claros, tufos ungueais prateados. Cauda castanho-escura, fracamente bicolor e coberta por pêlos pequenos que não ultrapassam duas escamas em comprimento, exceto na ponta, onde os pêlos são maiores, sem formar um pincel definido. Quatro pares de mamas, inguinal, abdominal, torácico e peitoral.



Figura 28. *Wiedomys pyrrhorhinus.*

Espécies no Brasil: *Wiedomys pyrrhorhinus* e *Wiedomys cerradensis.*

Medidas (Gonçalvez *et al.,* 2005[a] ; presente estudo[b]):

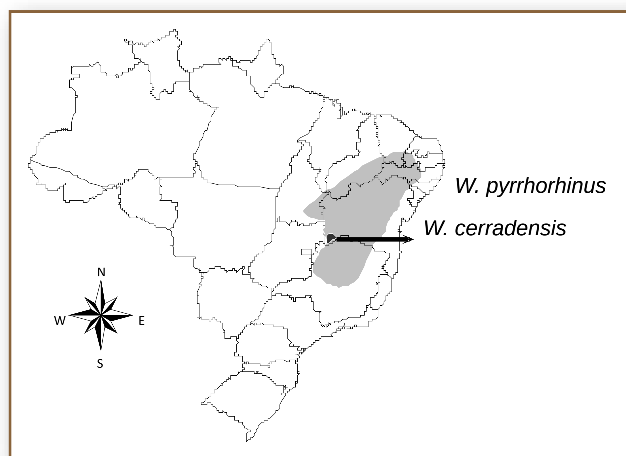
Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
W. pyrrhorhinos	100 (10) [a] 125-116	173 (10) [a] 149-188	27 (10) [a] 26-30	21 (10) [a] 19-23	34 (6) [b] 26-40
W. cerradensis [b]	108,5 (2) 107-110	151,5 (2) 142-161	26,5 (2)	19,5 (2) 19-20	-

Hábito e hábitat: arborícola e terrestre. Habita matas semidecíduas dos domínios morfoclimáticos da Caatinga e do Cerrado.

Distribuição no Brasil:

W. pyrrhorhinus: sul do estado do Ceará, sudeste do Piauí, oeste dos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, interior da Bahia e norte de Minas Gerais.

W. cerradensis: sudoeste do estado da Bahia (Gonçalves *et al.*, 2005).



Mapa 41. Distribuição das espécies de *Wiedomys.*

GÊNERO *WILFREDOMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho médio, cauda maior que o comprimento do corpo. Superfície dorsal da cabeça e do corpo acinzentada e tracejada por pêlos castanho-escuros. O dorso posterior de alguns espécimes, bem como a região em torno do focinho e as orelhas, pode apresentar um tom alaranjado dada a prevalência de bandas subapicais ou apicais alaranjadas dos pêlos nessa região. Orelhas cobertas por pêlos alaranjados muito curtos em ambos os lados. Ventre pouco definido em relação às laterais, mas mais claro, devido à ausência de pêlos inteiramente melânicos, sendo que as partes distais amareladas dos pêlos ocultam completamente suas bases cinza-escuras. Os pêlos das regiões gular e inguinal, por outro lado, são esbranquiçados até a base. Partes superiores das patas anteriores e posteriores cobertas por pêlos curtos esbranquiçados e alaranjados. Pêlos ungueais claros. Cauda castanho-clara, levemente bicolor, muito longa, coberta com pêlos alaranjados muito curtos, exceto a ponta, onde os pêlos têm de 2 a 3 mm. Vibrissas mistaciais escuras e longas, com extremidades atingindo o limite posterior das orelhas.

Espécies no Brasil: *Wilfredomys oenax.*

Medidas (Moojen, 1952[a]; L. Tiepolli, dados não publicados[b]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
W. oenax	110 (1) [a]	181 (1) [a]	29 (1) [a]	(2) [b] 20-21	75 (1) [b]

Hábito e hábitat: arborícola. Habita formações florestais da Mata Atlântica no sul do Brasil.

Distribuição no Brasil:

W. oenax: estado do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, centro do Paraná e leste de São Paulo (González & Oliveira, 1997).



Mapa 42. Distribuição de *Wilfredomys oenax* no Brasil.

GÊNERO *ZYGODONTOMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CRICETIDAE, SUBFAMÍLIA SIGMODONTINAE

Descrição: tamanho pequeno a médio, cauda menor do que o comprimento do corpo. Coloração do dorso castanho-acinzentada, com as laterais mais claras e não delimitadas em relação ao ventre, cinza-claro ou amarelada, mas com a base dos pêlos cinza. Orelhas internamente recobertas por pêlos curtos da cor do dorso. Superfície superior das patas coberta por pequenos pêlos cinza-claros ou prateados, com pêlos ungueais prateados. Cauda bicolor (escura dorsalmente) e esparsamente pilosa, com as escamas visíveis. Quatro pares de mamas.



Figura 29. *Zygodontomys brevicauda*

Espécies no Brasil: *Zygodontomys brevicauda.*

Medidas (presente estudo):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
Zygodontomys brevicauda (4)	121,5 113-140	98,5 90-117	26 25-27	21 19-21	47,5 40-75

Hábito e hábitat: terrestre. Habita campinaranas e campos de altitude nas savanas da Floresta Amazônica, ao norte do Rio Amazonas.

Distribuição no Brasil:
Zygodontomys brevicauda.: noroeste do estado do Amazonas, Roraima, norte do Pará e Amapá, ao norte do Rio Amazonas (Bonvicino *et al.,* 2003).



Mapa 43. Distribuição de *Zygodontomys brevicauda* no Brasil.

GÊNERO *MUS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA MURIDAE, SUBFAMÍLIA MURINAE



Figura 30. *Mus musculus.*

Descrição: tamanho pequeno, cauda aproximadamente igual ao comprimento do corpo, orelhas grandes. Pelagem uniformemente castanho-acinzentada, sem contraste entre as superfícies dorsal e ventral. Patas estreitas, com a superfície superior mais amarelada. Cinco pares de mamas, um peitoral, um pós-axial, dois abdominais e um inguinal.

Espécies no Brasil: *Mus musculus.*

Medidas (presente estudo):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
Mus musculus (18)	83 74-98	79,3 69-89	18,3 16-24	13,7 11-19	14 10-24

Hábito e hábitat: vive essencialmente em habitações humanas.

Distribuição no Brasil:

Em todos os estados - um roedor originalmente do Velho Mundo, introduzido pela colonização européia.

GÊNERO *RATTUS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA MURIDAE, SUBFAMÍLIA MURINAE

Descrição: O *Rattus rattus* apresenta tamanho médio a grande, cauda maior do que o comprimento do corpo, orelhas longas e quase nuas e patas posteriores sem membrana interdigital. O *Rattus norvegicus* apresenta tamanho grande, cauda menor do que o comprimento do corpo, orelhas mais curtas e um pouco pilosas, além de patas posteriores com membrana interdigital. O *Rattus rattus* apresenta-se em três formas quanto à coloração da pelagem: (a) preto no dorso, mais clara nos flancos e ainda mais no ventre; (b) castanho-acinzentada no dorso e branco-acinzentada no ventre, (c) castanho-escura; no dorso e o ventre branco puro. O *Rattus rattus* têm de cinco a seis pares de mamas, mais freqüentemente cinco, sendo um peitoral, um pós-axial, dois abdominais e um inguinal. O *Rattus norvegicus* apresenta seis pares de mamas, sendo um peitoral, dois pós-axiais, dois abdominais e dois inguinais.

Espécies no Brasil: *Rattus rattus* e *Rattus norvegicus*.

Medidas (Moojen & Silva Jr., 1942):

Táxon	CC	CA	PÉ	O
R. norvegicus	210	180	37	18
R. rattus	190	260	36	24

Hábito e hábitat: O *Rattus norvegicus* tem hábito semi-aquático, vivendo de preferência à beira de águas doces, salobras ou salgadas. Nada e mergulha com habilidade. Cava galerias extensas. O *Rattus rattus* tem hábito terrestre, mas apresenta grande habilidade para escalar, freqüentando forros de casas e escalando paredes facilmente. Já foi registrado raras vezes longe de habitações humanas, em estradas por onde sejam transportados grãos ou outros itens que lhe podem servir de alimento. Nessas situações, abriga-se em troncos caídos.

Distribuição no Brasil:

São roedores originalmente do Velho Mundo, introduzidos pela colonização européia. O *Rattus norvegicus* é mais freqüente no litoral, mas também é encontrado em campos, geralmente não procurando a habitação humana, mas freqüentando estrebarias, aviários e outras instalações de animais domésticos. O *Rattus rattus* vive em lugares secos, em habitações humanas, armazéns de grãos e entre pavimentos. Em inventários, o *Rattus rattus* é geralmente encontrado próximo às habitações humanas, tendo sido registrado em todos os estados do Brasil.



CHAVES PARA GÊNEROS DE ROEDORES HISTRICOGNATOS BRASILEIROS

1a. Patas posteriores com três dígitos 2

1b. Patas posteriores com quatro dígitos ou mais 7

2a. Dimensões corporais muito grandes, adultos com mais de 35 kg. . . . .
. . . . *Hydrochoerus*

2b. Massa corporal de adultos menor do que 10 kg 3

3a. Com cauda curta ou rudimentar 4

3b. Sem cauda 5

4a. Cauda rudimentar, tamanho maior, adultos com mais de 1,5 kg . . . . *Dasyprocta*

4b. Cauda curta e fina, tamanho menor (massa corporal de adultos menor do que 1,5 kg) . . . . *Myoprocta*

5a. Patas com tubérculos plantares muito desenvolvidos, garras curtas e rombudas cobertas por pêlos longos . . . . *Kerodon*

5b. Patas com tubérculos plantares pouco desenvolvidos, garras longas e conspícuas . . 6

6a. Pelagem do ventre em geral bem mais clara que a dorsal e geralmente com limite bem definido com a lateral; pêlos ventrais com a parte distal esbranquiçada ou amarelo-clara; anel completo de pêlos brancos ao redor dos olhos . . . . *Galea*

6b. Pelagem do ventre um pouco mais clara do que a do dorso, em geral castanho-clara; geralmente sem anel de pêlos brancos ao redor dos olhos (exceto *C. magna*). . . . .*Cavia*

7a. Patas posteriores com cinco dígitos 8

7b. Patas posteriores com quatro dígitos 12

8a. Patas posteriores sem membranas interdigitais 9

8b. Patas posteriores com membranas interdigitais, mas com o quinto dedo livre . . . . .
. . . . Myocastoridae, *Myocastor*

9a. Patas posteriores com três dígitos maiores e dois muito menores, que não tocam o solo. . . . . Cuniculidae, *Cuniculus*

9b. Patas posteriores com quatro dígitos com unhas longas fortes e curvadas e com um hálux reduzido; corpo coberto por pêlos aculeiformes (rígidos, espinhosos, de seção circular) 10

10a. Pêlos espinhosos dos quadris lisos, sem farpa . . . . *Chaetomys*

10b. Pêlos espinhosos dos quadris com farpa 11

11a. Pêlos espinhosos mais longos que os pêlos finos e, conseqüentemente, mais conspícuos. . . . . *Coendou*

11b. Pêlos espinhosos mais curtos que os pêlos finos e, conseqüentemente, menos conspícuos. . . . . *Sphiggurus*

12a. Cauda mais curta que o corpo 13

12b. Cauda maior ou aproximadamente igual ao corpo 7

13a. Hábito semifossório ou fossório, garras muito desenvolvidas 14

13b. Hábito terrestre ou semi-arborícola; garras longas e fortes, mas não relativamente desenvolvidas como nas formas fossoriais; tamanho grande, adultos com mais de 5 kg. . . . . *Dinomys*

14a. Pelagem muito macia, totalmente sem pêlos aristiformes, garras das patas anteriores muito mais desenvolvidas do que as das patas posteriores. . . . . *Ctenomys*

14b. Pelagem espinhosa ou dura ao tato, com muitos ou poucos pêlos aristiformes 15

15a. Pelagem com pêlos longos e híspidos, cauda pilosa, incisivo com sulco longitudinal na face anterior . . . . *Carterodon*

15b. Pelagem muito espinhosa, cauda com pêlos aristiformes curtos 16

16a. Pelagem mais clara e tracejada de preto, garras das patas posteriores cobertas com tufos ungueais mais densos . . . . *Clyomys*

16b. Pelagem castanho-escura, garras das patas posteriores cobertas com pêlos ungueais mais escassos. . . . . *Euryzygomatomys*

17a. Patas longas e estreitas; hábito terrestre. 18

17b. Patas curtas e largas; hábito arborícola. 20

18a. Cauda revestida de pêlos longos que ocultam totalmente as escamas, pelagem macia . . . . *Thrichomys*

18b. Cauda coberta por pêlos curtos, escamas visíveis, pelagem espinhosa. 19

19a. Comprimento da cauda geralmente igual ao do corpo, pêlos aristiformes mais estreitos, às vezes muito finos, distribuição geográfica majoritariamente amazônica, com extensões ao Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, oeste de Minas Gerais, Tocantins e Maranhão . . . . *Proechimys*

19b. Comprimento da cauda geralmente maior do que o do corpo, pêlos aristiformes em geral mais largos, distribuição geográfica atlântica, com extensões no centro-leste em Minas Gerais, São Paulo, nordeste do Paraná, centro-leste da Bahia, Sergipe e Alagoas . . . . *Trinomys*

20a. Pêlos-guarda não-aristiformes 21

20b. Pêlos-guarda aristiformes (pelagem espinhosa ao tato ou mais ou menos espinhosa) . . . 25

21a. Cauda totalmente revestida por pêlos longos ou por pêlos curtos que ocultam totalmente as escamas 22

21b. Cauda revestida por pêlos curtos, com escamas aparentes, exceto na base. . . . . *Dactylomys*

22a. Cauda com as partes proximal e distal de cores similares. 23

22b. Cauda com as partes proximal e distal de cores diferentes 24

23a. Cauda bicolor, escura dorsalmente e clara ventralmente, com pincel de pêlos na extremidade, coloração do dorso e das laterais com limite definido com o ventre branco-amarelado . . . . *Kannabateomys*

23b. Cauda unicolor preta, sem pincel de pêlos na extremidade, coloração do dorso e das laterais sem limite definido com um ventre de cor um pouco mais clara . . . . *Toromys*

24a. Cauda com a parte distal preta e a parte proximal alaranjada, pelagem do corpo castanho-escura, sem limite definido com o ventre amarelo-escuro, mancha amarelada no topo da cabeça . . . .*Isothrix*

24b. Cauda com a parte proximal preta e a parte distal branca, pelagem branca com mancha preta na cabeça e no dorso, base dos pêlos escura . . . . *Callistomys*

25a. Cauda com a metade proximal escura, metade distal clara, coberta de pêlos longos que ocultam totalmente as escamas, dorso castanho-escuro com pêlos aristiformes bem desenvolvidos em todo o corpo, mancha branca estendendo-se do focinho ao topo da cabeça, menos intensa na região gular . . . . *Echimys*

25b. Cauda com as partes proximal e distal da mesma cor, coberta de pêlos curtos em sua maior extensão 26

26a. Cauda muito maior que o corpo, coberta de pêlos curtos que não obstruem totalmente as escamas, exceto no terço distal e, que tem pêlos muito longos formando um pincel conspícuo, tufo de pêlos muito desenvolvido na ponta da cauda, corpo coberto por pêlos aristiformes . *Lonchothrix*

26b. Cauda semelhante ou pouco maior que o comprimento do corpo 27

27a. Cauda com pincel de pêlos na ponta 28

27b. Cauda coberta por pêlos curtos que não ocultam as escamas, exceto na parte proximal, corpo coberto por pêlos aristiformes (espinhosos) finos . . . . *Makalata*

28a. Dorso coberto por pêlos aristiformes finos, pouco notáveis nas laterais e ausentes no ventre, cauda coberta por pêlos longos que obstruem completamente as escamas e terminam em um pincel conspícuo . . . .*Phyllomys*

28b. Dorso e laterais revestidos de pêlos aristiformes largos, ventre com pêlos aristiformes muito finos e claros, cauda coberta por pêlos curtos, não obstruindo as escamas, exceto no terço posterior, onde se forma um pincel inconspícuo . . . . *Mesomys*

GÊNERO *CAVIA*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CAVIIDAE, SUBFAMÍLIA CAVIINAE



Figura 31. *Cavia aperea.*

Descrição: tamanho médio a grande, sem cauda. Pelagem densa e híspida. Coloração do dorso variando do castanho-escuro ao cinza-claro com tons amarelados. Superfície ventral branco-amarelada ou alaranjada, a região do peito podendo ser acinzentada em algumas espécies. Patas anteriores com quatro dedos e patas posteriores com três dedos. A *Cavia magna* possui um anel de pêlos brancos ao redor dos olhos. Patas com a superfície superior da cor do dorso, dígitos com pêlos ungueais pouco desenvolvidos.

Espécies no Brasil: *Cavia aperea, Cavia fulgida, Cavia intermedia, Cavia magna* e *Cavia porcellus*.

Medidas (Moojen, 1952[a] ; Ximenez, 1980[b]; Cherem *et al*., 1999[c]):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
C. aperea [a] (adultos)	290	diminuta	52	-	-
C. fulgida [a] (adultos)	265	diminuta	51	-	-
C. intermedia [c] (6)	275-310	diminuta	47-51	25-29	550-680
C. magna [b] (holótipo)	310	diminuta	54	30	760
C. porcellus [a] (adultos)	198	diminuta	42	-	-

Hábito e hábitat: terrestre. Habita bordas de mata em áreas de Mata Atlântica e formações próximas a cursos d'água, como mata de galeria, campo úmido, brejo, campo limpo no Cerrado (Mares *et al*., 1989; Marinho-Filho *et al*., 1998), nos Campos do Sul e em áreas da Caatinga.

Distribuição no Brasil:

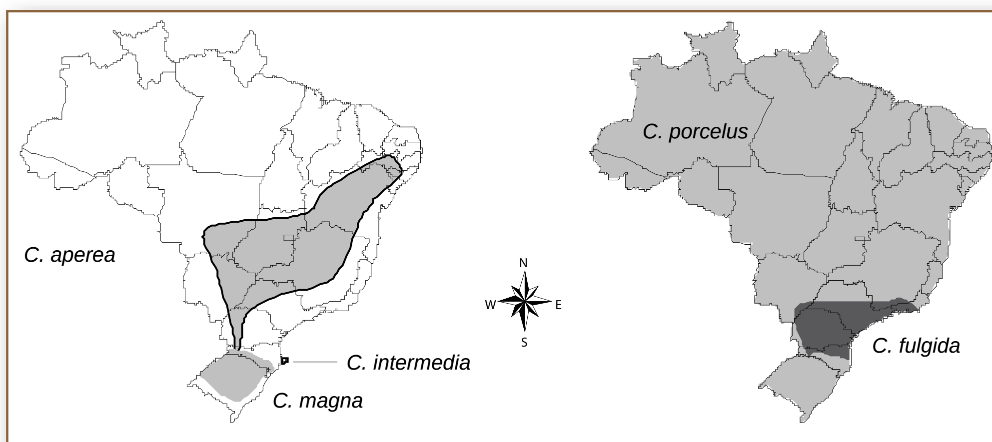
C. aperea: estados de Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Goiás, sudeste de Mato Grosso, leste de Mato Grosso do Sul, oeste de Minas Gerais, oeste de São Paulo, oeste do Paraná e noroeste de Santa Catarina (Moojen, 1952; Cherem, 2005);

C. fulgida: do sul do estado de Minas Gerais ao norte de Santa Catarina, e no sudeste do estado do Mato Grosso do Sul (Cabrera, 1961; Carmignotto, 2004; Cherem, 2005);

C. intermedia: endêmica do arquipélago de Moleques do Sul, no estado de Santa Catarina (Cherem et al., 1999);

C. magna: estados do Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina (Cabrera, 1961);

C. porcellus: em todo o Brasil (Cabrera, 1961).



Mapa 44. Distribuição das espécies de *Cavia* no Brasil.

GÊNERO *GALEA*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CAVIIDAE, SUBFAMÍLIA CAVIINAE



Figura 32. *Galea spixii.*

Descrição: tamanho médio a grande, sem cauda. Pelagem densa e híspida. Coloração geral do dorso variando de acinzentada a amarelada, podendo apresentar mancha branca pós-auricular. Superfície ventral branca ou branco-amarelada. Patas anteriores com quatro dígitos e patas posteriores com três. Presença de um anel de pêlos brancos ao redor dos olhos. Superfície superior das patas de cor igual ou mais clara que a do dorso, pêlos ungueais pouco desenvolvidos.

Espécies no Brasil: *Galea flavidens* e *Galea spixii.*

Medidas (presente estudo):

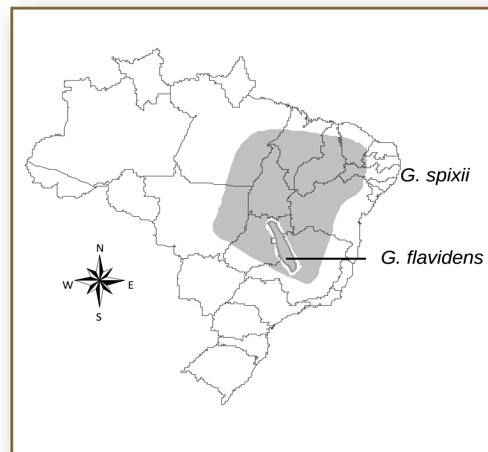
Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
G. flavidens	205 (1)	diminuta	43 (1)	25 (1)	275 (3) 150-345
G. spixii	242,3 (20) 195-284	diminuta	51,6 (20) 64-44	25,1 (20) 18-33	321 (20) 560-140

Hábito e hábitat: terrestre e diurno, mas é ativa em pequenos intervalos durante a noite (Streilen, 1982a). Ocorre em lajeiros, caatinga baixa e campos cultivados na Caatinga (Streilen, 1982b), além de áreas do Cerrado.

Distribuição no Brasil:

G. flavidens: noroeste do estado de Minas Gerais e nordeste do estado de Goiás (Bonvicino *et al.*, 2005; Cabrera, 1961);

G. spixii: do sudeste do estado do Pará e leste de Mato Grosso ao noroeste de Minas Gerais, oeste da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, sul do Ceará, centro-sul do Piauí e Maranhão, além do Distrito Federal (Moojen, 1952).



Mapa 45. Distribuição das espécies de *Galea* no Brasil.

GÊNERO *HYDROCHOERUS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CAVIIDAE, SUBFAMÍLIA HYDROCHOERINAE

Descrição: tamanho muito grande, o maior roedor existente, atingindo altura média na cernelha de mais de 50 cm em adultos. Cabeça grande, com orelhas curtas e arredondadas, membros curtos e cauda vestigial. Pelagem longa, espessa e grossa, com coloração variando de castanho-avermelhada para o cinzento nas partes superiores, e de castanha a amarelada nas partes inferiores. Quatro dígitos nas patas dianteiras e três na traseira, providos de membranas interdigitais incipientes. Quatro pares de mamas.



Figura 33. *Hydrochoerus hydrochaeris.*

Espécies no Brasil: *Hydrochoerus hydrochaeris.*

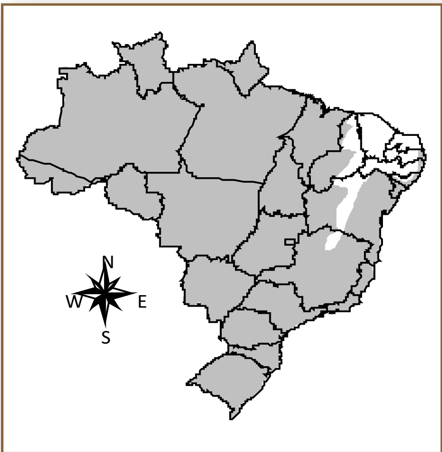
Medidas (Emmons & Feer, 1997):

Táxon	CC	CA	PÉ	O	MC
H. hydrochaeris	1070-1340	10-20	220-250	60-70	35000-65000

Hábito e hábitat: semi-aquático. Ocorre nos mais variados tipos de ambiente, desde matas ciliares a savanas sazonalmente inundáveis, a até 500 m de distância da água.

Distribuição no Brasil:

H. hydrochaeris: todas as bacias hidrográficas brasileiras, exceto talvez nos menores rios temporários de regiões semi-áridas. Extinta localmente em muitas regiões onde antes era comum, mas recentemente abundante em localidades onde havia sido quase extinta, como nos centros urbanos de diversas cidades da região sudeste.



Mapa 46. Distribuição de *Hydrochoerus hydrochaeris* no Brasil.

GÊNERO *KERODON*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CAVIIDAE


Figura 34. *Kerodon rupestris.*

Descrição: tamanho grande, sem cauda. Pelagem densa e macia. Coloração geral amarelo-acinzentada ou alaranjada, tracejada com pêlos brancos e pretos, com tom mais amarelado nas partes posteriores. Superfície ventral branco-amarela, sendo os pêlos da garganta totalmente brancos. Parte posterior da coxa e das patas castanha. Patas posteriores com três dedos. Tubérculos plantares bastante desenvolvidos, garras rombudas e curtas, cobertas com pêlos ungueais longos.

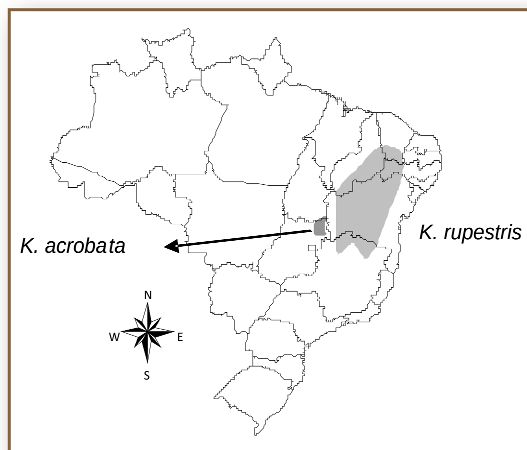
Espécies no Brasil: *Kerodon acrobata* e *Kerodon rupestris.*

Medidas (Moojen *et al*., 1997[a]; presente estudo[b]):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
K. acrobata (2) [a]	384-385	atrofiada	72	32-35	1000-1080
K. rupestris (4) [b]	331,3 310-340	atrofiada	67,5 60-70	29,5 28-30	855 750-900

Hábito e hábitat: terrestre. Habita as formações da Caatinga e de áreas restritas do Cerrado (Streilen, 1982).

Distribuição no Brasil:
K. acrobata: estado de Goiás (Moojen *et al*., 1997);
K. rupestris: dos estados do Piauí e Ceará ao norte de Minas Gerais.



Mapa 47. Distribuição das espécies de *Kerodon*.

GÊNERO *CTENOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CTENOMYIDAE , SUBFAMÍLIA CTENOMYINAE

Descrição: tamanho médio a grande, comprimento da cauda muito menor que o do corpo. Pelagem espessa, fina e sedosa. Coloração geral do dorso variando de castanho-clara a castanho-alaranjada, algumas vezes tracejada de preto devido à presença de pêlos-guarda escuros. Superfície ventral branca ou branco-alaranjada. Cauda possui pêlos que obstruem as escamas. Patas anteriores com garras muito mais desenvolvidas do que as das patas posteriores. Orelhas curtas e olhos reduzidos. Patas posteriores com uma franja de pêlos curtos e rígidos nas bordas.



Figura 35. *Ctenomys* sp.

Espécies no Brasil: *Ctenomys boliviensis, Ctenomys brasiliensis, Ctenomys flamarioni, Ctenomys lami, Ctenomys minutus, Ctenomys nattereri* e *Ctenomys torquatus.*

Medidas (Wagner, 1848[a]; Barlow, 1965[b]; Reig *et al.*, 1965[c]; Travi, 1981[d]; Anderson, 1997[e]; Freitas, 2001[f]):

Táxon (n)	CC ou CT*	CA	PÉ	O	MC
C. boliviensis[e]	248,5 221-276	87,5 80-95	45,5 45-46	10,5 9-12	535 420-650
C. flamarioni[d] (holótipo)	289*	74	42	-	-
C. lami[f] (holótipo)	178	79	36	-	-
C. minutus[c] (vários)	174,8 155-210	76,9 62-94	32,2 28-35	7	-
C. nattereri[a] (holótipo)	230	80	40	-	-
C. torquatus[b] (machos)	266,8 * 235–289	76,4 61–86	37,5 35-40	7,3 6–9	228,9 178,3-303,7

Hábito e hábitat: fossório. Habita áreas de solo arenoso nos Campos do Sul e em áreas restritas do Cerrado.

Distribuição no Brasil:

C. boliviensis: sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul (Woods & *Kilpatrick*, 2005);

C. brasiliensis: estado de Minas Gerais (Blainville, 1826);

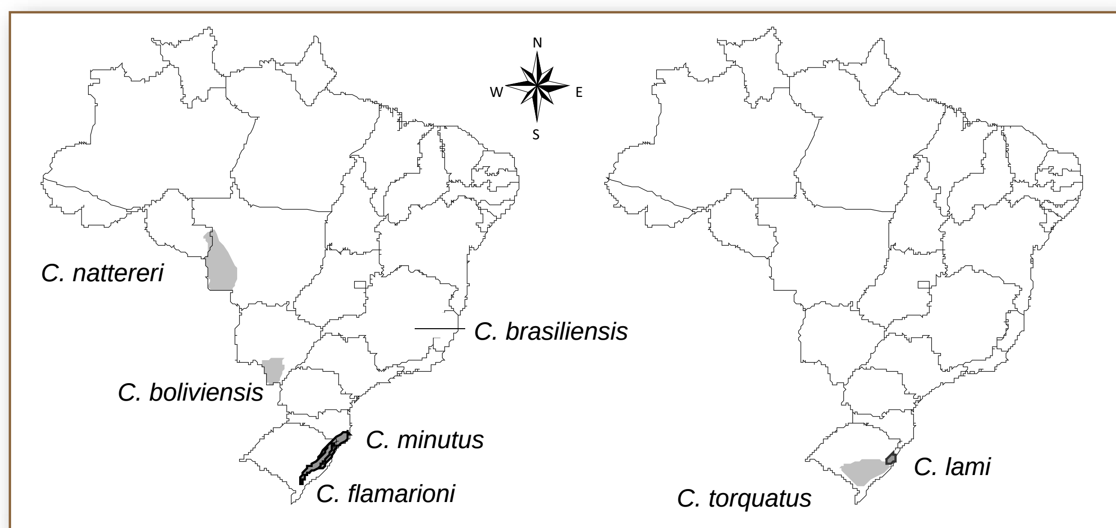
C. flamarioni: leste do estado do Rio Grande do Sul (Travi, 1981);

C. lami: estado do Rio Grande do Sul, região da Coxilha das Lombas, a nordeste do Rio Guaíba, estendendo-se até 80 km a sudoeste das margens do Lago Barros (Freitas, 2001);

C. minutus: leste dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Freitas, 1995);

C. nattereri: sudoeste do estado de Mato Grosso e centro-leste do estado de Rondônia (Wagner, 1848; Carmignotto, 2004);

C. torquatus: sudoeste do estado do Rio Grande do Sul (Woods & *Kilpatrick*, 2005).



Mapa 48. Distribuição das espécies de *Ctenomys* no Brasil.

GÊNERO *CUNICULUS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA CUNICULIDAE

Descrição: tamanho muito grande, corpo pesado e robusto, a cabeça grande e larga, com orelhas curtas e olhos grandes, membros curtos com dedos alongados, quatro nas patas anteriores e três nas posteriores, providos de garras rombudas fortes, e com cauda muito reduzida, quase imperceptível e nua. Pelagem do dorso e cabeça variando entre castanho-avermelhada e castanho-escura, ou cinza-escura, clareando em direção às laterais, que apresentam um padrão de manchas arredondadas esbranquiçadas em linhas longitudinais, algumas delas estendendo-se do pescoço até próximo à base da cauda. Ventre mais claro do que as laterais e sem manchas. Dois pares de mamas, um inguinal e um axilar.



Figura 36. *Cuniculus paca.*

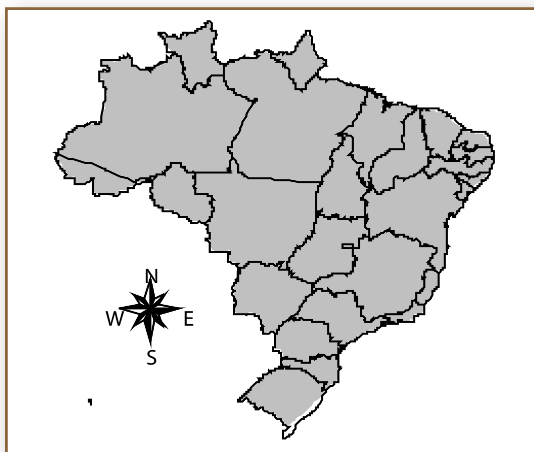
Espécies no Brasil: *Cuniculus paca.*

Medidas (Voss *et al.*, 2001):

Táxon	CC	CA	PÉ	O	MC
C. paca	650-739	0-11	115-121	52-53	9200-9500

Hábito e hábitat: terrestre. Habita primariamente florestas, ocorrendo em diversos ambientes florestados, como mangues, cerrados, e florestas semidecíduas e ripárias.

Distribuição no Brasil:
C. paca: presente em todos os estados.



Mapa 49. Distribuição de *Cuniculus paca* no Brasil.

GÊNERO *DASYPROCTA*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA DASYPROCTIDAE



Figura 37. *Dasyprocta azarae*.

Descrição: tamanho muito grande, com patas longas e finas, dorso posterior longo e fortemente curvado, além de cauda vestigial nua. Patas anteriores com quatro dígitos e posteriores com três, estes munidos de garras parecidas com cascos. Coloração da pelagem do dorso posterior (garupa) variando nas diferentes espécies entre cinza-oliváceo (*D. azarae*), amarelo-clara e castanha (*D. catrinae*), amarelo-alaranjada (*D. leporina, D. aurea*), laranja-avermelhada (*D. croconota, D. primnolopha*), e castanho-escura ou preta (*D. nigriclunis, D. fuliginosa*). Quatro pares de mamas.

Espécies no Brasil (*Iack-Ximenes,* 1999): *Dasyprocta aurea, Dasyprocta azarae, Dasyprocta catrinae, Dasyprocta croconota, Dasyprocta fuliginosa, Dasyprocta leporina, Dasyprocta nigriclunis, Dasyprocta prymnolopha* e *Dasyprocta aguti,* para a qual um neótipo foi recentemente designado (Voss *et al*., 2001), de forma a torná-la um sinônimo-júnior de *D. leporina.* Uma vez que a revisão taxonômica mais abrangente realizada até o momento (Iack-Ximenes, 1999) distingue duas entidades biológicas entre as populações referidas a partir de então, como *D. leporina*, a forma distinta do leste do Brasil e bacia amazônica é referida provisoriamente como *D.“aguti”*.

Medidas (Iack-Ximenes, 1999):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
D. “aguti”	(24) 470-650	(21) 10-31	(16) 95-115	(21) 20-50	(7) 2100-3200
D. aurea	660	10	103	-	-
D. azarae	(12) 428-580	(17) 10-35	(10) 101-110	(12) 25-45	(12) 2350-346
D. catrinae	-	-	-	-	-
D. fuliginosa	(15) 490-595	(14) 10-40	(14) 100-121	(15) 35-52	(4) 3000-4500
D. croconota	(22) 465-556	(11) 10-25	(11) 105-110	(8) 39-45	(6) 2220-2800
D. leporina	(23) 505-675	(23) 15-35	(21) 120-154	(15) 35-48	(12) 2700-8500
D. nigriclunis (holótipo)	511	-	113	-	-
D. prymnolopha	(16) 375-530	(8) 12-25	(17) 87-127	(18) 30-50	(8) 1430-3000

Hábito e hábitat: terrestre. Habita florestas pluviais (Floresta Amazônica e Mata Atlântica), florestas semidecíduas, cerrados e caatingas, geralmente com a distribuição associada a cursos de água.

Distribuição no Brasil: (Iack-Ximenes, 1999):

D. "aguti": bacia amazônica ao sul do Rio Amazonas, entre os Rios Madeira e Tocantins; leste do Brasil, nos estados da Paraíba, Pernambuco, Bahia e Espírito Santo (da vertente leste da Serra do Espinhaço ao litoral), e nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, entre a vertente leste da Serra do Mar e o litoral;

D. aurea: distribuição desconhecida, possível localidade-tipo: Chapada, Mato Grosso (Iack-Ximenes, 1999);

D. azarae: estados de Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, sul de Tocantins, oeste da Bahia, Minas Gerais (a partir da vertente oeste da Serra do Espinhaço), São Paulo (planalto paulista até a vertente oeste da Serra do Mar, acima da quota altimétrica de 700 m), Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Iack-Ximenes, 1999);

D. catrinae: Joinville, no estado de Santa Catarina (Iack-Ximenes, 1999);

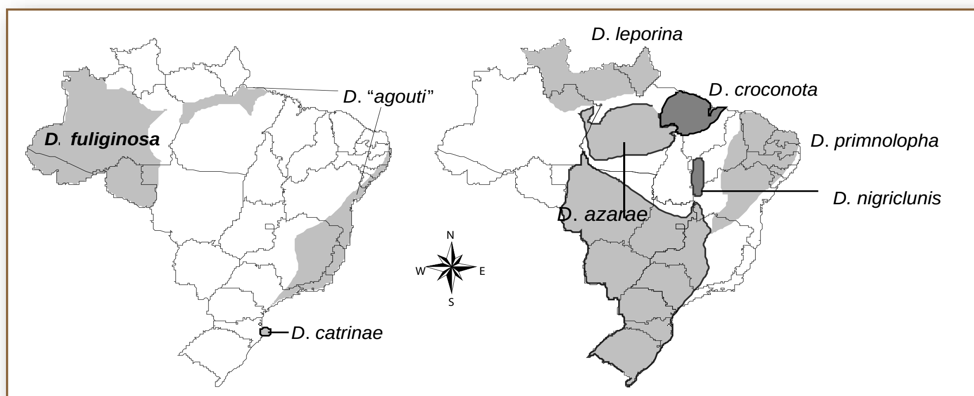
D. fuliginosa: estados do Acre, Amazonas, Rondônia, Mato Grosso até a cota altimétrica de 400 m (Iack-Ximenes, 1999);

D. leporina: Bacia Amazônica, à leste do Rio Negro no norte do Rio Amazonas, até o Amapá (Iack-Ximenes, 1999);

D. croconota: Baixo rio Tapajós, margem esquerda do Baixo Tocantins e Ilha de Marajó, entre 0 e 200 m (Iack-Ximenes, 1999);

D. nigriclunis: sul do Piauí, sudeste do Tocantins e noroeste da Bahia, acima da cota altimétrica de 400 m (Iack-Ximenes, 1999);

D. prymnolopha: do estado do Pará, a leste do Rio Tocantins, à Bahia e norte de Minas Gerais, incluídos Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas, em cotas altimétricas até 900 m (Iack-Ximenes, 1999).



Mapa 50. Distribuição das espécies de *Dasyprocta* no Brasil.

GÊNERO *MYOPROCTA*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA DASYPROCTIDAE

Descrição: tamanho grande, forma de uma cutia pequena, com cauda fina proporcionalmente maior do que na cutia. Olhos e orelhas grandes. Membros longos, os anteriores mais delgados, com quatro dígitos e um polegar vestigial com uma garra, e os posteriores maiores, com patas longas com três dígitos longos e garras rombudas como cascos. Pelagem do dorso distinta entre as duas espécies reconhecidas no gênero. Na cotiara-vermelha, *M. acouchi,* o dorso é escuro, com os pêlos inteiramente pretos ou castanho-escuros, e as laterais do corpo são castanho-avermelhadas ou alaranjadas. Já na cotiara-olivácia, *M. pratti,* o dorso e as laterais são cinza-oliváceas, sendo os pêlos com bandas pretas e amarelas alternadas. Quatro pares de mamas.

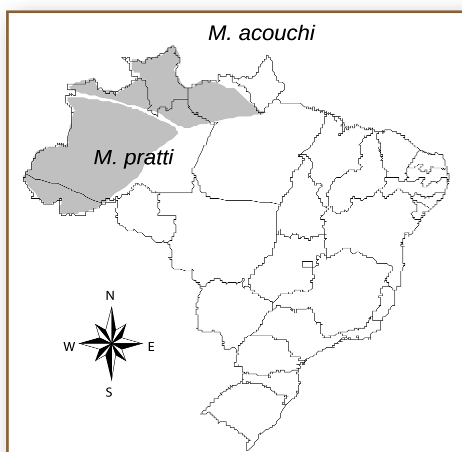
Espécies no Brasil: *Myoprocta acouchy* e *Myoprocta pratti.*

Medidas (Emmons & Feer, 1990[b]; Iack-Ximenes, 1999[a]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC
M. acouchy [b]	(3) 330-389	(3) 45-55	(3) 84-87	(2) 26-29	1000-1450
M. pratti [a]	298-383	40-58	74-98	31-37	800-1200

Hábito e hábitat: terrestre. Habita áreas de floresta e possivelmente campinaranas.

Distribuição no Brasil:
M. acouchy: Baixo Rio Amazonas, a leste do Rio Negro, nos estados do Amazonas e Pará, e no estado de Roraima (Voss, 2001);
M. pratti: bacia amazônica, a oeste do Rio Negro, no norte do Rio Amazonas, a oeste do Rio Madeira no sul.



Mapa 51. Distribuição das espécies de *Myoprocta* no Brasil.

GÊNERO *DINOMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA DINOMYIDAE

Descrição: tamanho grande e robusto, cabeça grande, orelhas curtas e arredondadas, membros curtos e cauda grossa. Lábio superior com fenda profunda. Vibrissas longas, as maiores atingindo o pescoço. Pelagem grisalha na cabeça e ombros, finamente tracejada, e castanho-escura no restante do dorso, com duas ou mais seqüências alinhadas de manchas circulares brancas em cada metade longitudinal do dorso, da cintura escapular até próximo à base da cauda. Pelagem das laterais do corpo um pouco mais clara do que a do dorso, sem linha definida, com manchas brancas circulares formando seqüências longitudinais mais curtas do que as do dorso. Ventre mais claro que as laterais, e sem manchas. Cauda cilíndrica e coberta de pêlos longos da cor do dorso, sem manchas. Superfície superior das patas cobertas de pêlos escuros, solas nuas. Quatro pares de mamas, sendo dois pares laterais torácicos e dois laterais abdominais.

Espécies no Brasil: *Dinomys branickii.*

Medidas (Sanborn, 1931):

Táxon	CC	CA	MC
D. branickii	730-790	190	10000-15000

Hábito e hábitat: terrestre. Habita as florestas de altitude entre 500 e 2.500 m nas encostas andinas setentrionais, bem como as partes superiores da região de florestas baixas do extremo oeste da bacia amazônica (abaixo de 500 m).

Distribuição no Brasil:
D. branickii: estados do Acre e extremo oeste do Amazonas, nas nascentes dos Rios Acre, Purus e Juruá (Miranda-Ribeiro, 1918).



Mapa 52. Distribuição de *Dinomys branickii* no Brasil.

GÊNERO *CHAETOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ERETHIZONTIDAE, SUBFAMÍLIA CHAETOMYINAE

Descrição: tamanho grande, corpo densamente coberto por espinhos cilíndricos, mais curtos e pontudos (~15 mm) na cabeça e nos ombros e mais longos e rombudos (~50 mm) no restante do dorso, nos membros posteriores e na base da cauda. Espinhos maiores apresentando uma banda subapical mais escura, de comprimento variável que, junto às cores mais claras das partes distal e proximal dos espinhos, proporciona uma coloração castanho-clara ao dorso. Ventre coberto com cerdas achatadas, um pouco mais claro que o dorso. Cabeça arredondada, orelhas curtas, focinho glabro e patas posteriores castanhas. Cauda preênsil, bem grossa e recoberta de espinhos na base, mas afinada e recoberta de cerdas em direção à ponta, que é bem fina e quase nua, e menor do que o comprimento do corpo.

Espécies no Brasil: *Chaetomys subspinosus.*

Medidas (Emmons & Feer, 1997):

Táxon	CC	CA	PÉ	O	MC
C. subspinosus	380-450	260-275	67-70	9	1300

Hábito e hábitat: arborícola. Habita florestas costeiras, primárias e alteradas, na Mata Atlântica.

Distribuição no Brasil:
C. subspinosus: do sudeste do estado da Bahia ao estado do Espírito Santo.



Mapa 53. Distribuição de *Chaetomys subspinosus.*

GÊNERO *COENDOU*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ERETHIZONTIDAE

Descrição: tamanho muito grande, cauda de comprimento igual ou menor que o do corpo, com pêlos na parte basal e nua na parte terminal. Pelagem constituída por uma mistura de pêlos espinhosos e de pêlos finos, os primeiros mais longos. Coloração geral variando do preto ao castanho-amarelado. Superfície ventral variando de branco-amarelada a quase preta. Patas anteriores e posteriores com quatros dígitos providos de garras fortes, o hálux substituído por uma calosidade muito desenvolvida e provida de estrutura óssea. Orelhas curtas e olhos grandes.



Figura 38. *Coendou prehensilis.*

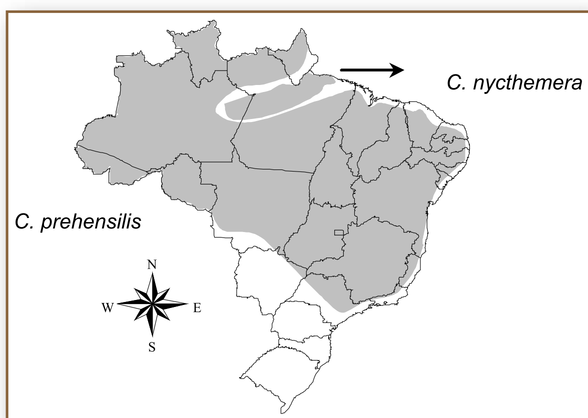
Espécies no Brasil: *Coendou nycthemera* e *Coendou prehensilis.*

Medidas (Moojen, 1952[b]; Voss & Angerman, 1997[a]):

Taxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)
C. nycthemera [b]	344 (20) 290-380	313 (20) 268-370	63 (22) 55-75
C. prehensilis [a]	516	520	100

Hábito e hábitat: arborícola.

Distribuição no Brasil:
C. nycthemera: estados do Pará e Amazonas (Woods & Kirkpatrick, 2005);
C. prehensilis: nos estados da Região Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste.



Mapa 54. Distribuição das espécies de *Coendou* no Brasil.

GÊNERO *SPHIGGURUS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ERETHIZONTIDAE



Figura 39. *Sphiggurus villosus.*

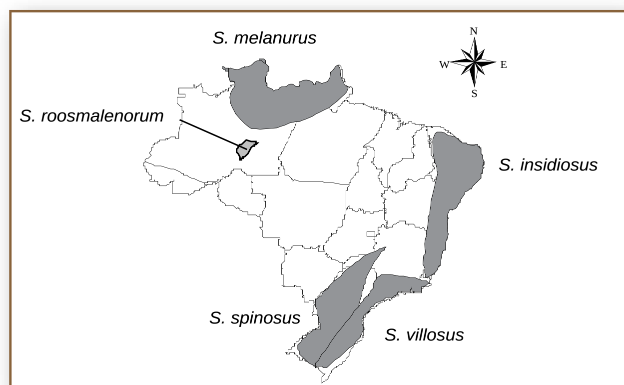
Descrição: tamanho muito grande, cauda de comprimento igual ou menor que o do corpo, coberta de pêlos na parte basal e nua na parte terminal. Pelagem constituída por pêlos espinhosos e pêlos finos, os últimos mais longos. Coloração geral amarelo-acinzentada. Superfície ventral variando de amarelo-acinzentada a castanho-acinzentada-clara. Patas anteriores e posteriores com quatros dígitos providos de garras fortes, hálux substituído por uma calosidade muito desenvolvida e provida de estrutura óssea. Orelhas curtas e olhos grandes.

Espécies no Brasil: *Sphiggurus insidiosus, Sphiggurus melanurus, Sphiggurus roosmalenorum, Sphiggurus spinosus* e *Sphiggurus villosus.*

Medidas (Moojen, 1952[a]; Voss *et al.*, 2001[b]; Voss & Silva, 2001[c]; presente estudo[d]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ	O (n)	MC (n)
S. insidiosus [a]	311	238	65	-	-
S. melanurus	385 (5) [b] 330-415	373 (5) [b] 340-415	70 (4) [b] 65-82	20 (1)[d]	1.200 (1)[d]
S. roosmalenorum	290(2)	252,5(2) 245-260	53(2)	-	-
S. spinosus [a]	325	250	64	-	-
S. villosus [a]	378	378	-	-	-

Hábito e hábitat: arborícola. Habita formações florestais da Amazônia, Mata Atlântica e Cerrado.



Mapa 55. Distribuição das espécies de *Sphiggurus* no Brasil.

Distribuição no Brasil:

S. insidiosus: do estado do Ceará ao Espírito Santo;

S. melanurus: estados do Amapá, noroeste do Pará, Roraima e nordeste do Amazonas, ao norte do Rio Amazonas (Voss *et al.*, 2001);

S. roosmalenorum: centro-leste do estado do Amazonas (Voss & da Silva, 2001);

S. spinosus: oeste dos estados de Minas Gerais e São Paulo, e nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (modificado de Woods & Kilpatrick, 2005);

S. villosus: do estado do Rio de Janeiro até o do Rio Grande do Sul, incluindo o sul do estado de Minas Gerais.

GÊNERO *CALLISTOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA ECHIMYINAE

Descrição: tamanho grande, comprimento da cauda maior que o do corpo. Pelagem macia. Coloração geral branca com uma larga mancha preta em forma de sela na região dorsal, estendendo-se desde a cabeça até a cauda e, lateralmente, da região do meio do corpo até quase o peito, sem, contudo, atingir a superfície ventral. A face é branca, podendo apresentar manchas escuras abaixo dos olhos e atrás das orelhas. Superfície ventral branca, com a base dos pêlos cinza. Cauda densamente pilosa, sendo preta na parte proximal e branca na parte distal. Superfície superior das patas coberta de pêlos claros.

Espécies no Brasil: *Callistomys pictus.*

Medidas (Eisenberg & Redford, 1999):

Táxon	CC	CA	PÉ	O	MC
C. pictus	250-295	273-325	43-54	16-18	267-480

Hábito e hábitat: arborícola. Hábita áreas litorâneas da Mata Atlântica, nas matas e nos cacauais.

Distribuição no Brasil:
C. pictus: sudeste do estado da Bahia.



Mapa 56. Distribuição de *Callistomys pictus.*

GÊNERO *CARTERODON*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA EUMYSOPINAE



Figura 40. *Carterodon sulcidens.*

Descrição: tamanho médio, comprimento da cauda bem menor que o do corpo. Pelagem densa e híspida. Coloração geral do dorso castanho-amarelada, tracejada de castanho-escuro devido à presença de pêlos-guarda escuros e pêlos-guarda com banda laranja-escura; laterais acinzentadas. Superfície da garganta mais clara, ventre branco-amarelado, com pêlos esbranquiçados até a base, e limite com as laterais do corpo pouco definido. Cauda preta na superfície superior e amarelo-clara na parte inferior, coberta por pêlos rígidos que não encobrem as escamas. Orelhas curtas. Superfície superior das patas da mesma cor que a do dorso, tufos ungueais castanho-claros ou amarelados.

Espécies no Brasil: *Carterodon sulcidens.*

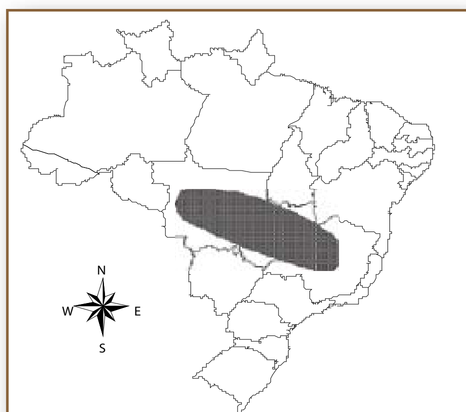
Medidas (Nowak & Paradiso, 1983[a]; presente estudo[b]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
C. sulcidens	(vários) [a] 155-200	(vários) [a] 68-80	30 (vários) [a]	16 (1) [b]	158 (1) [b]

Hábito e hábitat: fossório. Habita formações vegetais abertas de campo úmido, campo limpo, campo sujo e cerrado, *stricto sensu* no Cerrado.

Distribuição no Brasil:

C. sulcidens: Distrito Federal e estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso (Carmignotto, 2004).



Mapa 57. Distribuição de *Carterodon sulcidens.*

GÊNERO *CLYOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA EUMYSOPINAE

Descrição: tamanho médio, comprimento da cauda bem menor que o do corpo. Pelagem dura e espinhosa, devido à presença de pêlos-guarda aristiformes. Coloração geral do dorso variando de castanho-amarelada a castanho-acinzentada, tracejada de preto por pêlos-guarda escuros. Superfície ventral esbranquiçada ou amarelada, sem limite definido com a coloração das laterais do corpo. Manchas cinzas podem estar presentes na região da garganta e no meio do ventre. Superfície superior das patas com pêlos cinza-claros, amarelados e castanho-escuros; dígitos com pêlos ungueais longos, cinza-claros e garras muito desenvolvidas.



Figura 41. *Clyomys laticeps.*

Espécies no Brasil: *Clyomys laticeps*.

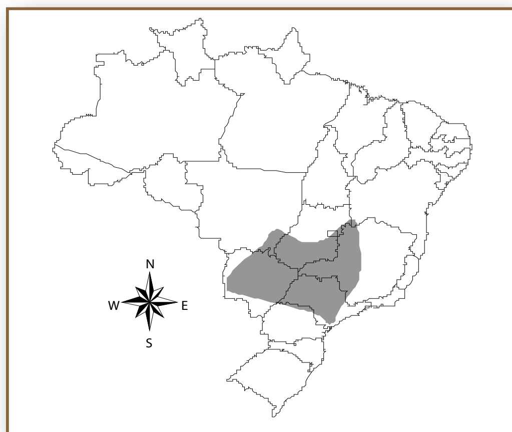
Medidas (presente estudo):

Táxon	CC	CA	PÉ	O	MC
C. laticeps	176,1 208-145	71 89-48	32,3 36-29	19,1 17-22	172,3 100-257

Hábito e hábitat: semifossório. Habita formações vegetais abertas e semiflorestais, como campos limpo e sujo, campo cerrado, cerrado sensu stricto, e área de transição com matas de galeria do Cerrado e Pantanal (Mares *et al*., 1989; Marinho Filho *et al*., 1998).

Distribuição no Brasil:

C. laticeps: estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Bahia, além do Distrito Federal (Bezerra, 2003).



Mapa 58. Distribuição de *Clyomys laticeps* no Brasil.

GÊNERO *DACTYLOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA DACTYLOMYINAE



Figura 42. *Dactylomys dactylinus.*

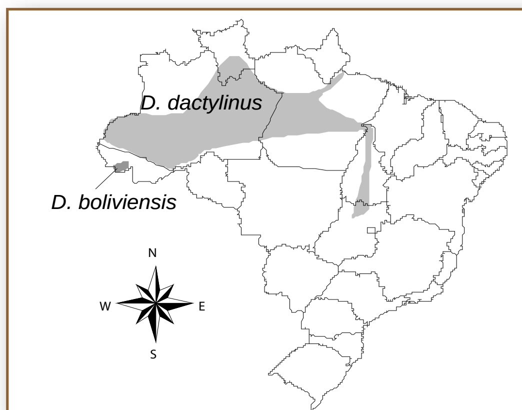
Descrição: tamanho grande, comprimento da cauda maior que o do corpo. Pelagem longa e híspida. Coloração geral do dorso amarelo-acinzentada tracejada de preto, com uma faixa de pêlos mais escuros do pescoço até a cauda e uma faixa de pêlos claros do focinho até o pescoço. Coloração da cabeça mais clara. Superfície ventral com pêlos totalmente brancos, sem limite definido com o dorso. Cauda quase completamente revestida de pêlos curtos, com as escamas grandes aparentes, exceto pelos primeiros 60 mm da base, em que é coberta de pêlos longos. Terceiro e quarto dígitos das patas anteriores muito desenvolvidos; garras curtas e achatadas e pólex rudimentar. Superfície superior das patas com pêlos claros e pêlos cinza de ponta amarela. O *Dactylomys boliviensis* tem a cauda proporcionalmente mais longa que o *D. dactylinus* e possui uma faixa de pêlos mais escuros da ponta do focinho até a nuca.

Espécies no Brasil: *Dactylomys boliviensis* e *Dactylomys dactylinus*.

Medidas (Patton *et al*., 2000[a]; presente estudo[b]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
D. boliviensis [a]	271 (1)	435 (1)	62 (1)	19 (1)	-
D. dactylinus	277-315 (2) [a,b]	389-405 (2) [a,b]	59-62 (2) [a,b]	20 (2) [a,b]	750 (1) [b]

Hábito e hábitat: arborícola. Habita áreas de várzea e mata de terra firme da Floresta Amazônica e matas de galeria do Cerrado.



Mapa 59. Distribuição das espécies de *Dactylomys* no Brasil.

Distribuição no Brasil:

D. boliviensis: estado do Acre, ao longo do Rio Juruá (Patton *et al*., 2000);

D. dactylinus: estados de Roraima, Amazonas, Pará (incluindo as ilhas Caviana e Mexiana – Silva Júnior & Nunes, 2000), no alto Rio Amazonas, nos Rios Juruá, Jaú, Solimões e na bacia do Rio Tocantins, no estado de Goiás e, provavelmente, no estado do Tocantins (Bezerra, comunicação pessoal).

GÊNERO *EURYZYGOMATOMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA EUMYSOPINAE

Descrição: tamanho médio, comprimento da cauda bem menor que o do corpo. Pelagem densa e áspera, devido à presença de pêlos aristiformes no dorso. Coloração dorsal variando de castanho-amarelada a castanho-escura, tracejada de preto por pêlos-guarda escuros, laterais do corpo com coloração mais clara. Superfície ventral variando de branca a ligeiramente amarelada, exceto na garganta, que é mais alaranjada. Cauda com pêlos escassos, curtos e rijos. Superfície superior das patas castanho-escura, dígitos às vezes mais claros. Três pares de mamas.



Figura 43. *Euryzygomatomys spinosus.*

Espécies no Brasil: *Euryzygomatomys spinosus.*

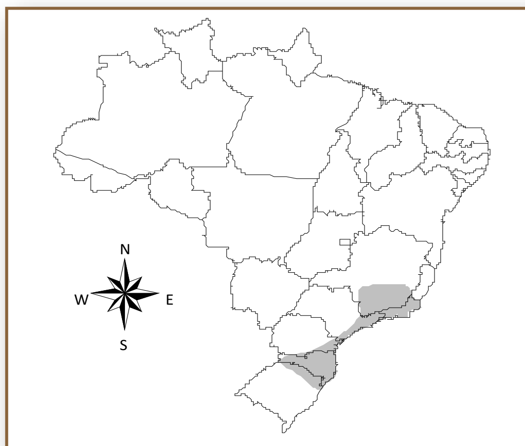
Medidas (presente estudo):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
E. spinosus (2)	148-210	64-60	34-40	17-20	170-200

Hábito e hábitat: semifossório. Encontrado em baixas densidades em áreas de Mata Atlântica e dos Campos do Sul (Fonseca *et al*., 1996; Eisenberg & Redford, 1999).

Distribuição no Brasil:

E. spinosus: do estado do Rio de Janeiro ao do Rio Grande do Sul e leste do estado de Minas Gerais (Moojen, 1952).



Mapa 60. Distribuição de *Euryzygomatomys spinosus* no Brasil.

GÊNERO *KANNABATEOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA DACTYLOMYINAE

Descrição: tamanho grande, comprimento da cauda maior que o do corpo. Pelagem abundante e macia, um pouco lanosa. Coloração geral do dorso castanho-amarelada, algumas vezes com um tom ferrugíneo, constituída de pêlos de base acinzentada com ponta amarelada ou ferrugínea, pouco tracejada de preto devido à presença de pêlos-guarda escuros. A cabeça pode ser mais acinzentada, sem amarelo, e pode apresentar manchas pós-auriculares branco-amareladas. Laterais do corpo mais claras devido à ausência de pêlos-guarda escuros. Superfície ventral variando de branco-amarelada a amarelo-avermelhada, sem limite definido com o dorso. Cauda densamente revestida de pêlos finos e relativamente longos na base, formando pincel de pêlos na ponta. Terceiro e quarto dígitos de todos os membros alongados. Garras rombudas, não ultrapassando a última falange.

Espécies no Brasil: *Kannabateomys amblyonyx.*

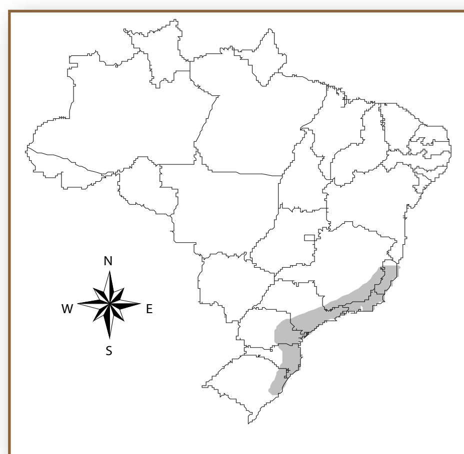
Medidas (presente estudo):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
K. amblyonyx (1)	248	333	52	18	383,7

Hábito e hábitat: arborícola. Habita especialmente taquaras e bambus em áreas florestadas na Mata Atlântica, alimentando-se principalmente de brotos de bambu (Olmos *et al*., 1993).

Distribuição no Brasil:

K. amblyonyx: do estado do Espírito Santo ao do Rio Grande do Sul, com limite sul conhecido para o Parque Estadual Itapuã, em Viamão, e provavelmente no leste do estado de Minas Gerais (Moojen, 1952; Cáceres *et al*., 2008).



Mapa 61. Distribuição de *Kannabateomys amblyonyx*.

GÊNERO *ECHIMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA ECHIMYINAE

Descrição: tamanho grande, comprimento da cauda maior que o do corpo. Pelagem muito dura e espinhosa ao tato. Coloração dorsal castanha, podendo apresentar uma faixa mediana castanho-escura na cabeça, que se estende do dorso até a nuca. O *E. chrysurus* possui uma mancha branca que se estende do focinho até a nuca. Superfície ventral castanho-clara, sem limite definido com o dorso. Cauda densamente pilosa com tufo terminal, castanho-escura na base, preta no meio e branca na extremidade. Superfície superior das patas com pêlos castanho-escuros.

Espécies no Brasil (arranjo proposto por Iack-Ximenes *et al*., 2005): *Echimys chrysurus* e *Echimys vieirai*.

Medidas (*Iack-Ximenes et al*., 2005):

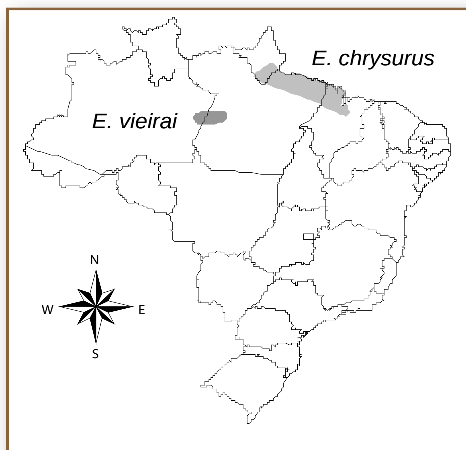
Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)
E. chrysurus	281 (8) 250-310	330 (9) 270-415	52,9 (6) 45-60	20,5 (4) 19-50
E. vieirai	245 (1)	340 (1)	50 (1)	15 (1)

Hábito e hábitat: arborícola. Habita regiões restritas da Floresta Amazônica.

Distribuição no Brasil:

E. chrysurus: localidades em torno da boca do Rio Amazonas, nos estados do Amapá, Pará e Maranhão (Iack-Ximenes *et al.*, 2005).

E. vieirai: do Médio e Baixo Rio Tapajós ao Baixo Rio Madeira (Iack-Ximenes *et al*., 2005).



Mapa 62. Distribuição das espécies de *Echimys* no Brasil.

GÊNERO *ISOTHRIX*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA ECHIMYINAE



Figura 44. *Isothrix negrensis.*

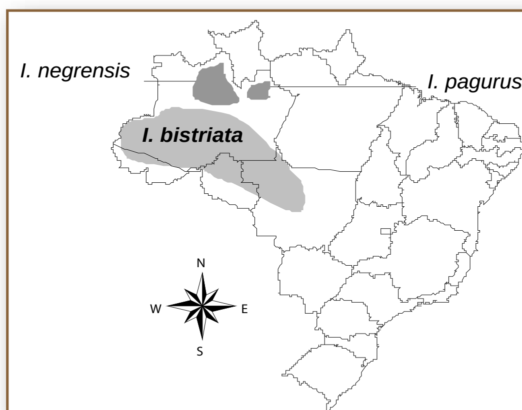
Descrição: tamanho grande, comprimento da cauda maior que o do corpo. Pelagem densa e relativamente macia. Coloração do dorso variando de amarelo-olivácea a alaranjada, tracejada de preto, sendo a parte posterior geralmente mais alaranjada. Superfície ventral variando de amarelada a ferrugínea, com a base dos pêlos cinza, sem limite definido com o dorso. Mancha clara no alto da cabeça margeada por duas faixas pretas que se prolongam de cima dos olhos à nuca, margeando as orelhas, exceto em *I. pagurus*, que tem a cabeça da mesma cor do dorso. Cauda densamente pilosa, com base alaranjada, parte distal preta, e pincel de pêlos na extremidade. Superfície superior das patas da mesma cor do dorso, coberta por pêlos amarelo-oliváceos e acinzentados; dígitos com pêlos ungueais escuros.

Espécies no Brasil: *Isothrix bistriata*, *Isothrix negrensis* e *Isothrix pagurus*.

Medidas (Vié *et al*., 1996[a]; Patton *et al*., 2000[b]; presente estudo[c]):

Táxon	CC (n) ou CT*	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
I. bistriata [b]	591,7* (18) 447-533	242,9 (18) 215-271	47,9 (24) 43-52	18,4 (18) 15-24	-
I. negrensis [c]	262 (1)	292 (1)	51,5 (1)	19 (1)	410 (1)
I. pagurus [a]	(8) 180-241	(6) 200-234	(8) 39-45	-	-

Hábito e hábitat: arborícola. Habita florestas de várzea e de igapó ao longo de cursos de água na Floresta Amazônica.



Mapa 63. Distribuição das espécies de *Isothrix* no Brasil.

Distribuição no Brasil:

I. bistriata: norte dos estados do Acre, Rondônia e Mato Grosso e sul do Amazonas (Bonvicino *et al*., 2003);

I. negrensis: bacia do Rio Negro, no estado do Amazonas (Bonvicino *et al*., 2003);

I. pagurus: estado do Amazonas (Bonvicino *et al*., 2003).

GÊNERO *MAKALATA*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA ECHIMYINAE

Descrição: tamanho grande, comprimento da cauda menor ou aproximadamente igual ao do corpo. Pelagem dura e espinhosa devido à abundância de pêlos-guarda aristiformes. Coloração geral do dorso variando de castanho-avermelhada a amarelada, tracejada de preto por pêlos-guarda escuros; focinho e fronte mais alaranjados. Superfície ventral amarelada, ou castanho-clara em algumas espécies, sem limite definido com a pelagem das laterais do corpo. Base da cauda alaranjada, pontilhada de preto, com pêlos curtos, rígidos e esparsos, sem pincel de pêlos na ponta. Patas curtas e largas, com a superfície superior da mesma cor do dorso, tufos ungueais claros.

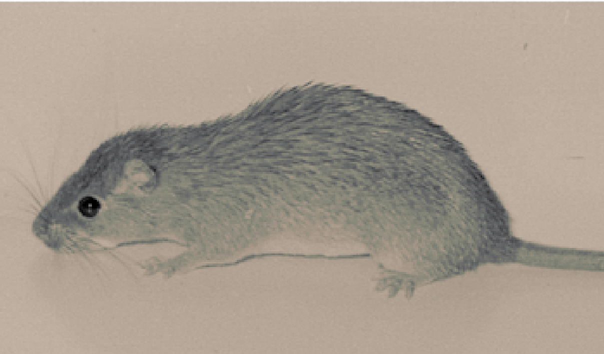


Figura 45. *Makalata didelphoides*.

Espécies no Brasil: *Makalata didelphoides*, *Makalata macrura* e *Makalata obscura.*

Medidas (Moojen, 1952[a]; Patton *et al*., 2000[b]; presente estudo[c]):

Táxon (n)	CC ou CT*	CA	PÉ	O	MC
M. didelphoides [c] (3)	228,7 219-243	203,3 192-217	43 42-46	18,7 18-19	311,3 249-395
M. macrura [b] (4)	433,7* 427-444	204 211-194	42,8 46-41	16,3 17-15	-
M. obscura [a] (1)	164	161	38,5	-	-

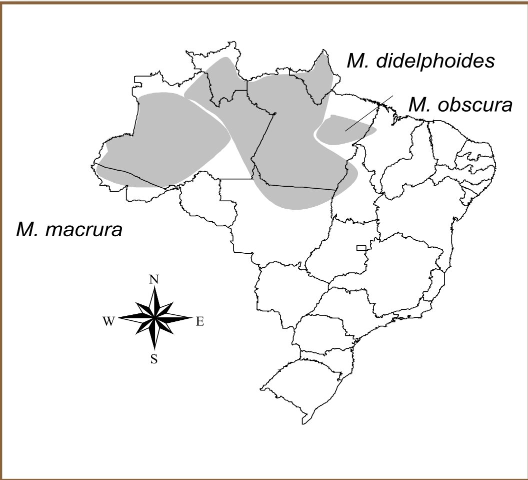
Hábito e hábitat: arborícola. Habita a várzea ao longo de cursos d'água e em ilhas inundáveis na Floresta Amazônica.

Distribuição no Brasil:

M. didelphoides: estados do Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Mato Grosso e Tocantins (modificado de Carmignotto, 2005);

M. macrura: estados do Amazonas e Acre (modificado de Patton *et al*., 2000);

M. obscura: estados do Pará e Maranhão (modificada de Moojen, 1952).



Mapa 64. Distribuição das espécies de *Makalata* no Brasil.

GÊNERO *LONCHOTHRIX*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA EUMYSOPINAE

Descrição: tamanho grande, comprimento da cauda maior que o do corpo. Pelagem rígida ao tato devido à presença de pêlos-guarda aristiformes. Coloração geral do dorso escura, castanho-avermelhada, com as laterais e garupa mais avermelhadas. Superfície ventral branco-amarelada, um pouco mais escura no peito. Cauda com os dois terços basais cobertos com pêlos muito curtos, maiores na extremidade apical, onde formam um pincel conspícuo. Patas curtas e largas, com a superfície superior da mesma cor do ventre.

Espécies no Brasil: *Lonchothrix emilae*.

Medidas (presente estudo):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ
L. emiliae (1)	385	184	34

Hábito e hábitat: arborícola. Habita áreas restritas na Floresta Amazônica, em florestas de terras baixas.

Distribuição no Brasil:

L. emiliae: estado do Amazonas, ao sul do Rio Amazonas, em áreas próximas aos Rios Madeira e Tapajós (Moojen, 1952).



Mapa 65. Distribuição de *Lonchothrix emilae*.

GÊNERO *MESOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA EUMYSOPINAE

Descrição: tamanho médio, comprimento da cauda semelhante ao do corpo. Pelagem muito dura e espinhosa, devido à abundância de pêlos-guarda aristiformes. Coloração geral do dorso castanho-avermelhada, tracejada de preto por pêlos-guarda escuros. Pelagem da parte posterior do dorso com aspecto salpicado devido à presença de uma banda clara na extremidade dos pêlos aristiformes. Superfície ventral alaranjada, ou amarelada, podendo apresentar manchas brancas na garganta, axilas, centro do peito e região inguinal. Cauda castanho-escura coberta de pêlos curtos que não obstruem as escamas, mas com pincel de pêlos na ponta. Patas curtas e largas, com a superfície superior clara; dígitos com tufos ungueais claros.



Figura 46. *Mesomys hispidus.*

Espécies no Brasil: *Mesomys hispidus, Mesomys occultus e Mesomys stimulax.*

Medidas (Moojen, 1952[a]; Patton *et al.*, 2000[b]; presente estudo[c]):

Táxon	CC (n) ou CT*	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
M. hispidus	355,1* (25) [a] 313-385	180,5 (25) [a] 197-150	32,9 (36) [a] 37-30	13,2 (36) [a] 15-11	160 [c]
M. occultus [b]	350* (1)	183 (1)	34,3 (3) 37-32	13,7 (3) 13-14	-
M. stimulax [a]	158	122	29	-	-

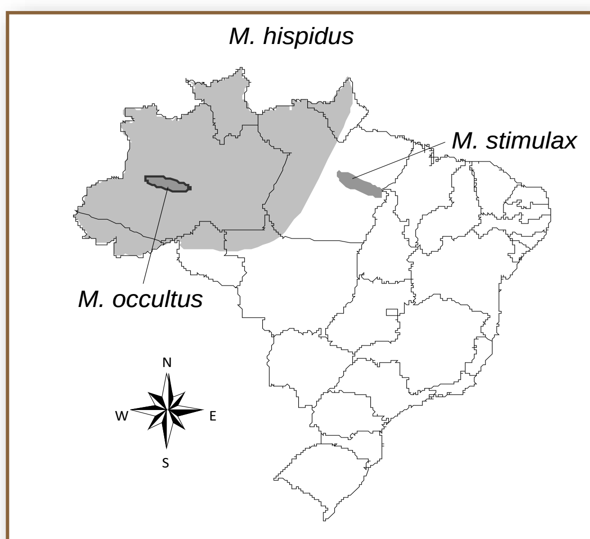
Hábito e hábitat: arborícola. Habita áreas da Floresta Amazônica.

Distribuição no Brasil:

M. hispidus: estados do Acre, Amazonas, Pará, Amapá, Rondônia e Mato Grosso (Orlando *et al.*, 2003);

M. occultus: estado do Amazonas, sul do Rio Solimões (Orlando *et al.*, 2003);

M. stimulax: estado do Pará (Orlando *et al.*, 2003).



Mapa 66. Distribuição das espécies de *Mesomys* no Brasil.

GÊNERO *PHYLLOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA EUMYSOPINAE



Figura 47. *Phyllomys lamarum.*

Descrição: tamanho médio a grande, comprimento da cauda similar ou ligeiramente maior que o do corpo. A cauda pode estar ausente em alguns exemplares por ser perdida com certa facilidade. Pelagem espinhosa devido à presença de pêlos aristiformes não muito largos. Olhos grandes e vibrissas longas. Membros pequenos com patas largas e curtas; garras fortes em todos os dígitos, exceto no pólex. Coloração geral do dorso variando de castanha a castanho-avermelhada, freqüentemente tracejada de preto. Superfície ventral variando de branca a castanho-acinzentada, com a região inguinal e axial branco-amarelada, ou totalmente esbranquiçada. Extremidade proximal da cauda coberta por pêlos similares aos do dorso, com o restante coberto por pêlos curtos, que ocultam as escamas, extremidade distal coberta por pêlos longos que formam um pincel. Parte superior das patas de cor prateada, variando de cinza-clara a amarelada. Quatro pares de mamas, três laterais e uma inguinal.

Táxon (n)	CT* ou CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
P. blainvilii [d]	208,75 (8) 175-220	248,1 (8) 200-270	37,55 (8) 34-40	16,2 (8) 15-1817	218,6 (7) 190-265
P. brasiliensis (vários) [a]	212	171	34	-	-
P. dasythrix (vários) [a]	180	210	35	-	-
P. kerri [d]	420 * (2) 390-450	207,5 (2) 200-215	40 (2) 39-41	14 (2)	235 (2) 220-250
P. lamarum [d]	196,5 (4) 180-215	198,8 (4) 180-222	38 (3) 35-42	16,8 (4) 15-18	170 (4) 11-220
P. lundi [c]	195,5 184-207	202 200-204	37 36-38	16,5 16-17	173,5 145-202
P. mantiqueirensis [c] holótipo	433*	216	41	18	207
P. medius [d]	415 * (3) 315-480	242,5 (2) 225-260	43,7 (3) 43-45	14 (3)	-
P. nigrispinus (vários) [a]	197	199	35	-	-
P. pattoni [d]	212,4 (8) 191-243	201,1 (8) 119-225	36 (7) 30-40	14,1 (7) 13-15	212,3 (6) 150-325
P. thomasi [b]	270-287	270-340	42-48	17-20	-
P. unicolor (vários) [b]	225	220	38	-	-

Espécies no Brasil: *Phyllomys blainvilii, Phyllomys brasiliensis, Phyllomys dasythrix, Phyllomys kerri, Phyllomys lamarum, Phyllomys lundi, Phyllomys mantiqueirensis, Phyllomys medius, Phyllomys nigrispinus, Phyllomys pattoni, Phyllomys thomasi* e *Phyllomys unicolor.*

Medidas (Moojen, 1952[a]; Emmons & Feer, 1997[b]; Leite, 2003[c]; presente estudo[d]):

Hábito e hábitat: arborícola. Habita áreas florestadas da Mata Atlântica e matas semidecíduas do Cerrado e da Caatinga.

Distribuição no Brasil:

P. blainvilii: sul do estado do Ceará, estados de Pernambuco, Sergipe, Alagoas, Bahia e extremo norte do estado de Minas Gerais (Leite, 2003);

P. brasiliensis: centro do estado de Minas Gerais, região de Lagoa Santa, nos vales dos Rios das Velhas e Paraopebas (Leite, 2003);

P. dasythrix: do sul do estado do Paraná ao estado do Rio Grande do Sul (Leite, 2003);

P. kerri: estado de São Paulo, em Ubatuba (Leite, 2003);

P. lamarum: do estado da Paraíba ao da Bahia e norte do estado de Minas Gerais (Leite, 2003);

P. lundi: sul do estado de Minas Gerais e Rio de Janeiro (Poço das Antas, Casimiro de Abreu) (Leite, 2003);

P. mantiqueirensis: Serra da Mantiqueira no estado de Minas Gerais (Leite, 2003);

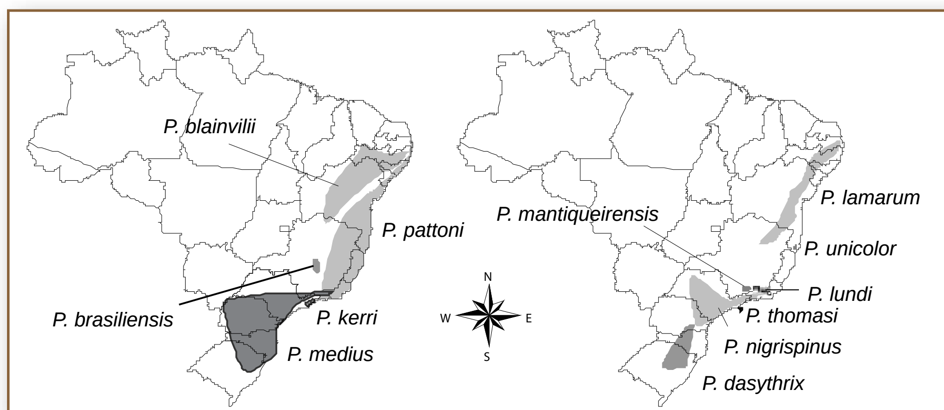
P. medius: do estado do Rio de Janeiro ao do Rio Grande do Sul e no estado de Minas Gerais (Leite, 2003);

P. nigrispinus: do estado do Rio de Janeiro ao do Paraná (Leite, 2003);

P. pattoni: do estado da Paraíba ao nordeste do estado de São Paulo (Leite, 2003);

P. thomasi: Ilha de São Sebastião, no estado de São Paulo (Leite, 2003);

P. unicolor: extremo sul do estado da Bahia (Leite, 2003).



Mapa 67. Distribuição das espécies de *Phyllomys*.

GÊNERO *PROECHIMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA EUMYSOPINAE



Figura 48. *Proechimys* sp.

Descrição: tamanho médio a grande, comprimento da cauda menor ou aproximadamente igual ao do corpo. Cauda freqüentemente ausente devido à facilidade com que se rompe. Pelagem espinhosa devido à presença de pêlos aristiformes. Coloração dorsal variando de castanho-avermelhada a amarelada, tracejada de preto por pêlos-guarda escuros. Coloração das laterais do corpo bem delimitada com a superfície ventral totalmente branca. Cauda usualmente escura na superfície superior e clara na parte inferior, coberta de pêlos curtos que não ocultam as escamas. Orelhas largas e longas. Superfície superior das patas clara, dígitos com tufos ungueais claros. Três pares de mamas.

Táxon	CC(n) ou CT *	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
P. arabupu [e]	(3) 208-270	(3) 141-186	(3) 46-49	(3) 24-26	353,7 (1)
P. brevicauda [c]	348* (38) 306-403	137,1 (38) 163-110	45,6 (54) 53-42	21 (54) 24-18	-
P. cuvieri [c]	359,9* (32) 312-432	144,5 (33) 180-117	48,6 (44) 54-44	22,1 (33) 25-19	-
P. echinothrix	382,3* (20) [c] 317-440	165,6 (20) [c] 106-209	48,3 (27) [c] 41-54	24,2 (26) [c] 19-28	245 [e]
P. gardneri [c]	310,1* (24) 242-353	127,4 (24) 88-152	40,6 (31) 45-32	20,8 (28) 24-18	-
P. goeldi [b]	218 (1)	-	52 (1)	-	-
P. guyannensis [d]	189 (14) 156-209	145(13) 110-186	44 (15) 41-49	22 (15) 18-26	191 (9) 136-271
P. haplomyoides [a] (holótipo)	218	158	48	-	-
P. kulinae [b]	287,7* (15) 252-328	119,6 (16) 140-95	41,2 (23) 44-38	20,3 (21) 23-17	-
P. longicaudatus [c]	229 (1)	121 (1)	48 (1)	-	-
P. pattoni [c]	305,6* (10) 278-328	125,3 (10) 141-106	41,1 (11) 43-37	20,8 (11) 20-22	-
P.quadruplicatus [e]	234,8 (5) 204-282	147,75 (4) 132-159	54,3 (5) 50-58	24,2 (5) 22-26	284,3 (4) 192-385
P. roberti [e]	198 (17) 166-238	145 (17) 125-168	43 (17) 39-48	24 (17) 21-26	191 (13) 104-320
P. simonsi [c]	382,5* (131) 303-480	174,3 (131) 118-231	48,9 (163) 45-56	24,4 (161) 21-28	-
P. steerei [c]	404,3* (125) 328-493	166,6 (127) 130-207	53,0(180) 43-63	22,8 (175) 25-19	-

Espécies no Brasil: *Proechimys arabupu, Proechimys brevicauda, Proechimys cuvieri, Proechimys echinothrix, Proechimys gardneri, Proechimys goeldi, Proechimys guyannensis, Proechimys hoplomyoides, Proechimys kulinae, Proechimys longicaudatus, Proechimys pattoni, Proechimys quadruplicatus, Proechimys roberti, Proechimys simonsi* e *Proechimys steerei*.

Medidas (Tate, 1939[a]; Moojen, 1952[b]; Patton *et al*., 2000[c]; Voss *et al*., 2001[d]; presente estudo[e]):

Hábito e Habitat: terrestre. Habita áreas florestais da Amazônia e mata de galeria, cerradão e floresta semidecídua no Cerrado.

Distribuição no Brasil:

P. arabupu: estados de Roraima e Amazonas (Bonvicino *et al*., 2005);

P. brevicauda: estados do Amazonas e Acre, nas duas margens do Alto Rio Juruá (Patton *et al*., 2000);

P. cuvieri: ao longo dos Rios Amazonas, Solimões e Juruá, estados do Acre, Amazônia, Roraima, Amapá e Pará (Patton *et al*., 2000);

P. echinothrix: Rio Juruá e alto Rio Urucu, ao sul do Rio Solimões, e na margem direita do Rio Tiquié, e no Rio Jaú (Patton *et al*., 2000);

P. gardneri: Rios Juruá e Madeira (Patton *et al.*, 2000);

P. goeldi: estados do Amazonas, Pará, margens do Rio Amazonas entre os Rios Jamundá e Tapajós, e Rio Xingú (Moojen, 1952 e Patton *et al.*, 2000);

P. guyannensis: parte dos estados do Amapá, Pará, Amazonas e Roraima, ao norte do rio Amazonas (Voss *et al.*, 2001);

P. hoplomyoides: estado de Roraima, no Monte Roraima (Tate, 1939);

P. kulinae: na margem esquerda do Rio Juruá, no Amazonas;

P. longicaudatus: estado do Mato Grosso (Moojen, 1952);

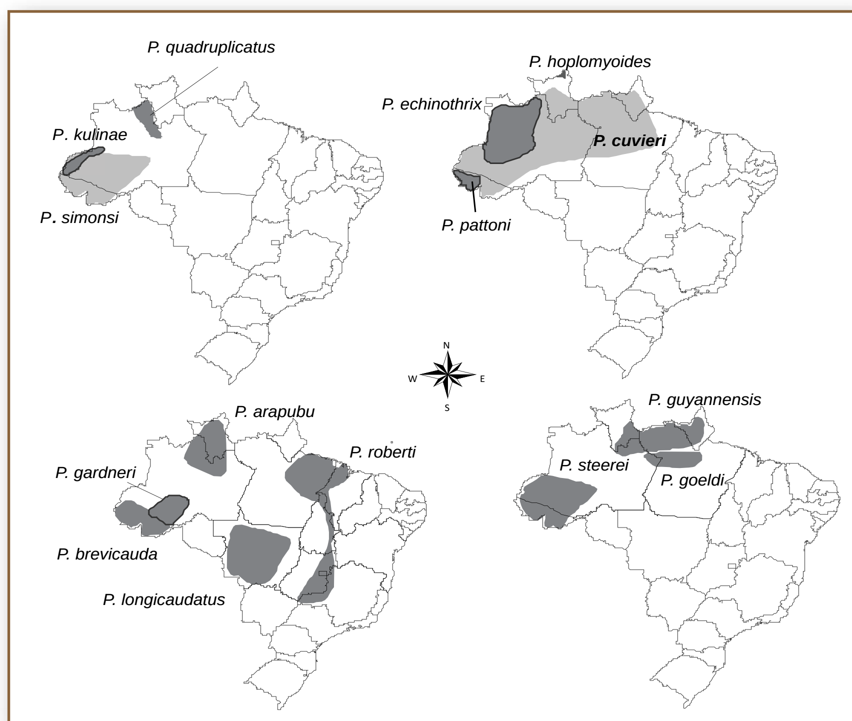
P. pattoni: Alto Rio Juruá, estado do Acre (Patton *et al*., 2000);

P. quadruplicatus: estado do Amazonas (Bonvicino *et al*., 2005);

P. roberti: oeste do estado de Minas Gerais e nos estados de Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará (Weksler *et al*., 2001);

P. simonsi: oeste da bacia Amazônica no Alto Rio Urucu, no Amazonas, e ao longo do Rio Juruá;

P. steerei: estados do Acre e Amazonas, até a margem oeste do Rio Negro, ao norte do Rio Solimões.



Mapa 68. Distribuição das espécies de *Proechimys* no Brasil.

GÊNERO *THRICHOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA EUMYSOPINAE



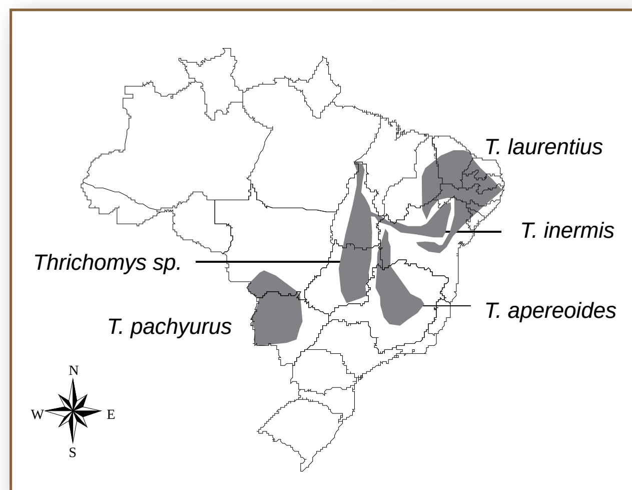
Figura 49. *Thrichomys pachyurus*.

Descrição: tamanho médio a grande, comprimento da cauda ligeiramente menor que o do corpo. Pelagem macia, sem pêlos aristiformes. Coloração do dorso cinza ou castanha. Superfície ventral branca, com limite bem definido com as laterais do corpo, que são um pouco mais claras que o dorso. Anel de pêlos brancos ao redor dos olhos. Cauda densamente pilosa, que pode estar ausente devido à facilidade com que se rompe. Superfície superior das patas clara, dígitos com pêlos ungueais claros. Três pares de mamas.

Espécies no Brasil: *Thrichomys apereoides, Thrichomys inermis, Thrichomys laurentius, Thrichomys pachyurus* e *Thichomys* sp.

Medidas (presente estudo):

Táxon (n)	CC	CA	PÉ	O	MC
T. apereoides (3)	203,6 197-209	169,3 164-179	45,6 45-46	23 22-24	266,6 10-300
T. inermis (10)	193 181-223	187 156-253	40,3 37-43	23,3 21-26	194 115-255
T. laurentius (17)	197,7 125-240	185,2 214-135	41,9 44-39	21,1 25-19	187,4 365-120
T. pachyurus (14)	219,4 165-251	189,5 232-160	46,7 50-43	18,7 21-18	330 170-450



Mapa 69. Distribuição das espécies de *Thrichomys* no Brasil.

Hábito e hábitat: terrestre e semi-arborícola, diurno e noturno, mas preferencialmente crepuscular (Streilen, 1982). Habita áreas abertas e florestais da Caatinga, do Cerrado e do Pantanal.

Distribuição no Brasil:

T. apereoides: estados de Minas Gerais, Goiás e Bahia;

T. inermis: estados da Bahia e do Tocantins (Carvalho & Fagundes, 2005);

T. laurentius: do estado do Ceará ao da Bahia (Bonvicino et al., 2002);

T. pachyurus: estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Braggio & Bonvicino, 2004);

Thichomys sp.: estados do Tocantins, de Goiás e no Distrito Federal (Braggio & Bonvicino, 2004).

GÊNERO *TOROMYS*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE

Descrição: tamanho muito grande, cauda freqüentemente menor que o comprimento do corpo. Coloração geral do dorso dourada e negra, cabeça escura riscada de dourado. Superfície ventral variando de amarelo-dourada a amarela. Cauda sem tufo na ponta e sem escamas visíveis, com uma pequena porção proximal da mesma cor do dorso e o restante coberto por pêlos pretos. Superfície superior das patas variando de preta a castanho-escura, coberta com pêlos pretos e pêlos com banda dourada; dígitos com tufos ungueais escuros.

Espécies no Brasil: *Toromys grandis*.

Medidas (Iack-Ximenes *et al.*, 2005):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)
T. grandis	303 (45) 275-354	285,1 (42) 244–361	52,8 (45) 40-65	19,4 (27) 15-25

Hábito e hábitat: arborícola. Habita principalmente as proximidades de água em matas de várzea.

Distribuição no Brasil:

T. grandis: estados do Pará e Amazonas, ao longo de ambas as margens do Rio Amazonas, no Baixo Rio Solimões, e no baixo e médio curso do Rio Tapajós (Iack-Ximenes *et al.*, 2005).



Mapa 70. Distribuição de *Toromys grandis*.

GÊNERO *TRINOMYS*

ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA ECHIMYIDAE, SUBFAMÍLIA EUMYSOPINAE



Figura 50. *Trinomys dimidiatus.*

Descrição: tamanho médio a grande, cauda igual ou ligeiramente menor que o comprimento do corpo, podendo estar ausente devido à facilidade com que se rompe. Pelagem espinhosa devido à presença de pêlos-guarda aristiformes. Coloração geral do dorso castanho-alaranjada, tracejada de preto por pêlos-guarda escuros, mais clara nas laterais. Limite bem definido entre as laterais e a superfície ventral, que é totalmente branca. Cauda com pêlos curtos que não ocultam as escamas, sendo usualmente escura na superfície superior e clara na parte inferior. Superfície superior das patas clara, dígitos com pêlos ungueais claros.

Espécies no Brasil (arranjo taxonômico proposto por Iack-Ximenes, 2005): *Trinomys albispinus, Trinomys bonafidei, Trinomys dimidiatus, Trinomys elegans, Trinomys eliasi, Trinomys iheringi, Trinomys minor, Trinomys mirapitanga, Trinomys moojeni, Trinomys panema, Trinomys paratus, Trinomys setosus* e *Trinomys yonenagae*.

Medidas (Moojen, 1948[a]; Pessoa *et al.*, 1992[b]; Pessoa & Reis, 2002[c]; Lara *et al.*, 2002[d]; presente estudo[e]):

Táxon	CC (n)	CA (n)	PÉ (n)	O (n)	MC (n)
T. albispinus [c]	(10) 153-190	(10) 148-175	(10) 37-42	(10) 22-30	(10) 120-230
T. bonafidei [e]	182 (6) 150-215	148 (6) 120-195	48 (4) 47-49	25 (6) 22-28	201 (4) 160-250
T. dimidiatus	199 (19) [a] 180-220	170 (19) [a] 150-195	46 (19) [a] 44-50	26 (6) [b] 24-27	200 (6) [e] 180-227
T. elegans [e]	190 (10) 169-109	205 (10) 185-225	48 (10) 44-52	26 (10) 24-27	197 (6) 140-235
T. eliasi [e]	190 (6) 170-205	209 (6) 180-231	52 (6) 50-54	29 (6) 25-31	229 (6) 195-260
T. iheringi	201 (24) [a] 185-220	191 (24) [a] 170-242	49 (24) [a] 43-54	26,5 (6) [e] 22-29	198,3 (6) [e] 139-233
T. minor [e]	166 (5) 152-184	161 (5) 155-176	39 (5) 37-42	24 (5) 23-25	146 (4) 134-156
T. mirapitanga [d]	225	185	48	27	-
T. moojeni [b]	(7) 151-180	(7) 144-172	(7) 40-44	(7) 21,5-25	-
T. panema [e]	227 (8) 203-277	178 (7) 150-202	47 (7) 42-52	25 (8) 23-26	256 (3) 240-272
T. paratus [e]	224,7 (6) 215-246	213,2 (5) 195-222	52,3 (6) 51-54	28,5 (6) 26-31	279,5 (6) 225-350
T. setosus [e]	191 (5) 150-219	197 (5) 168-230	48,6 (5) 45-52	25 (5) 22-29	184,3 (3) 113-235
T. yonenagae [b]	187-195 (2)	170-195 (2)	48-51 (2)	27 (2)	-

Hábito e hábitat: terrestre. Habita áreas florestadas da Mata Atlântica e áreas de transição com o Cerrado e com a Caatinga.

Distribuição no Brasil:

T. albispinus: estados da Bahia, Sergipe e Minas Gerais (Iack-Ximenes, 2005);

T. bonafidei: parte do estado do Rio de Janeiro;

T. dimidiatus: estado do Rio de Janeiro e norte do estado de São Paulo (Pessoa *et al*., 1992);

T. elegans: porção centro-sul do estado de Minas Gerais (Iack-Ximenes, 2005);

T. eliasi: parte do estado do Rio de Janeiro (Pessoa & Reis, 1993);

T. iheringi: oeste do estado do Rio de Janeiro, litoral do estado de São Paulo (Iack-Ximenes, 2005) até o norte do Paraná (Cáceres *et al.*, 2000);

T. minor: estados da Bahia e de Minas Gerais (Iack-Ximenes, 2005);

T. mirapitanga: estado na Bahia (Lara *et al.*, 2002);

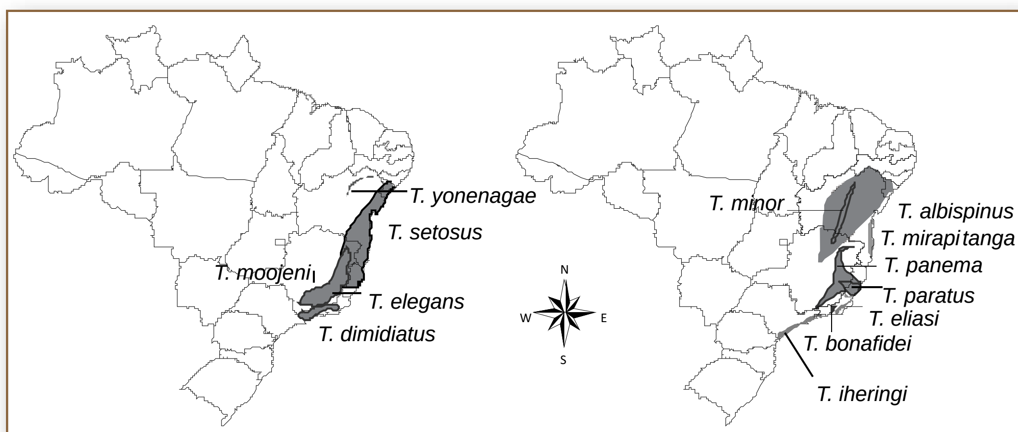
T. moojeni: parte do estado de Minas Gerais (Correa *et al.*, 2005);

T. panema: leste do estado de Minas Gerais, centro-sul do estado do Espírito Santo e extremo sudoeste do estado do Rio de Janeiro (Iack-Ximenes, 2005);

T. paratus: parte dos estados do Espírito Santo e de Minas Gerais (Pessoa & Reis, 1996);

T. setosus: do estado de Sergipe ao do Espírito Santo e leste do estado de Minas Gerais (Iack-Ximenes, 2005);

T. yonenagae: dunas do estado da Bahia, na margem esquerda do Rio São Francisco (Rocha, 1995).



Mapa 71. Distribuição das espécies de *Trinomys*.

GÊNERO *MYOCASTOR*
ORDEM RODENTIA, FAMÍLIA MYOCASTORIDAE



Figura 51. *Myocastor coypus.*

Descrição: tamanho muito grande, cauda menor que o comprimento do corpo, revestida de pêlos curtos que não ocultam as escamas. Pelagem adaptada para a vida aquática, densa, macia e com o codário lanoso. Coloração geral amarelo-acinzentada, tracejada com pêlos pretos, com uma mancha amarela sob as orelhas. Superfície ventral branca e laterais do corpo castanho-amareladas. Patas anteriores com quatro dígitos desenvolvidos, com garras fortes, e pólex rudimentar. Patas posteriores com o quinto dedo livre, os demais unidos por membrana.

Espécies no Brasil: *Myocastor coypus*.

Medidas (Moojen, 1952):

Táxon	CC	CA	PÉ	O	MC
M. coypus	600	450	120	32-35	1000-1080

Hábito e hábitat: aquático.

Distribuição no Brasil:
M. coypus: estados do Rio Grande do Sul (Moojen, 1952) e Santa Catarina (Cherem *et al*., 2004). Essa espécie foi introduzida por criadores no estado de São Paulo, encontrando-se hoje em estado silvestre nos arredores de Campinas, onde parece ter-se adaptado bem, sendo facilmente capturada em pastos alagados.



Mapa 72. Distribuição de *Myocastor coypus* no Brasil.



REFERÊNCIAS

Abravaya JP & JO Matson. 1975. Notes on a Brazilian mouse, *Blarinomys breviceps* (Winge). Contributions in Science Natural History Museum of Los Angeles County 270: 1-8.

Allen JA & FM Chapman. 1893. Article II. On a second collection of mammals from the island of Trinidad, with description of a new species, and a note on some mammals from the island of Dominica, W. I. American Museum of Natural History 5: 203-234.

Allen JA. 1914. Review of the genus *Microsciurus*. Bulletin of the American Museum of Natural History 33: 145-165.

Allen JA. 1915. Review of the South American *Sciuridae*. Bulletin of the American Museum of Natural History 34: 147-309.

Anderson S. 1997. *Mammals of Bolivia, taxonomy and distribution*. Bulletin of the American Museum of Natural History, 231: 1-652.

Andrade AFB de, CR Bonvicino, DC Briani & S Kasahara. 2004. Karyologic diversification and phylogenetic relationships of the genus *Thalpomys* (Rodentia, Sigmodontinae). Acta Theriologica 49(2): 181-190.

Anthony HE & GHH Tate. 1935. Notes on South American Mammalia. No. 1, *Sciurillus*. American Museum Novitates 780: 1-13, map.

Avila-Pires FD. 1972. A new subspecies of *Kunsia fronto* (Winge, 1888) from Brazil (Rodentia, Cricetidae). Revista Brasileira de Biologia 32(3): 419-422.

Avila-Pires FD & MRC Wutke. 1972. Taxonomia e evolução de Clyomys Thomas, 1916 (Rodentia, Echimyidae). Revista Brasileira de Biologia 41(3): 529-534.

Barlow JC. 1965. Land mammals from Uruguay. Ecology and zoogeography. Tese de Doutorado. University of Kansas.

Barlow J. 1969. Observation on the biology of rodents from Uruguay. Toronto, Canadá: Royal Ontario Museum Publications in life Sciences.

Bezerra A. 2003. Variabilidade morfológica e status taxonômico das amostras populacionais do gênero *Clyomys* (Rodentia: Echimyidae). Dissertação de mestrado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 89 p.

Blainville HMD de. 1826. Sur une nouvelle espéce de rongeur fouisseur du Brésil. Nouveau Bulletin des Sciences par la Société Philomatique de Paris, Apr.: 62-64.

Bonvicino CR. 1994. Especiação do rato d'água *Nectomys* (Rodentia, Cricetidae). Abordagem cariológica, morfológica e geográfica. Tese de doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro.

Bonvicino CR. 2003. A new species of *Oryzomys* (Rodentia, Sigmodontinae) of the subflavus group from the Cerrado of Central Brazil. Zeitschrift für Saügertierkunde 68(2): 78-90.

Bonvicino CR & FC Almeida. 2000. Karyotype, morphology and taxonomic status of *Calomys expulsus* (Rodentia: Sigmodontinae). Mammalia 64(3): 339-351.

Bonvicino CR, JA Oliveira, PS D'Andrea & RW Carvalho. 2001. The endemic Atlantic Forest rodent *Phaenomys ferrugineus* (Thomas, 1894) (Sigmodontinae): new data on its morphology and karyology. Boletim do Museu Nacional 467: 1-12.

Bonvicino CR, IB Otazú & PS D'Andrea. 2002. Karyologic evidences of diversification of the genus *Thrichomys* (Rodentia, Echimyidae). Cytogenetics & Genome Research 97: 200-204.

Bonvicino CR, AREAN de Menezes & JA Oliveira. 2003. Molecular and karyologic variation in the genus *Isothrix* (Rodentia, Echimyidae). Hereditas 139: 206-211.

Bonvicino CR, JFS Lima & FC Almeida. 2003. A new species of *Calomys* Waterhouse (Rodentia, Sigmodontinae) from the Cerrado of Central Brazil. Revista Brasileira de Zoologia 20(2): 301-307.

Bonvicino CR, LS Maroja, JA de Oliveira & JR Coura. 2003. Karyology and morphology of *Zygodontomys* (Rodentia, Sigmodontinae) from the Brazilian Amazon, with a molecular appraisal of the phylogenetic relationships of the genus. Mammalia 67(1): 119-132.

Bonvicino CR, B Lemos & M Weksler. 2005. Small mammals of Chapada dos Veadeiros national park (Cerrado of central Brazil). Ecologic, karyologic and taxonomic considerations. Brazilian Journal of Biology 65(3): 395-406.

Braggio E & CR Bonvicino. 2004. Molecular Divergence in the genus *Thrichomys* (Rodentia, Echimyidae). Journal of Mammalogy 85(2): 316-320.

Cabrera A. 1961. Catalogo de los mamíferos de America del Sur. Revista del Museo Argentino de Ciencias Naturales “Bernardino Rivadavia” 4(2): 309-732.

Cáceres MC, JJ Cherem, ME Graipel. 2008. Distribuição geográfica de mamíferos terrestres na Região Sul do Brasil. Ciência e Meio Ambiente 35: 167-180.

Carmignotto AP. 2004. Pequenos mamíferos do bioma Cerrado: padrões faunísticos locais e regionais. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 383 p.

Carvalho AH & V Fagundes. 2005. Área de ocorrência de três táxons do gênero *Thrichomys* (Echymyidae, Rodentia) baseados na identificação cariotípica. Resumos do III Congresso Brasileiro de Mastozoologia. Resumo 317, p. 102. Aracruz, ES.

Castro EC, MS Mattevi, SW Maluf & LFB Oliveira. 1991. Distinct centric fusions in different populations of *Deltamys kempi* (Rodentia, Cricetidae) from South America. Cytobios 68: 153-159.

Cherem JJ. 2005. Registros de mamíferos não voadores em estudos de avaliação ambiental no sul do Brasil. Biotemas 18(2): 169-202.

Cherem JJ, ME Graipel, K Abati, MP Moraes & T Moreira. 2005. Registro de *Abrawayaomys ruschii,* Cunha e Cruz, 1979 (Rodentia, Sigmodontinae) para o estado de Santa Catarina, sul do Brasil. Resumos do III Congresso Brasileiro de Mastozoologia. Resumo 347, p. 110. Aracruz, ES.

Cherem JJ, PC Simões-Lopes, JJAltholff, ME Graipel. 2004. Lista dos mamíferos do estado de Santa Catarina, sul do Brasil. Mastozoologia Neotropical 11(2): 151-184.

Christoff AU. 1997. Contribuição à sistemática das espécies do gênero *Akodon* (Rodentia: Sigmodontinae) do leste do Brasil: estudos anatômicos, citogenéticos e de distribuição geográfica. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 163 p.

Christoff AU, V Fagundes, IJ Sbalqueiro, MS Mattevi & Y Yonenaga-Yassuda. 2000. Description of a new species of *Akodon* (Rodentia: Sigmodontinae) from southern Brazil. Journal of Mammalogy 81: 838-851.

Costa LP. 2003. The historical bridge between the Amazon and the Atlantic Forest of Brazil: a study of molecular phylogeography with small mammals. Journal of Biogeography 30: 71-86.

Costa LP, SE Pavan, YR Leite & V Fagundes. 2007. A new species of *Juliomys* (Mammalia: Rodentia: Cricetidae) from the Atlantic forest of southeastern Brazil. Zootaxa 1463: 21-37.

Eisenbergh JF & KH Redford. 1999. Mammals of the neotropics, the central neotropics: Ecuador, Peru, Bolivia, Brasil. Vol 3. University of Chicago Press, Chicago. 609 p.

Emmons LH & F Feer. 1990. Neotropical Rainforest Mammals. A Field Guide. The University of Chicago Press, Chicago. 281 p.

Emmons LH & F Feer. 1997. Neotropical Rainforest Mammals. A Field Guide. 2ª edição. The University of Chicago Press, Chicago, 307 p.

Emmons LH & JL Patton. 2005. A new species of *Oryzomys* (Rodentia, Muridae) from Eastern Bolivia. American Museum Novitates 3478: 1-26.

Emmons LH, YLR Leite, D Kock & EP Costa. 2002. A review of the named forms of *Phyllomys* (Rodentia: Echimyidae) with the description of a new species from Coastal Brazil. American Museum Novitates 3380: 1-40.

Fonseca GAB, G Hermann, YLR Leite, RA Mittermeier, AB Rylands & JL Patton. 1996. Lista anotada dos mamíferos do Brasil. Occasional Papers in Conservation Biology 4: 1-38

Freitas TRO de. 1995. Geographic distribution and conservation of four species of the genus *Ctenomys* in Southern Brazil. Studies on Neotropical Fauna and Environment 30(1): 53-59.

Freitas TRO de. 2001. Tuco-tucos (Rodentia, Octodontidae) in Southern Brazil: *Ctenomys lami* spec. nov. Separated from *C. minutus* Nehring 1887. Studies on Neotropical Fauna and Environment 36(1): 1-8.

Freitas TRO de MS Mattevi & LFB de Oliveira. 1983. G- and C-Band karyotype of Reithrodon auritus from Brazil. Journal of Mammalogy 64(2): 318-321.

Gómez-Laverde M, RP Anderson & LF Garcia. 2004. Integrated systematic evaluation of the amazonian genus *Scolomys* (Rodentia, Sigmodontinae). Mammalian Biology 69: 119-139.

Gonçalves PR & JA de Oliveira. 2004. Morphological and genetic variation between two sympatric forms of the genus *Oxymycterus* (Rodentia: Sigmodontinae): an evaluation of hypotheses of differentiation within the genus. Journal of Mammalogy 85: 148-161.

Gonçalves PR, FC Almeida & CR Bonvicino. 2005. A new species of *Wiedomys* (Rodentia: Sigmodontinae) from Brazilian Cerrado. Mammalian Biology 70(1): 46-60.

Gonçalves PR, JA Oliveira, MMO Corrêa & LM Pessôa. 2005. Morphological and cytogenetic analyses of *Bibimys labiosus* (Winge, 1887) (Rodentia, Sigmodontinae): implications for its affinities with the scapteromyine group. In: P Myers & EA Lacey. (Org.). Mammalian Diversification: From Chromosomes to Phylogeography (A Celebration of the Career of James L. Patton). University of California Publications in Zoology, Berkeley 133: 175-209.

González EM, A Langguth & LF de Oliveira. 1998. A new species of *Akodon* from Uruguay and southern Brazil (Mammalia: Rodentia: Sigmodontinae). Comunicaciones Zoológicas Museo Historia Natural de Montevideo 12(191): 1-8.

González EM & JA Oliveira 1997. La distribución geográfica de *Wiedomys pyrrhorhinos* (Wied, 1821) y *Wilfredomys oenax* (Thomas, 1928) (Rodentia: Muroidea). Resumos da XII Jornadas Argentinas de Mastozoologia, Mendoza. v. 1.

González E & U Pardiñas. 2002. *Deltamys kempi*. Mammalian Species 711: 1-4.

Gyldenstolpe N. 1932. A manual of neotropical sigmodontine rodents. Kungl. Svenska Volenskapsakademiens Handlingar, tredje serien, 11(3): 1-164 + 18 pls.

Hershkovitz P. 1960. Mammals of Northen Colômbia, preliminary report nº 8: arboreal rice rats, a systematic revision of the subgenus *Oecomys*, genus *Oryzomys.* Proceedings of the United States Museum 110(3420): 513-569.

Hershkovitz P. 1962. Evolution of Neotropical cricetine rodents (Muridae) with special reference to the phyllotine group. Fieldiana Zoology 46:1-524.

Herhkovitz P. 1966. South American swamp and fossorial rats of the scapteromyine group (Cricetidae, Muridae) with comments on the glans pênis in murid taxonomy. Zeitschrift für Säugetierkunde 31(2): 81-149.

Hershkovitz P. 1990. Mice of the *Akodon boliviensis* size class (Sigmodontinae, Cricetidae), with the description of two new species from Brazil. Fieldiana Zoology, n.s. 57: 1-35.

Hershkovitz P. 1993. A new Central Brazilian genus and species of sigmodontine rodent (Sigmodontinae) transitional between akodonts and oryzomyines, with a discussion of muroid molar morphology and evolution. Fieldiana Zoology, n.s. 75: 1-18.

Hershkovitz P. 1998. Report on some sigmodontine rodents collected in southeastern Brazil with descriptions of a new genus and six new species. Bonner Zoologicher Beitrage 47: 193-256.

Iack-Ximenes GE. 1999. Sistemática da família Dasyproctidae Bonaparte, 1838 (Rodentia, Hystricognathi) no Brasil. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 429 p.

Iack-Ximenes GE. 2005. Revisão de *Trinomys* Thomas, 1921 (Rodentia: Echimyidae). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Iack-Ximenes GE, M de Vivo & AR Percequillo. 2005. A new genus for *Loncheres grandis* Wagner, 1845, with taxonomic comments on other arboreal echimyids (Rodentia, Echimyidae). Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro 63(1): 89-112.

Langguth A & CR Bonvicino. 2002. The *Oryzomys subflavus* species group, with description of two new species (Rodentia, Muridae, Sigmodontinae). Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro 60(4): 285-294.

Lara M, JL Patton & E Hingst-Zaher. 2002. *Trinomys mirapitanga*, a new species of spiny rat (Rodentia: Echimyidae) from the Atlantic forest. Mammalian Biology 67: 233-242.

Leite YLR. 2003. Evolution and systematics of the Atlantic tree rats, genus *Phyllomys* (Rodentia, Echimyidae), with description of two new species. University of California Press Publications in Zoology 132: 1-118.

Locks M. 1981. Nova espécie de *Oecomys* de Brasília, DF, Brasil (Cricetidae, Rodentia). Boletim do Museu Nacional, Zoologia 300: 1-7.

Mares MA, Braun JK & Gettinger D. 1989. Observation on the distribution and ecology of the mammals of the Cerrado grasslands of Central Brazil. Annals of Carnegie Museum 58: 1-60.

Mares M & Braun JK. 2000. Three new species of *Brucepattersonius* (Rodentia: Sigmodontinae) from Missiones province, Argentina. Occasional Papers Sam Noble Oklahoma Museum of Natural History 9: 1-13.

Marinho-Filho J, FHG Rodrigues & M Guimarães. 1998. Vertebrados da Estação Ecológica de Águas Emendadas - história natural e ecologia em um fragmento de Cerrado do Brasil Central. Semam/Ibama, Brasília, DF.

Massoia E. 1961. Notas sobre los cricétidos de la Selva marginal de Punta Lara (mammalia, Rodentia). Publicaciones Del Museu Municipal de Ciências Naturales y Tradicional Del Mar Del Plata 194: 115-124.

Massoia E. 1964. Sistemática, distribución geografica y rasgos etoecológicos de *Akodon (Deltamys) kempi* (Rodentia, Cricetidae). Physis 24: 299-305.

Miller LM & S Anderson. 1977. Bodily proportions of Uruguayan myomorph rodents. American Museum Novitates 2615: 1-10.

Miranda-Ribeiro A. 1918. *Dinomys pacarana?* Arquivos da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária 2: 13-15.

Moojen J. 1942. Sobre os "ciurídeos" das coleções do Museu Nacional, do Departamento de Zoologia de S. Paulo e do Museu Paraense Emílio Goeldi. Boletim do Museu Nacional, Zoologia 1: 55.

Moojen J. 1948. Speciation in the Brazilian spiny rats (genus *Proechimys,* family Echimyidae). University of Kansas Publications 1: 301-406.

Moojen J. 1952. Os roedores do Brasil. Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro. 214 p.

Moojen J. 1965. Novo gênero de Cricetidae do Brasil Central (Glires, Mammalia). Revista Brasileira de Biologia 25(3): 281-285.

Moojen J & M Silva-Jr. 1942. Roedores domésticos e silvestres: sua relação com a peste e normas gerais da respectiva caracterização específica. Arquivos de Higiene 12: 145-167.

Moojen J, M Looks & A Langguth. 1997. A new species of *Kerodon* Cuvier, 1825 from the state of Goiás, Brazil (Mammalia, Rodentia, Caviidae). Boletim do Museu Nacional, Zoologia, Rio de Janeiro 377: 1-10.

Musser GG & MD Carleton. 2005. Superfamily Muroidea. In: Wilson DE & Reeder DM (Eds.). Mammals species of the World, a taxonomic and geographic reference. Terceira edição, Vol. 2. The Johns Hopkins University Press, Baltimore. (xvii+744-2142). p. 894-1531.

Musser GG, MD Carleton, ER Brother & AL Gardner. 1998. Systematic studies of oryzomyine rodents (Muridae, Sigmodontinae): diagnoses and distributions of species formely assigned to *"Oryzomys capito"*. Bulletin of the American Museum of Natural History 236: 1-367.

Myers P & MD Carleton. 1981. The species of *Oryzomys (Oligoryzomys)* in Paraguay and the identity of Azara´s "Rat sixième ou Rat à tarse Noir". Miscellaneous Publications, Museum of Zoology, University of Michigan 1-41.

Myers P & JL Patton. 1989. *Akodon* of Peru and Bolivia - Revision of the *fumeus* group (Rodentia: Sigmodontinae). Occasional Papers of the Museum of Zoology, The University of Michigan 721: 1-35.

Nowak RM & JL Paradiso. 1983. Walker's mammals of the world. Volume I. 4th edition. The John Hopkins University Press, Baltimore. pg 569- 1362.

Oliveira JA de. 1998. Morphometric assessment of species groups in the South American rodent genus *Oxymycterus* (Sigmodontinae), with taxonomic notes base on the analysis of type material. Tese de doutorado, Texas Tech University, 320 p.

Oliveira JA & CR Bonvicino. 2002. A new species of sigmodontine rodent from the Atlantic forest of eastern Brazil. Acta Theriologica 47: 307-322.

Oliveira JA & CR Bonvicino. 2006. Ordem Rodentia. Capítulo 12, pp. 347-400. Em: Mamíferos do Brasil, NR Reis, AL Peracchi, WA Pedro & IP Lima (Eds), Londrina, PR. 437p

Olmos F, M Galetti, M Pashoal & SL Mendes. 1993. Habits of the southern Bamboo Rat, *Kannabateomys amblyonyx* (Rodentia, Echimyidae) in Southeastern Brazil Mammalia 57: 325-333.

Orlando L, J-F Mauffrey, J Cusin, JL Patton, C Hänni & F Catzeflis. 2003. Napoleon Bonaparte and the fate of an Amazonian rat: new data on the taxonomy of *Mesomys hispidus* (Rodentia: Echimyidae). Molecular Phylogenetics and Evolution 27: 113-120.

Pardiñas UFJ, G D´Elia & S Cirignoli. 2003. The genus *Akodon* (Muroidea: Sigmodontinae) in Misiones, Argentina. Mammalian Biology 68: 129-143.

Patterson BD. 1992. Mammals in the Royal Natural History Museum, Stockholm, collected in Brazil and Bolivia by A.M. Olalla during 1934-1938. Fieldiana Zoology, n.s. 66: 1-42.

Patton JL & MNF da Silva. 1995. A review of the spiny mouse genus *Scolomys* (Rodentia, Muridae, Sigmodontinae) with the description of a new species from the western Amazon of Brazil. Proceedings of the Biological Society of Washington 108(2): 319-337.

Patton JL, MNF da Silva & JR Malcolm. 2000. Mammals of the Rio Juruá and the evolutionary and ecological diversification of Amazonia. Bulletin of the American Museum of Natural History 244: 1-306.

Percequillo AR, PR Gonçalves & JA Oliveira. 2004. The rediscovery of *Rhagomys rufescens* (Thomas, 1886), with a morphological redescription and comments on its systematic relationships base on morphological and molecular (Cytochrome b) characters. Mammalian Biology 69(4): 238-257.

Percequillo AR, AP Carmignotto & MJ de J Silva. 2005. A new species of *Neusticomys* (Ichthyomyini, Sigmodontinae) from Central Brazilian Amazonia. Journal of Mammalogy 86(5): 873-880.

Pérez-Zapata A, D Lew, M Aguilera & OA Reig. 1992. New data on the systematics and karyology of *Podoxymys roraimae* (Rodentia, Cricetidae). Zeitschrift für Säugetierkunde 57: 216-224.

Pessôa LM & Reis SF dos. 1993. A new subspecies of *Proechimys iheringi* Thomas (Rodentia: Echimyidae) from the state of Rio de Janeiro, Brazil. Zeitschrift für Saugetierkunde 58: 181-190.

Pessôa LM & SF dos Reis. 2002. *Proechimys albispinus*. Mammalian species 693: 1-13.

Pessôa LM, JA de Oliveira & SF Reis. 1992. A new species of spine rat genus Proechimys, subgenus Trinomys (Rodentia: Echimyidae). Zeitschrift für Saugetierkunde 57: 39-46.

Pessôa LM, MM de O Corrêa, E Bitencourt & SF dos Reis. 2005. Chromosomal characterization of taxa of the genus *Trinomys* Thomas, 1921 (Rodentia: Echimyidae) in the states of Rio de Janeiro and São Paulo. Arquivos do Museu nacional, Rio de Janeiro 63(1): 161-168.

Pinheiro PS, PA Hartmman & L Geise. 2004. New records of *Rhagomys rufescens* (Thomas 1886) (Rodentia: Muridae: Sigmodontinae) in Atlantic Forest of Southeastern Brazil. Zootaxa 431: 1-11.

Pinto OMO. 1931. Ensaio sobre a fauna de Sciurideos do Brasil, consoante sua representação nas coleções do Museu Paulista. Revista do Museu Paulista 17: 263-319.

Reig OA, JR Contreras & M Piantanida. 1965. Contribución a la elucidación de la sistemática de las entidades del género *Ctenomys* (Rodentia, Octodontidae). I. Relaciones de parentesco entre muestras de ocho poblaciones de tuco-tucos inferidas del estudio estadístico de variables del fenotipo y su correlación con las características del cariotipo. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Ciencias Exactas y Naturales. Contribuciones Científicas, Zoología 2(6): 299-352.

Reis SF & LM Pessôa. 1995. *Proechimys albispinus minor*, a new subspecies from the state of Bahia, northeastern Brazil (Rodentia, Echimyidae). Zeitschrift für Säugetierkunde 60: 237-242.

Sanborn CC. 1931. Notes on *Dinomys*. Field Museum of Natural History, Zoological Series 18: 149-155.

Sierra de Soriano B. 1960. Elementos constitutivos de una habitación de *Myocastor coypus bonariensis* (Geoffroy), "nutria". Revista de la Faculdad de Humanidades y Ciências de la Universidad de la República Uruguaya 18: 257-276.

Silva CR, AR Percequillo, GE Iack-Ximenez & M de Vivo. 2003. Mammalia 67(1): 147-152.

Silva Júnior JS & AP Nunes. 2000. An extension of the geographical distribution of *Dactylomys dactylinus* Desmarest, 1822 (Rodentia, Echimyidae). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Zoologia 16(1): 65-73.

Streilen KE. 1982. Ecology of small mammals in semiarid Brazilian Caatinga. II - water relations. Annals of Carnegie Museum 51: 109-126.

Streilen KE. 1982a. Ecology of small mammals in the semiarid Brazilian Caatinga. I. Climate and faunal composition. Annals of Carnegie Museum 51: 79-107.

Streilen KE. 1982b. Ecology of small mammals in the semiarid Brazilian Caatinga. IV. Habitat selection. Annals of Carnegie Museum 51: 331-343.

Tate GHH. 1939. The mammals of Guiana region. Bulletin of the American Museum of Natural History 76: 151-229.

Thorington Jr RW & RS Hoffmann. 2005. Family Sciuridae. In: Wilson DE & Reeder DM (Eds.). Mammals species of the World, a taxonomic and geographic reference. Terceira edição, Vol. 2. The Johns Hopkins University Press, Baltimore. (xvii+744-2142). p. 754-818.

Travi VH. 1981. Nota prévia sobre nova espécie do género *Ctenomys* Blainville, 1826 (Rodentia, Ctenomyidae). *Iheringia*, Zoologia 60: 123-124.

Tribe CJ. 1996. The Neotropical rodent genus *Rhipidomys* (Cricetidae: Sigmodontinae) - a taxonomic revision. Tese de doutorado, University College London, 316 p.

Vaz SM. 2000. Sobre a distribuição geográfica de *Phaenomys ferrugineus* (Thomas) (Rodentia, Muridae). Revista Brasileira de Zoologia 17(1): 183-186.

Vié JC, V Volobouev, JL Patton & L Granjon. 1996. A new species of *Isothrix* (Rodentia: Echimyidae) from French Guiana. *Mammalia* 60(3): 393-406.

Vieira COC. 1948. Nova contribuição ao conhecimento dos mamíferos do Rio Juruá. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi 10: 239-274.

Vilela JF. 2005. Filogenia molecular do gênero *Brucepattersonius* (Rodentia: Sigmodontinae) com uma análise filogeográfica de *B. griserufescens*. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Vilela JF, JA Oliveira & CR Bonvicino. 2006. Taxonomic status of *Brucepattersonius albinasus* (Rodentia: Sigmodontinae). Zootaxa 1199: 61-68.

Voss RS. 1993. A revision of the Brazilian muroid rodent genus *Delomys* with remarks on "Thomasomyine" characters. American Museum Novitates 3073: 1-44.

Voss RS. 1988. Systematics and ecology of ichthyomyine rodents (Muroidea): patters of morphological evolution in a small adaptative radiation. Bulletin of the American Museum of Natural History 188: 259-493.

Voss RS. 1991. An introduction to the *Neotropical* Muroid rodent genus *Zygodontomys*. Bulletin of the American Museum of Natural History 230: 1-133.

Voss RS & P Myers. 1991. *Pseudoryzomys simplex* (Rodentia, Muridae) and the significance of Lund's collections from the caves of Lagoa Santa, Brazil. Bulletin of the American Museum of Natural History 206: 414-432.

Voss RS & MD Carleton. 1993. A new genus for *Hesperomys molitor* Winge and *Holochilus magnus* Hershkovitz, with comments on phylogenetic relationships and oryzomyine monophyly. American Museum of Novitates 3085: 1-39.

Voss RS & R Angerman. 1997. Revisionary notes on *Neotropical porcupines (Rodentia: Erethizontidae)*. 1. Type material described by Olfers (1818) and Kuhl (1820) in the Berlin Zoological Museum. American Museum Novitates 3214: 1-44.

Voss R, DP Lunde & NB Simmons. 2001. The mammals of Paracou, French Guiana: a Neotropical lowland rainforest fauna. Part 2. Nonvolant species. Bulletin of the American Museum of Natural History 263: 1-236.

Wagner JA. 1848. Beiträge zur Kenntniss der Arten von *Ctenomys*. Archiv für Naturgeschichte 14(1): 72-78.

Weksler M & CR Bonvicino. 2005. Taxonomy of pigmy rice rats (genus *Oligoryzomys,* Rodentia: Sigmodontinae) of the Brazilian Cerrado, with the description of two new species. Arquivos do Museu Nacional 63(1): 113-130.

Weksler M, AR Percequillo & RS Voss. 2006. Ten new genera of *Oryzomyine rodents* (Cricetidae, Rodents). American Museum of Novitates 3537: 1-29.

Weksler M, CR Bonvicino, IB Otazú & JS Silva Jr. 2001. The status of *Proechimys roberti and P. oris* (Rodentia, Echimyidae) from eastern Amazonia and Central Brazil. Journal of Mammalogy 82(1): 109-122.

Woods CA & CW Kilpatrick. 1995. Infraorder Hystricognathi, p. 1538-1600. In: Wilson DE & Reeder DM (Eds.). Mammals species of the world: a taxonomic and geographic reference. Terceira edição. Vol. 2. Smithsonian Institution.

Ximenez A. 1980. Notas sobre el género *Cavia Pallas* con la descripción de *Cavia magna* sp.n. (Mammalia-Caviidae). Revista Nordestina de Biologia 3 (especial): 145-179.



AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos colegas que cederam fotografias e informações originais. Luiz Flamarion B. Oliveira revisou uma versão anterior do manuscrito e fez diversas sugestões e correções. Mauro Rosa El Khoury sugeriu a elaboração deste guia durante o Curso de Taxonomia e Sistemática de Roedores Silvestres, realizado no Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães (Fiocruz, Recife), no período de 27 de junho a 1º de julho de 2005.

À Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS) que deu todo suporte para essa publicação, que é resultado de uma intensa pesquisa. Os projetos dos autores têm sido contemplados com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ e apoio da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SVS/MS).

CRÉDITOS

Autores
Cibele Rodrigues Bonvicino
João Alves de Oliveira
Paulo Sérgio D'Andrea

Fotos
Maria Olímpia Garcia Lopes - figura 2
Flávia Casado - figura 4
Leila M. Pessoa - figuras 5 e 33
Alexandra Bezerra - figuras 15 e 40
Raimundo Carvalho - figura 22
Thales R. O. de Freitas - figura 23
Cláudio Bidau - figura 35
Leonora Pires Costa - figura 42
Alfredo Langguth - figuras 44 e 45
João Moojen - figuras 14 e 47
João A. de Oliveira - figuras 11, 12, 16, 19, 29, 34, 36, 38, 39 e 46
Cibele R. Bonvicino - figuras 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 37, 41, 43, 48, 49, 50 e 51

Publicação
Coordenação de Comunicação Social
Saúde Pública Veterinária - *PANAFTOSA - OPAS/OMS*
Organização Pan-Americana da Saúde
Organização Mundial da Saúde



Projeto gráfico e programação visual
SB Comunicação
www.sbcomunicacao.com.br

Revisão Ortográfica
Gerdal J. Paula

Impresso no Brasil
Tiragem 1000 exemplares - 2008

Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS/OMS
Saúde Pública Veterinária
Av. Presidente Kennedy, 7778 – CEP: 25040-004
Duque de Caxias – Rio de Janeiro – Brasil
www.panaftosa.org.br



Organização Pan-Americana da Saúde
Escritório Regional para as Américas da Organização Mundial da Saúde
Saúde Pública Veterinária
PANAFTOSA - OPAS/OMS

Apoio: Ministério da Saúde   Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

